

UM NOVO *Amanhecer* ANA CAROLINE





Um novo Amanhecer

Ana Caroline

≡ Copyright 2019 Ana Caroline Viana

Capa: Mari Sales

Revisão: Juju Figueiredo

Diagramação Digital: Juju Figueiredo

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra segue as regras da Nova Ortografia da língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora e editora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Sumário

SUMÁRIO

SINOPSE

UM – VIVIANNE

DOIS – VIVIANNE

TRÊS – IAN GABRIEL

ENZO GABRIEL

QUATRO – VIVIANNE

CINCO – IAN GABRIEL

SEIS – IAN GABRIEL

SETE – VIVIANNE

OITO – VIVIANNE

NOVE – VIVIANNE

DEZ – IAN GABRIEL

ONZE – VIVIANNE

DOZE – VIVIANNE

TREZE – VIVIANNE

QUATORZE – VIVIANNE

QUINZE – IAN GABRIEL

DEZESSEIS – ENZO GABRIEL

DEZESSETE – VIVIANNE

DEZOITO – ENZO GABRIEL

DEZENOVE – VIVIANNE

VINTE – ENZO GABRIEL

VINTE E UM – IAN GABRIEL

BÔNUS – LUCAS HAZARD

VINTE E TRÊS – IAN GABRIEL

VINTE E QUATRO – RAFAELLY

VINTE E CINCO – RAFAELLY

VINTE E SEIS – LUCAS

VINTE E SETE – IAN GABRIEL

VIVIANNE

VINTE E OITO – IAN GABRIEL

ENZO GABRIEL

VINTE E NOVE – RAFAELLY

IAN GABRIEL

TRINTA – IAN GABRIEL

RAFAELLY

IAN GABRIEL

TRINTA E UM – ENZO GABRIEL

IAN GABRIEL

TRINTA E DOIS – RAFAELLY

TRINTA E TRÊS – IAN GABRIEL

TRINTA E QUATRO – LUCAS

TRINTA E CINCO - VIVIANNE

ENZO GABRIEL

VIVIANNE

TRINTA E SEIS – ENZO GABRIEL

TRINTA E SETE – IAN GABRIEL

VIVIANNE

RAFAELLY

TRINTA E OITO – ENZO GABRIEL

VIVIANNE

IAN GABRIEL

RAFAELLY

IAN GABRIEL

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA



Sinopse

Vivianne Velloso ou Vivi, como é conhecida, acabou de se formar em fisioterapia e com isso seu melhor amigo e antiga paixão de adolescência, Enzo Gabriel, acha que ela é a pessoa perfeita para cuidar de seu irmão Ian Gabriel.

Ian sofreu um grave acidente de carro que o fez perder o movimento das pernas e apesar de não ser permanente isso o fez desistir da vida e ele acabou se tornando uma pessoa amargurada e vazia.

Mas nem tudo que parece é o que realmente aconteceu e por trás de um simples acidente, se pode descobrir verdades inimagináveis.

Será o amor capaz de suportar o ódio, traição, ressentimento, amargura, medo e erros do passado?

O amor pode transformar um ser humano para uma pessoa totalmente irreconhecível, mas também pode ser a cura para ela voltar a vida.

Uma amiga, uma paixão, um trabalho e um segredo!

Tudo misturado em uma só trama.

Vamos juntos desvendar os mistérios que rondam este acidente que, querendo ou não, mudou a vida de todos, vamos juntos descobrir a cura de todas as dores e ver "Um novo amanhecer" para cada um deles...



Um – Vivianne

Rio de Janeiro, 2017

Está linda minha festa de formatura. Toda minha família está aqui, minha mãe, minhas tias e tios, minhas madrinhas de batismo. Mas o que me deixa ainda mais feliz é *ele*.

Enzo está aqui e jamais poderia estar mais belo. O terno de bom corte era sim um destaque entre tantos, mas nada se destacava mais que seu sorriso.

Nutrir um amor secreto pelo seu amigo de anos não é nada fácil, confesso. Amo Enzo desde os meus 13 anos, mas "somos SÓ amigos!".

Ninguém pode imaginar como odeio essa frase.

— Você está linda minha filha. — Minha mãe me encarava com os olhos marejados, assim como toda minha família, que sempre torceram muito por mim.

Todos me parabenizaram, com abraços, beijos ou simples olhares de orgulho, que muito diziam.

Enzo foi o último a me parabenizar, caminhando em minha direção quando os demais já haviam cessado as felicitações.

— Você não está linda, está magnífica! — Comentou, olhando-me dos pés à cabeça. Senti-me corar. — E já sei a quem devo chamar para cuidar de mim quando eu adoecer. — Finalizou, em uma brincadeira.

Mal sabia que queria que me chamasse para cuidar dele antes mesmo de sairmos da adolescência.

— Quer parar? Eu não sou enfermeira e sim fisioterapeuta. — Digo, empurrando-o. E, como sempre, me derretendo por sua beleza.

— Então vai ser bem mais fácil, do jeito que sou *porra louca*, daqui a

pouco quebro um braço ou uma perna e você vem com aquele jaleco muito sexy para cuidar de mim. — Diz, piscando o olho e sorrindo de lado.

Aquele sorriso safado que eu amo. É uma pena que não passe de brincadeiras.

— Vou com prazer, bonito. — Brinco. — Mas será que sua boneca loira vai deixar?

Pois é, não havia mencionado que o amor da minha vida já tem o amor da vida dele. E o pior de tudo é que ela é linda, simpática, inteligente, praticamente perfeita.

Sem falar que a Barbie é filha do maior mafioso do Brasil. Enzo, inclusive, odeia que eu me refira a eles como: Enzo e a filha da máfia.

Eles são perfeitos juntos, combinam em cada fibra muscular... E se amam loucamente. O que praticamente me empalha na *zona da amizade* na vida dele.

— Ela fica em segundo plano quando se trata da minha melhor amiga fisioterapeuta, gata e que está extremamente gostosa neste vestido. — Sussurra provocativamente em meu ouvido.

Ele tinha que dizer isso com essa voz rouca e extremamente sexy? Assim esse idiota acaba comigo.

Meus familiares não demoraram muito na formatura. Se despediram, me deixando apenas com Enzo, que foi enfático ao me dizer que precisava *bebemorar*.

Eu neguei, dei risada dos seus planos doidos, mas não consegui dizer não. Às três da manhã aqui estou eu com Enzo, a filha da máfia, Rodrigo, Dara, Miguel e Diogo saindo de uma balada.

Estou absolutamente embriagada, mal consigo segurar o vestido longo e coordenar minhas pernas. Se não fosse Enzo, já teria me estabanado no chão.

Como estamos todos muito bêbados, não houve cena de ciúme por parte

da Barbie, até porque no momento ela está ocupada demais com seu irmão, Rodrigo, tentando carregá-lo.

Preciso dizer que me aproveitei do momento para tirar uma casquinha do Enzo? Então...



— Porra! Que dor de cabeça filha da puta! — Enzo grunhiu, segurando a cabeça.

Ele sempre faz isso em seu momento pós-farra e jura nunca mais beber.

— Pare, amor, eu estou péssima e quero dormir mais. — Rafaelly ronrona.

Reviro os olhos, estressada por acordar com tal cena.

— E eu preciso de silêncio, caso contrário irei expulsar vocês do meu quarto. — Resmungo.

Sim, eles dormiram aqui, ninguém tinha condições de ir para casa e a minha era a mais próxima. E, sim, sou boboca o suficiente para aguentar isso.

Decidida a sair de tal antro arrastei-me até o quarto ao lado, conferindo se todos estavam bem e vivos. Fiz minha higiene matinal no banheiro social e descí para preparar algo para comer. Se alguém conseguisse, depois de tanto álcool.

O tempo passou em um borrão, a maior parte das pessoas já haviam ido embora. O relógio já marcava 13:00h.

Só restaram Enzo e Rafaelly lá em cima. Será que eles morreram de coma alcoólico?

Preocupada, subo para verificar o que estava acontecendo. Quando abro a porta do meu quarto, me deparo com algo nada agradável. Um nó se forma em minha garganta e meus olhos enchem de lágrimas, que não permito cair.

Não era hora de ser fraca.

— É sério isso Enzo Gabriel? Na minha cama? — Grito, chamando atenção do casal, que está seminu na minha cama, se esfregando.

Nesse exato momento, me sinto um grande pedaço de nada. Já é doloroso o bastante vê-lo ao lado dela, mas pegar os dois transando? É provação demais.

— Foi mal Vivi. — Ele apressa-se em levantar, cobrindo-se com o lençol. — Essa garota me deixa louco... E acabo não me contendo.

— Foi mal. — Dou risada, desacreditando. — Foi péssimo! Saíam da minha casa os dois.

Rafaelly não disse nada, mas não pareceu minimamente culpada pela cena. Enzo tentou se desculpar mais uma vez antes de sair, mas não quis ouvi-lo.

Depois que eles se foram tirei toda a roupa de cama e coloquei no lixo

Meu subconsciente insiste em gritar: "Ah, Vivianne, eles só estavam se pegando, e você já deveria estar conformada que ele ama a filha da máfia".

Bem, sim, eu sei que ele a ama. Mas transar com ela na minha cama já é demais. Nem se eu fosse santa aguentaria.

Enzo sabe dos meus sentimentos. Fingi que tudo já passou, que ficou para trás, mas sabe da verdade.

Ele maculou esse lugar, onde só tinha lembranças das nossas noites juntos. Foi depois da nossa primeira vez que contei a ele o quanto eu o amava. Eu sei que misturei as coisas, mas depois que contei a ele fiquei ainda mais apaixonada, pois Enzo me colocou sentada em seu colo, acariciou meus cabelos e disse: *“Eu estou lisonjeado por seu sentimento por mim meu anjo, e me sinto um merda por não poder corresponder. Você é linda, inteligente, perfeita. Você me completa de uma forma que não sei explicar, mas eu sou completamente apaixonado por outra pessoa, e você sabe disso.”*

“— Eu sei! — Disse de cabeça baixa, não por vergonha de ter me

exposto, mas por anseio de esse ser nosso último encontro. Busquei algo que pudesse me justificar: — Mas você sabe que ela é um amor impossível, não é?”

“— Será mesmo que é impossível, anjo? — Eu não tive argumentos para rebatê-lo. Muito menos para impedi-lo de juntar suas roupas e ir embora.”

E olha só onde estamos agora! Ele conseguiu o que queria e ficou com o amor de sua vida, que até aquele momento era impossível para ele. Levando em consideração que a Barbie era noiva do seu irmão. E eu continuo na mesma.

Ian Gabriel é o irmão mais velho de Enzo. Eles foram meus vizinhos inseparáveis, sempre brincávamos juntos. Meus pais foram displicentes comigo em certo tempo, principalmente meu pai, por isso meus vizinhos se tornaram meu refúgio. Ian sempre foi um amor de pessoa, me tratava como se eu fosse de porcelana, e Enzo nunca foi menos que gentil.

Mas tudo começou a mudar quando Ian conheceu Rafaelly no colegial. Ele se transformou, seu mundo era ela. Quase não nos víamos mais, e foi aí que Enzo e eu nos aproximamos. No entanto, ele perdeu o irmão mais velho, e eu, me protetor.

Tudo correu dessa forma, certo tempo passou... Até que um terrível acidente acabou deixando Ian paraplégico. E tudo mudou novamente.

O noivado foi rompido e Enzo ficou com Rafaelly. Até onde sei, ele nunca foi atrás dela, mas a queridinha correu para se consolar com o cunhado.

Eu não tenho mais contato com Ian, na verdade ninguém tem, ele se isolou do mundo e, seu humor pelo que eu soube, é péssimo. Ele se tornou uma pessoa amarga e faz o que nunca imaginei o ver fazer um dia, trata mal todos a sua volta.

Até mesmo a própria mãe não escapa da sua amargura. Dona Olga sempre fora uma mulher muito bonita e elegante, com espessos cabelos castanhos, olhos verdes e expressivos e um sorriso espetacular, assim como seus filhos.

Também raramente a vejo. Da última vez que conversamos ela parecia triste e cansada, e relatou que estava lutando para tirar Ian do quarto e levá-lo ao tratamento. O filho não queria mais se submeter a nada, e o progresso que poderia ter feito em seis anos, acabou não acontecendo.

Quando finalmente consegui dormir naquela noite, fui acordada por pesadelos que envolviam Ian, Rafaelly, Enzo e eu. Por falar no cretino, ao pegar o celular vi uma mensagem sua, um texto enorme me pedindo perdão. Eu nunca conseguia dizer não a ele.



Dois – Vivianne

Seis anos atrás

Ele parece fazer de propósito. Demora uma vida se arrumando e sabe que o irmão ficará irritado se demorarmos. É aniversário de Ian, quero enchê-lo de beijos.

— Caramba, Vivi, para que tanto desespero? — Ele sai do quarto emburrado. — Até parece que a festa vai sair do lugar!

Demoro um instante para recuperar a voz. O sorriso exuberante não está ali, mas os olhos cor de mel, brilhando como um sol, o cheiro amadeirado e os cabelos espessos e castanhos estão, e esse conjunto faz um estrago em meu coração.

— Ei, senhor mal-humorado, não fica assim. — Lhe empurro com o ombro.

A festa de aniversário está muito bonita e elegante, assim como tudo que Olga faz. Já cantamos os parabéns e comemos o bolo, e claro, já enchi o aniversariante gato de beijos.

Enzo estava sentado ao meu lado, em silêncio, observando o irmão socializar. Não parecia nada feliz.

— Sabe que eu te amo. — Ele me olhou, deixando um sorriso escapar. — E, por te amar assim, se você me disser que está saturado e quer ir embora, nós vamos.

— Eu já estou saturado daqui Vivianne — Falou bem rente ao meu ouvido.

— É, eu sei — Revirei os olhos. — Mas estava brincando e não vou a lugar algum com você.

— Sua mentirosa. — Resmungou fazendo uma careta.

— Você não pode deixar seu irmão na mão só porque está com dor de cotovelo. O Ian te ama e você não pode fazer isso com ele.

— Eu sei, Vivi, e eu também amo aquele filho da mãe sortudo. Quero sempre o melhor para ele. Mas e eu? — Enzo diz baixando a cabeça. Eu me aproximo e, acariciando seu rosto, digo: — E desde quando namorar a filha do maior mafioso do Brasil é ter sorte?

Na verdade, eu deveria estar sendo consolada ali, porém, mais uma vez engoli meus sentimentos e fiz o papel de amiga compreensiva. Ainda mais em um caso complicado daqueles.

— Para com isso, eu odeio quando você se refere a ela assim. — Seus olhos se ficaram na loira a sua frente. — Ela é perfeita, Vivi. — A certeza em seu tom machucou meu coração. — Eu durmo e acordo com ela na minha cabeça. E embora eu ame meu irmão, não consigo deixar esse sentimento de lado, mesmo sabendo o quanto ele a ama.

Eu devo ser uma sadomasoquista que gosta de se auto sabotar e sentir dor, porque toda vez que ele diz isso é como se ele enfiasse uma faca no meu coração e mesmo assim eu estou sempre ao lado dele.

Acredito que a esperança é o que me mantém aqui. Um dia ele vai esquecê-la e enfim irá me enxergar.

— Tudo bem Enzo, eu não vou discutir com você. — Me levanto, subitamente cansada de toda aquela novela. — Vou dar um beijo no seu irmão e vou embora. Não te vi indo parabenizá-lo.

— Vai lá com seu grande amigo e não enche mais meu saco — Retrucou sarcasticamente.

— Para de show, Enzo Gabriel, venha logo dar um abraço em seu irmão. — Puxei-o pela mão, caminhando assim em direção a Ian.

— Mas já está se despedindo, pequena? A festa mal começou. — Ian

indagou, naquele tom de voz conciliador. — Para onde quer levar minha menina, Enzo.

— Sua menina? — Enzo riu debochado. — Acho que sua menina está do outro lado da festa, bem animadinha por sinal. — Ele apontou para a pequena pista de dança, onde Rafaelly dançava.

— Deixe ela, está se divertindo — Sorriu, olhando para a garota. Ele a amava perdidamente, dava para notar no brilho dos olhos ao simplesmente olhá-la fazendo coisas triviais. — Deveríamos nos juntar a ela, não acham? E não saírem correndo da festa.

— A culpa é do Enzo. Parece que está de TPM. — Brinquei, fazendo Ian gargalhar e Enzo me encarar de olhos estreitos.

— Pois agora vamos ficar. E vou te obrigar a beber e dançar, sua petulante.

— Eu ainda vou ver os dois casados. — Disse aos risos. — Vocês são tão completos juntos. Saibam que torço para que esse cabeça dura veja logo que não é nada sem você, pequena, e se declare de uma vez.

Senti minhas bochechas esquentarem. Foi extremamente constrangedor, apesar de evidentemente não ser a intenção de Ian. Ele falou como quem diz “boa noite”. Enzo desviou a conversa, despedindo-se do irmão e me puxando de volta para a mesa.

— Isso foi bem constrangedor. — Argumentou já sentado ao meu lado. — Eu odeio quando as pessoas fazem isso com a gente.

— Eu nem ligo mais. — Dou de ombros, mentindo.

Desvio os olhos, e fico torcendo para que ele não perceba que eu realmente espero que um dia ele note e faça o que o irmão disse.

Passamos a maior parte do tempo na pista de dança. Mal bebi, tentando aproveitar o máximo da aproximação de Enzo. Envolvidos pela música e pelo

torpor do álcool, entre uma dança e outra acabamos nos beijando. Não era a primeira vez que acontecia, acabávamos nos pegando em um momento ou outro, mas no dia seguinte voltava a ser a amiga compreensiva. Enzo nunca tocava no assunto, eu muito menos.

Em dado momento sai para ir ao banheiro e ao voltar dei de cara com ele beijando outra menina, na maior cara de pau. Parecia que todos estavam me olhando e rindo de mim.

Fiquei tão indignada e revoltada que a primeira coisa que me passou pela cabeça de fazer foi sair correndo dali. Quando me virei, pronta para sair, bati em um peitoral.

Ao olhar para cima encontrei olhos plácidos e acolhedores. Ele sabe da minha história com Enzo e, com certeza, estava com pena de mim, assim como todos.

— Vem pequena, dança comigo. — Convidou, no intuito de tirar minha atenção do irmão babaca.

— Onde está sua namorada? — Inquiri.

— Ela está por aí — Deu de ombros, já aproximando nossos corpos. — Ficou emburrada do nada. Acho que se desentendeu com o Enzo, eles estavam dançando e do nada ela saiu com cara de quem comeu e não gostou.

Franzi o cenho, estranhando a situação, mas nada disse. Já estava metido demais nessa história. Sem falar na raiva que sentia do Enzo, que conseguia desviar meu foco.

— Então eles brigaram? — Digo, entendendo o motivo de ele estar se enroscando com uma loira parecida com a cunhada.

Ele é doente, só pode! E eu sou mais doente ainda por me submeter a certas coisas.

— Eu não entendo meu irmão. — Ian retruca. — Ele tem você vinte e

quatro horas por dia. Você move mundos e fundos por ele e mesmo assim o idiota prefere se acabar, beber e sair com essas mulheres fáceis. Está sempre lhe magoando. Ele é muito idiota mesmo, deixar escapar uma garota como você.

— Isso quer dizer que você me acha um bom partido senhor Ian Gabriel Braz? — Pergunto em meio a um sorriso. Só Ian para conseguir me fazer sorrir numa hora dessas.

— Claro que sim! — Afirma. — Se a Rafaelly e eu terminarmos hoje, eu invisto em você, pequena. Gata, inteligente, dedicada. Sim, porque tem que ser muito dedicada para se doar cem por cento a um cara que só se dedica setenta e cinco por cento a você. Sabe, pequena, às vezes acho que meu irmão tem um sério distúrbio mental. — Ele ri, me fazendo rir também.

— Ou ele simplesmente é apaixonado por outra pessoa, e por isso é incapaz de me corresponder. — Dou de ombros.

— Duvido. — Desdenha. — Até acho que ele tem uma quedinha pela Rafaelly. Vieram me alertar, acredita? — Engoli em seco, me sentindo tremer, enquanto Ian permanecia calmo e sábio. — Isso seria tão clichê, o irmão mais novo apaixonado pela noiva do irmão mais velho. Não acredito nessa baboseira. O Enzo teria se aberto comigo ou lhe dito algo, não é?

— Na...Não. Acredito que ele a ache bonita, só. A Rafaelly é linda, acho que até eu me apaixonaria por ela. — Sinto-me mal pela mentira, mas não quero causar discórdia alguma.

Essa paixão boba do Enzo vai passar, o Ian se casará com a Rafaelly e tudo bem. Hoje o Enzo pode pensar que a ama e até acho que a garota alimenta um pouco sentimento, mas tudo está em seu devido caminho, nada há de mudar.

— Até porque o Enzo não leva ninguém a sério. Olha lá onde está, com a Renata — Aponto o babaca com a cabeça.

— A Renata Pompom? — Ian grita, rindo. — Pelo amor de Deus, ela não chega aos seus pés. Eu iria escolher mil vezes você, pequena.

— Então tá, bonitão — Me aproximo bem do seu rosto, desafiando-a em uma brincadeira. — Larga lá a Filha da máfia e vamos fugir daqui agora e vivermos felizes para sempre. — Ele gargalha, chamando atenção para nós.

— Se ela ouve você a chamando assim... — Ele me dá um beijo estalado na bochecha. — Vai lá pequena, meu irmão está lhe chamando. Eu vou atrás da Filha da máfia. — Diz piscando o olho, enquanto se afasta.

Ian é tão mais carinhoso e até mesmo mais encantador que Enzo, não sei por que fui me apaixonar pelo irmão errado;

— Vai lá, bonitão, e não esquece, se ela vacilar você é meu! — Digo rindo.

— Posso saber qual é a graça? — Enzo, o senhor das idiotices, se aproxima, cheio de marra.

— Você é a graça! — Solto irritada. — Estou indo embora, pelo visto você arrumou companhia melhor. — Giro em meus calcanhares e saio pisando duro.

— Ei, está louca? Vai virar essa bunda enorme para mim e sair andando assim? — Murmura, segurando meu braço.

— Tira a mão de mim — Grito, puxando o braço do seu aperto. — É incrível como você vacila mais do que respira, Enzo.

— E é incrível como você fica ainda mais gostosa quando está assim irritadinha... — Ele diz bem no meu ouvido, com uma mão na minha nuca e a outra apertando minha bunda.

— Enzo, por favor, tira a mão de mim. — O empurro novamente. — Vai para casa porque você já vacilou muito por hoje. E se acha que eu não percebi os seus sumiços, está muito enganado. Você estava aprontando, só não sei o que, mas desconfio a envolvida.

Enzo segura mais firme minha nuca e diz:

— Já falei que odeio quando você a chama assim. E vê se não viaja, porque as vezes que "sumi", como você falou, foi para ir ao banheiro e no caminho dar *uns pegas* na loira gostosa que estava comigo ali na pista.

Dito isto empurro ele e me retiro da festa. Chega de toda essa palhaçada.

Mando uma mensagem para Ian, me desculpando por ter saído antes da festa terminar e sem me despedir pessoalmente e logo recebo sua resposta.

Ok pequena, se cuida e não chore por um idiota. Você merece mais que isso. Se precisar de qualquer coisa, não hesite em me ligar. Saio daqui correndo e vou te encontrar. Beijos.

Sorrio, me sentindo acolhida por suas palavras. Engulo o choro e continuo caminhando até minha casa, com um pensamento em mente, será que está rolando alguma coisa entre Enzo e Rafaelly?



Três – Ian Gabriel

Rio de Janeiro, 2017

Estava de saco cheio dessa gente querendo me manipular. Eu sou aleijado e não burro!

— Mas que merda é essa? — Gritei, indignado.

Não aguentava mais a insistência de minha mãe em quer me enfiar em tratamentos, seja com médicos especialistas, fisioterapeutas ou mesmo enfiando enfermeiros aqui em casa para cuidarem de mim.

— O que houve meu filho? — Olga apareceu na sala, parecendo cansada pela provável corrida que deu.

— O que eu falei sobre contratar novos enfermeiros? — Tirei o olhar da moça a minha frente, voltando a encarar minha mãe. — Eu não estou à beira da morte. Só estou aleijado e já até me acostumei com isso.

Ela soltou um suspiro cansada, mas via a raiva e tristeza em seus olhos. Com um gesto de cabeça, indicou que a mais nova demitida enfermeira, saísse.

— Escuta aqui, Ian Gabriel. — Seu dedo em riste apontou em minha direção. — Porque esta é a última vez que vou falar isso para você, ou reage para a vida ou quem vai desistir de você sou eu. — Sentenciou, ganhando como reação da minha parte apenas um erguer de sobrelanceiras. — Já se passaram seis anos. Seis malditos anos desde esse acidente. Os médicos te deram esperanças, você que não quis se esforçar para conseguir algum êxito.

— Esperança. — Meneei a cabeça, rindo debochadamente. A situação toda é mesmo risível.

Quem no mundo não iria se amargar ao ver toda sua vida e juventude presa em uma maldita cadeira de rodas. Não foram apenas minhas pernas que se mortificaram naquele acidente. Eu perdi minha noiva, minha carreira como

piloto de corrida e ainda tive de abdicar de muitos planos na advocacia.

Porra! Eu tinha 23 anos, estava no terceiro período da minha pós-graduação, já guiava a empresa da família. Tinha planos e sonhos e tudo foi posto em hiato.

— O acidente só paralisou suas pernas, meu filho, mas foi você quem escolheu se enfiar nesse quarto e invalidar seu corpo e alma. — Olga fungou, enxugando as lágrimas — Eu não suporto mais isso. Não suporto te ver assim. — Os soluços balançaram seu corpo.

Eu poderia, sim, me compadecer da sua dor, mas não sentia pena de ninguém, nem de mim mesmo. Não obriguei a chegarem a essa situação. Todos que permaneceram por perto, foi por vontade.

— Eu não pedi para você suportar nada. Não pedi para você largar a sua vida pra viver a minha, e muito menos pedi que sofresse por mim. — Digo seco.

E, pela primeira vez na vida, vejo minha mãe me lançar um olhar de desprezo. Não queria que a situação chegasse a esse ponto. Antes que eu possa me redimir de alguma forma, sua mão levanta e se choca contra o lado direito do meu rosto.

— Oh meu Deus. — Ela leva as mãos à boca, embasbacada pelo que fez. — Olha o que você me obrigou a fazer. — Tentou se aproximar para um abraço, mas me afastei dela. — Me perdoe meu filho, me descontrolei.

Eu vi a dor nua e crua, principalmente quando ela se ajoelhou aos pés da minha cadeira, chorando copiosamente. Minha mãe sempre fora uma mulher elegante e muito bonita, mas havia mudado muito desde meu acidente. Sempre preocupada com meu bem-estar, acomodou-se consigo. Esqueceu das roupas, dos cabelos, da maquiagem... Tudo girava em minha função.

Olhei para cima, engolindo o choro que ameaçava irromper do meu peito desde o dia que descobri que ficaria paraplégico. Cada avaliação médica e diagnóstica me deixava mais e mais para baixo, até que impedi que qualquer um

se aproximasse.

Era uma defesa, me destroçava saber que estava amarrado a essa cadeira. Por isso nunca aceitei os tratamentos, mas agora, vendo minha mãe assim tão frágil, decidi ceder minimamente, e tomei uma decisão, por ela.

— Tudo bem mãe. — Ela parou o choro, encarando-me de olhos arregalados. Acredito que a última vez que entoei algo tão gentil foi antes do acidente. — Me perdoe pela forma que eu tratei a senhora todos estes anos. Por favor, levante-se. — A ajudei a ficar de pé. Ela ainda estava paralisada. — Pela senhora, vou aceitar que iniciem algum desses tratamentos inúteis. Mas deixo claro que não quero ninguém estranho mexendo em minhas pernas mortas. Encontre um profissional que tenha um vínculo que seja, e podemos fazer ao menos a fisioterapia.

Ela me abraçou tão apertado, e toda dor transformou-se em amor ali, em poucos segundos.

— Eu te amo, meu filho. — Murmurou.

— Também te amo.

— Eu... Eu posso ligar para alguém vir?

— Pode — Ela sorriu, com um brilho diferente em seus olhos. — Mas vá logo antes que eu mude de ideia.

Ela assentiu, saindo dali apressadamente.

Meia hora depois, enquanto olho a paisagem pela janela do quarto, vejo meu irmão entrar com seu carro no jardim da minha casa.

Enzo e eu sempre fomos muito próximos, e quando me mudei para essa casa, assim como mamãe, ele fez questão de vir comigo. Nunca o amei menos, apesar de suas babaquices e idiotices, acredito que Enzo é um bom homem.

E mesmo que nossa relação tenha se abalado, tanto pelo acidente, quanto pelo seu envolvimento com Rafaelly, esse amor continua forte. Foi um baque

saber do relacionamento dos dois, mas fui eu quem a enxotei da minha vida e prefiro que ela tenha uma vida feliz a viver com um inválido o resto da vida.

Foi difícil aceitar a mulher a qual dediquei anos da minha vida, agora está nos braços de meu irmão. Sinto-me um merda quando os vejo tão felizes juntos. Tão felizes quanto nós éramos antes deste maldito acidente. Mas não sou capaz de odiá-los.

— Eu vim o mais rápido que pude quando mamãe me ligou dizendo que você estava precisando de mim. — Ele estava ofegante, e com preocupação estampada em seu rosto.

— Quero que você me arranje uma enfermeira bem gostosa e habilidosa, em todos os sentidos, se é que você me entende. — Brinco, dando a ele o meu melhor sorriso. Sorriso esse que não se via há seis anos.

Ele espelha meu gesto, sorrindo amplamente. Absolutamente surpreso.

— Então é isso? Vou ter o meu irmão de volta? — Praticamente grita de alegria.

— Não aguento mais ver a mãe chorando, então posso aguentar uma babá e alguém movimentando minhas pernas. — Reviro os olhos. Não pude conter uma gargalhada quando ele me tirou da cadeira de rodas e me rodopiou pelo quarto. — Se você me deixar cair, eu vou te arrebentar, seu moleque!

— Deus sabe o quanto eu orei para ver esta cena. — Minha mãe está ali novamente, sorrindo ao nos ver.

Enzo me coloca de volta na cadeira de rodas e vai ao encontro de minha mãe, embalando-a em seus braços e beijando sua bochecha repetidas vezes. Fazendo-a gargalhar.

— Meu irmão voltou mãe, e logo vamos correr pela casa atrás da senhora.

— Oh meu filho, eu não tenho mais idade nem pique para correr, mas irei

me esforçar para conseguir fazer ele correr três quarteirões. — Rimos, em um clima que há muito tempo não via entre nós três.

Talvez ter cedido não fora de todo ruim. Eu poderia me permitir um pouco mais. Enzo soltou mais uma dúzia de besteira antes de sair em busca da minha enfermeira gostosa.

Enzo Gabriel

— Você só pode estar brincando, Enzo! — Ela riu, meneando a cabeça.
— Volte para o seu trabalho e pare de me importunar.

Dei a volta no balcão, encurralando Vivianne. Ela ainda estava meio brava pelo lance no quarto, mas consegui amolecê-la quanto aquilo.

Não me dignei a deixar o escritório e vir até essa clínica para nada. Eu tinha que convencê-la. Ela é, sem dúvida, a melhor para cuidar do teimoso Ian.

— Porque eu brincaria? — Anui, vendo-a revirar os olhos. — Pensa... Vocês se conhecem, você se amarra na dele e ele se amarra na sua. Você é gostosa, inteligente, enfermeira e amiga da família — Enumerei suas qualidades contando nos dedos. — Tem junção mais perfeita que essa?

— Enzo, eu não vou. — Sentenciou. — A última vez que seu irmão me viu, ele gritou comigo e mandou-me sumir da vida. Por que você acha que ele vai me querer por perto agora? O que acha que mudou?

— Ele mudou, Vivi. Ian está se dando uma chance, pela primeira vez em seis anos eu vi meu irmão sorrir hoje. É muito mais do que ele já havia feito em anos.

— Eu não sou enfermeira, Enzo, sou uma fisioterapeuta.

— Precisa de um emprego desde que se formou. Aqui na clínica é temporário. E você também pode juntar um dinheiro para montar sua clínica futuramente. É uma grande oportunidade.

— Eu não acho uma boa ideia. — Resmungou.

— É uma ótima ideia. — Retruquei.

— Eu não vou. — Disse mais uma vez. Não havia mais tanta firmeza em sua decisão.

— Claro que vai. — Disse firme. — Você me deve isso. Por tudo que já

vivemos juntos. Você sempre me prometeu ajudar em tudo, inclusive quando ainda era minha e fazíamos amor.

— Meu Deus! Como você é idiota e prepotente. — Meneou a cabeça, visivelmente incrédula. — Você está jogando na minha cara essas coisas, é real? Como se não servisse de tapete para você há anos. Você me deveria muito mais, se fosse cobrar.

— Meu irmão está precisando de você, faça por ele então. Vocês sempre foram muito ligados. Não pode virar as costas para ele nesse momento.

Ela, irritada, viras as costas para mim, aproveito para abraçá-la e jogar meu charme infalível.

— Não foi minha intenção ofendê-la, por favor, entenda. Só estou nervoso, confio em você para estar com meu irmão.

— Me largue. — Se soltou do meu aperto. — Irei ver o Ian e saber o que ele acha da minha presença lá. Mas não quero você comigo.

— Vivi, eu não quis magoá-la.

— Você nunca quer, mas na realidade é só isso que você faz. — Seu tom de voz me deixou ainda mais culpado.

Não penso no que vou fazer e fala e acabo sempre fazendo merda. Prefери deixá-la em paz, mas saí da clínica com o coração apertado.

No caminho de volta para a empresa, liguei para Rafaelly contando a novidade. E, não sei por que, ela não ficou tão feliz quanto achei que ficaria. Vai entender as mulheres.



Quatro – Vivianne

Eu me sentia tão estranha de estar indo à casa de Ian depois de tantos anos. Embora nós três tenhamos uma ligação muito forte desde pequenos, depois do acidente do Ian tantas coisas mudaram. Principalmente nossa relação, que parou de existir, coisa da qual sempre senti muita falta.

Foram incontáveis noites chorando por não ter mais a gentileza e companheirismo de Ian comigo.

— Obrigado por ter vindo. — Demorei tanto em minha decisão, que acabei levando horas para finalmente ter coragem de ir até lá. Por isso não me surpreendeu o fato do Enzo estar em casa, precisamente me esperando na sala principal.

— Eu não vim por ter uma dívida com você. Vim em nome da nossa amizade, que às vezes me pergunto como ainda existe.

— Me perdoa, Vivi. — Ele fez aquela carinha que sempre me ganhava. — Eu sei que falei besteira, mas eu estou tão eufórico por ele estar reagindo que acabei querendo te obrigar a algo.

— Estou aqui exatamente por isso. Porque o Ian também é extremamente importante para mim, assim como você. A diferença é que seu irmão saberia me convencer sem o uso da arrogância.

— Tudo bem, já entendi e aceitei sua birra. Pronta? — Assenti. — Mamãe não está, então cabe a mim ir chamar o Ian, mas sente-se aí, não demoro.

Enzo saiu para procurar o irmão e eu fiquei na sala, admirando a beleza e luxo daquele lugar.

Ouvi-os antes mesmo de vê-los chegar. Perdi o fôlego por alguns instantes ao observar Ian. Ele permanecia belo, parecia que não havia se passado um ano sequer para ele. Os olhos espertos, a boca chamativa e os cabelos de aparência macia, mas a ferocidade era nova em sua personalidade tranquila.

— Você só pode estar de sacanagem, Enzo Gabriel. — Retrucou, guiando a cadeira em direção à sala. — Eu pedi uma enfermeira linda e gostosa, e você me vem com a Vivi, que nem enfermeira é...

Ele parou de falar por um instante, deixando seu olhar sobre mim. Me olhou dos pés à cabeça, com uma expressão indecifrável.

— Foi exatamente o que eu disse. — Quebrei o silêncio desconfortável. — Eu não sou enfermeira, e pelo visto também não sou gostosa, não é? — Brinquei, para amenizar o clima.

— Eu não quis ofendê-la, Vivi. — Ian voltou a recuperar sua voz. — Me desculpa. Só que foi uma surpresa te ver aqui. Sei que não fui muito agradável com você da última vez que nos vimos, mas...

— É, não foi, e também não está sendo agora. Sabe qual é o problema de vocês dois? Minha tia os mimou demais. Um virou um inconsequente arrogante e mesquinho e o outro se tornou amargurado e grosseiro. — Soltei, cansada de aguentar tudo calada. — Não pensem que beleza e dinheiro são tudo, pois não é. Cansei de aturar a novela que vocês são.

— Vivi! — Disseram em uníssono.

Não queria ouvir nada. Por isso girei em meus calcanhares e rumei para fora da casa, ainda ouvindo-os discutir.

Tudo vinha em flashes em minha mente. Enquanto um choro copioso me irrompia. Como atrelei minhas perspectivas a esses dois? Como eu pude perder metade da minha vida me dedicando a um amor ridículo que nunca foi correspondido? Como fui capaz de mendigar amizade de um homem que se amargurou e acabou descontando em mim?

E ainda fui capaz de engolir tudo e vir aqui ser solidária, só para levar um fora novamente. Como posso ser tão idiota?

E essa droga de telefone que não para de tocar. Em um momento de fúria

joguei meu celular pela janela do carro, e foi nesse exato momento que tudo aconteceu. Gritos, um impacto, dor e a escuridão.



Algumas horas depois

Nossa, que dor de cabeça infernal. Foi meu primeiro pensamento, antes mesmo de abrir os olhos.

Quando finalmente consegui abrir os olhos um clarão me cegou me obrigando a fechá-los rapidamente. Não ouvia nada, um silêncio total me rondava. Ou melhor, eu estava ouvindo sim um barulho de... Equipamentos médicos?

Olhei para o lado, me sobressaltando com a figura de branco que estava prostrada ali. Ainda completamente confusa.

— Olá, Bela Adormecida. — Eu conheço essa voz. Assim que a confusão momentânea passa, identifico a pessoa ao meu lado. Se trata do Dr. Flávio, com quem eu fiz um estágio há algum tempo. Mas o que ele estava fazendo aqui? Ou melhor, o que eu estou fazendo aqui?

— O que estou fazendo aqui?

— Calma, tenta não se agitar. — Me tranquilizou com um toque sutil no meu ombro. — Você vai ter um pouco de dificuldade de falar por alguns instantes, mas eu vou te explicar o que você quer saber. — Assenti. — Você sofreu um acidente de carro e foi encontrada já inconsciente. O acidente não aconteceu muito longe daqui, e por sorte, estava por perto, pude socorrê-la. Você teve algumas escoriações leves e duas costelas quebradas, mas seu carro não teve tanta sorte. — Fiz uma careta de dor. — Seus amigos estão aí fora. Ian não veio, mas não para de ligar. Já seu namorado quase me agrediu por não o deixar entrar pra ficar aqui com você.

— Quem é meu namorado? — Indaguei ainda confusa. Nem eu sabia que tinha um.

— Nossa, você tem uma ótima memória seletiva, de tudo que eu relatei você quer saber quem é o namorado. — Ele diz rindo. — O Enzo, ele foi o primeiro a chegar aqui e queria bater em todo mundo.

— Típico dele. — Revirei os olhos, me arrependendo pela dor que o ato causou. — Mas ele não é meu namorado!

— Bem, agora me diga o que você está sentindo? — Mudou de assunto.

— Dor de cabeça e sede.

— A dor de cabeça é completamente normal, já que foi uma pancada e tanto. A sede é devido aos medicamentos que ingeriu. Quer ver alguém ou prefere descansar mais?

— Eu não quero ver ninguém, por favor — Pedi, fechando os olhos.

— Quem manda é você, Vivianne. — Ele piscou, verificando meu soro e saindo do quarto em seguida.

Acho que apaguei de novo, pois quando abrir os olhos já estava escuro e Enzo estava dormindo em uma poltrona ao lado da minha cama. Minha mãe estava lendo um livro no sofá.

— Mãe. — Chamei em um fio de voz.

— Oi meu amor. — Ela se levantou depressa, vindo até mim. — Como você está? Está sentindo alguma coisa? Quer que eu chame o médico? — Neguei com um meneio.

— Calma mãe. Eu estou bem, não estou sentindo nada além de sede e fome. O que o Enzo ainda está fazendo aqui e quem o deixou entrar? Eu disse que não queria ver ninguém. — Conclui emburrada.

— Ele estava muito nervoso, filha, queria por que queria ver você. Você sabe que ele gosta muito de você, princesa.

— O nome disso é culpa, mãe. Não se engane com essa carinha angelical dele, isso é tudo capa.

— Não fale assim dele, filha. — Amenizou. — Desde que ele soube do seu acidente não saiu daqui nem para ir ao banheiro.

— Já disse que isso é culpa. — Continuei com minha tromba.

— Ele me falou que vocês brigaram, mas isso não justifica você dirigir igual uma louca e quase acabar com a própria vida dona Viviane.

— Ah, mãe, não começa você também. Eu nem sei o que aconteceu direito.

— Fale comigo direito mocinha, não pense que só porque você está no hospital que eu não vou te dar uma lição. — Me encolhi diante da sua expressão irritada. — O que aconteceu foi que você além de poluir a rua jogando fora seu celular pela janela do carro, ultrapassou o sinal vermelho.

— Eu nem vi porcaria de sinal nenhum. Estava com tanto ódio. E a culpa é do energúmeno ali.

— Eu não vou discutir isso com você agora. — Ela suspirou, se encaminhando para a porta. — Vou chamar a enfermeira para ver se está tudo bem e providenciar água e comida para você.

— Ficarei grata. E agradecerei mais ainda se colocar esse idiota para fora.

— Resolva você o seu problema com o seu amigo — Resmungou antes de sair.

O baque na porta acordou Enzo, que levou um segundo para detectar meu estado de consciência.

— Meu Deus, você quase me matou de susto, Vivi. — Andou apressado em minha direção. — Como você está se sentindo?

— Incomodada com a sua presença. Sai!

— Eu já te pedi perdão. Será que pode reconsiderar, por favor?

— Enzo, eu já perdi as contas de quantas vezes te perdoei. Já perdi as contas de quantas vezes você me fez chorar e agora seu irmão entrou na cota. Para mim chega, já deu. Agora, por favor, pelo menos uma vez na sua vida respeita a minha decisão e vai embora.

Ele assentiu cabisbaixo, não se demorando em acatar meu pedido quase desesperado. Depois que Enzo saiu, fiquei pensando em tudo que já vivemos juntos e, pela primeira vez, desde que consigo me lembrar, ele pareceu sincero em seu arrependimento e tristeza.

Já o vi assim antes, mas essa é a primeira vez que ele faz essa cara por mim. Senti certo orgulho de mim mesma pelo que havia lhe causado.

Um mês e meio depois

— Eu estou ótima, Enzo, e não adianta você fazer essa cara para mim, passamos um mês discutindo isso e foi até por causa dessa história que sofri aquele acidente.

Ele me encarou com aquela expressão que sempre, sempre mesmo me vencia. O cenho franzido, a boca ligeiramente voltada para baixo e os olhos, duas órbitas tristes. Sem falar na postura cabisbaixa.

Sim, eu o havia perdoado, depois de muitas tentativas. Ele ganhava-me por exaustão.

— Não, minha princesa, você só sofreu aquele acidente porque é uma péssima motorista. E ainda por cima decidiu dar uma de maluca e sair dirigindo sem rumo e sem respeitar os sinais vermelhos.

— *Hahaha* — Ironizei. — Que engraçado o senhor responsável está hoje. — Grunhi antes de continuar. — Nem ferrando vou cuidar do seu irmão, Enzo.

— Ele se afundou de novo Vivi. Do nada, ele simplesmente se fechou e

voltou para a depressão.

— Olha príncipe, eu não sou psicóloga e também não sou enfermeira. Não dá pra mim. Não vou me enfiar onde não me querem.

— Mas você é uma princesa, linda, fisioterapeuta e que nos ama incondicionalmente. Eu sei que Deus vai tocar no seu coração e você vai pegar as malas que eu arrumei para você levar, e vai entrar no meu carro para ir até a mansão dos sonhos de qualquer princesa linda, comigo.

Eu não credito que o ridículo disse isso tudo com a maior cara lavada e saiu, carregando duas malas minhas. Não sei como ele conseguiu entrar em minha casa, arrumar minhas malas e permanecer aqui até eu chegar da clínica. Deveria denunciá-lo por invasão de privacidade.

— Eu sou muito idiota mesmo por deixar você me manipular assim — Sai atrás dele, fechando a porta antes de segui-lo até o elevador.

— Você faz isso porque me ama e não porque eu te manipulo — Retrucou me fitando com a maior cara lavada. Sem-vergonha.

— Não. Eu faço isso porque eu não tenho amor próprio, isso sim.

— Você falou igual à Rafaelly, e eu vou te responder a mesma coisa que eu falo para ela quando a loira me manda uma dessa: Você tem a mim! Quem precisa de amor próprio quando tem um deus grego como eu para amar?

Segurei o riso. Mesmo quando era um idiota arrogante, ele conseguia ser um palhaço.

— Eu vou fingir que não ouvi isso para o bem da nossa amizade, seu idiota — Ele riu e eu acabei rindo com ele.

— Eu amo esses nossos momentos descontraídos sabia? — Ele assente. Enzo, por mais idiota que seja, sabe fazer qualquer um rir.

Apesar das risadas e de estar tentando levar toda a coação numa boa, estou muito apreensiva em relação ao Ian. Ele sempre foi tão doce e tinha tanto

medo de magoar as pessoas antes do acidente. E agora vira e mexe ele se enche de amargura e ódio pela vida, distribui patadas e mágoas. Como fez no dia em que fui vê-lo. Não sei se vou saber lidar com essas mudanças repentinas dele.

— Eu tenho medo, Enzo. — Confesso, já dentro do carro. — Medo de não saber lidar com as mudanças de humor do Ian.

— É claro que você vai saber lidar — Afirmou. — Você é a garota mais incrível que eu já conheci, se soube lidar comigo todos esses anos é óbvio que você vai saber lidar com o Ian de olhos fechados. Sem contar que ele quando não está de mal humor também te adora.

— Ah, é? E quando ele não está de mal humor mesmo? — Hum.... Deixa-me pensar.... — Batuco o dedo no queixo. — Já sei! Quando ele está dormindo... — Falei rindo da minha própria piada.

— Engraçadinha. — Ele apontou para frente. — Pronto, princesa, chegamos!

Olhei fixamente para a mansão, até Enzo estacionar o carro, desligá-lo e chegar até minha porta e abri-la.

— Não quero entrar. — Murmurei em tom infantil.

— Vou ter que te carregar no colo, Vivianne? — Ergueu a sobrancelha. — Eu prometo que vou protegê-la da fera.

— É sério? — Meus olhos se encheram de alegria quando ele falou isso, não apenas pelo fato de amá-lo perdidamente e adorar tê-lo por perto, mas também porque isso me deixaria mais segura.

— Sério, até deixo você dormir comigo no meu quarto.

— Para de ser ridículo, Enzo Gabriel — Balbucio empurrando-o e descendo do carro.

— Vai dizer que você não está com saudades? — Cutucou. — Faz tempos que não dormimos juntos, abraçadinhos de conchinha.

— É, faz sim, desde que você começou a namorar a Filha da máfia — Provoco, já sabendo sua reação.

Isso desviará o foco dele.

— Você sabe que eu odeio quando fala dela assim.

— E você sabe que eu nem ligo. — Dou de ombros, rumando para a casa.

— Vamos entrar logo antes que eu agrida você aqui fora — Brinca, me empurrando em direção a casa.

— Você só me agride com palavras quando tira o dia para ser um cavalo.

— Ou na cama. — Me provoca por um segundo com o olhar, que não sustento. — Mas isso faz tempo que não faço. Deve ser por isso que você está assim...

— Chega, acabou a brincadeira. Você nunca sabe brincar. — Amuo, pisando duro até a sala da mansão.

Olga aparece antes mesmo de Enzo subir para chamar o irmão. Está com os olhos vermelhos e parece sem energia para ser pelo menos simpática. Informa-nos rapidamente que Ian está trancado desde cedo no quarto e pediu pra não ser incomodado.

Enzo decide então mostrar o quarto onde vou ficar e logo sai para a empresa, me deixando sozinha e pensativa.



— Já anoiteceu Enzo, você não acha melhor ir lá pra ver como ele está? — Comento com preocupação. Enzo já havia chegado da empresa, havíamos jantado juntos e nada de Ian.

Enzo perguntou a Dona Glória se havia acontecido algo para Ian se recluir novamente, ela nos disse que há alguns dias ele havia recebido um

envelope pelo correio. Segundo ela, Ian não disse o que era, mas desde então ele voltou à escuridão. Ainda nos contou que esse não é o primeiro gatilho para a depressão dele, ela já percebeu que toda vez que ele estava melhorando e reagindo ele recebe alguma coisa e volta à estaca zero.

— Vamos ver se ele abre a porta. Mas sabe.... Eu sempre achei estranho...

— O que você sempre achou estranho Enzo?

— Esse acidente do meu irmão. Eu sempre achei estranho como tudo aconteceu. Tenho quase certeza que não foi só um acidente.

— Como assim? Você acha que alguém tentou matar ele?

— Não posso afirmar, mas desconfio. Ele não fala no assunto, fica transtornado quando perguntamos. A pessoa pode não ter conseguido enterrar meu irmão, mas de certa forma conseguiu matá-lo.

— Não fica assim. — Tento amenizar a dor que vejo expressa em seus olhos. — Eu prometo que vou tentar ajudar ele e vou tentar descobrir algo. Ligar esses pontos estranhos.

— Eu não vou saber como te agradecer se você conseguir trazer meu irmão de volta.

— Eu prometo fazer o meu melhor. — Garanti, buscando forças para cumprir o que prometi.

Tanto por Ian, pois queria ver o meu amigo protetor de volta à ativa, quanto por Enzo, que precisava do irmão forte ao seu lado.



Cinco – Ian Gabriel

Passei boa parte da minha vida sendo um cara sincero, íntegro e o mais correto possível. Nunca briguei, nunca gritei com uma mulher e jamais ofendi alguém.... Até um dia antes do meu acidente.

Lembro-me muito pouco sobre o que realmente houve ou o que realmente eu vi, mas o pouco que me recordo é o suficiente para me destruir. O acidente em si apenas me arrancou a coordenação das minhas pernas, mas o que eu vi arrancou meu coração.

Faltava pouco para eu terminar minha escrita diária quando bateram na porta do meu quarto, onde eu passei o dia. Hoje não estou afim de ver ninguém, nem sequer me olhei no espelho, encarar meu reflexo é difícil. Ver o que a vida me causou sempre arranca mais um pedaço de mim.

— Entra mãe. — Murmurei a contra gosto.

— Eu não sou sua mãe, mas posso entrar? — Um rosto angelical apareceu na porta do meu quarto.

Na verdade, não queria que ela entrasse, mas não iria mais causar desfeita com ela. Soube do seu acidente e me senti muito culpado.

Sem falar que Vivi tinha algo muito especial, que conseguia derrubar por um instante minhas barreiras. Talvez fosse a beleza que sempre me encantou ou o sorriso sincero que parecia iluminar tudo ao seu redor.

— Entre, Vivianne — Ela o fez timidamente. — O que faz aqui?

— Vim te ver, ora. — Deu de ombros. — Sei que você ficou preocupado comigo quando soube do acidente. No começo ligava todos os dias pra saber se eu tinha melhorado. Pensei que se está se preocupando é porque não me odeia como deixa transparecer.

—Não é pessoal, no geral odeio tudo. — Comentei casualmente. — Vejo que já está bem. Acabei me sentindo culpado pelo acidente.

— Estou ótima. — Ela sorriu novamente, não se abalando diante da minha expressão sombria. — Ian, você sabe que pode se recuperar. Seu trauma não é irreversível. Porque não deixa que alguém lhe estenda a mão e o ajude a sair dessa depressão?

Ah, se ela ou qualquer pessoa pudesse saber. Me tiraria um peso de mil toneladas das costas, mas não posso envolver ninguém nessa situação.

— Olha, você já mostrou que está bem e também já viu como eu estou. — Apresei-me em colocá-la em seu lugar. — A minha mãe faz esse mesmo discurso todos os dias e eu a mandei embora para bem longe. Então, por favor, saia antes que eu perca a paciência e deixe de agir com educação.

— Me desculpe, mas eu não sou a sua mãe e eu não vou me retirar. — Bateu o pé no chão, cruzando os braços sob o peito.

Dito isto, a maluca saiu abrindo minhas cortinas, acendendo as luzes, ajeitando minha cadeira de rodas que eu tinha jogado para o canto da parede e começou a gritar pelo meu irmão, que apareceu como um furacão.

— O que houve, Vivi, por que você está gritando deste jeito? — Ele olhou assustado para todos os lados.

Pelos gritos da maluca, deve ter pensado que eu a estava matando.

— Sim, aconteceu. Eu quero que você levante este inútil, mal-agradecido da cama, coloque nesta cadeira e o leve lá para baixo.

Meu irmão estava boquiaberto e eu ultrajado. Quem ela achava que era?

— Se encostar em mim eu mato você, Enzo. E leva essa maluca daqui antes que eu a mate também. — Grunhi.

— Não adianta gritar e fazer carinha de mal, Ian — Retrucou de olhos estreitos. — Eu não tenho medo de você, não mais.

— Sai do meu quarto *agora*. — Enfatizei a última palavra.

— Você vai ficar aí parado ou vai fazer o que eu mandei, Enzo? — Ela se

voltou para meu irmão.

— Vivi, como eu vou pegar ele a força e colocar na cadeira? — Perguntou apreensivo. — A gente pode se machucar.

— Você está com medo de quebrar as unhas? — Desdenhou. — Tudo bem, deixa que eu mesmo o pego então.

Se não fosse trágico, eu riria dessa maluca. Em que mundo ela acha que seria páreo para mim?

— Para de ser ridícula, Vivianne, e saia do meu quarto. Nem que fosse homem conseguiria me carregar.

— Então é melhor você colaborar comigo, senão eu posso me quebrar inteirinha nas tentativas. — Ela diz debochadamente.

Minha raiva estava em um nível tão elevado que meu corpo estava ficando quente e eu parecia que ia explodir a qualquer momento. No entanto, a louca estava falando sério e, quando menos esperei, senti os braços dela me envolvendo e tentando inutilmente me puxar.

— Me solta, Viviane, você vai se machucar garota. — A empurrei, sob o olhar chocado de Enzo. Ela caiu no chão, mas acabou me levando com ela.

Enzo correu em nossa direção, ajudando-a a levantar primeiro.

— Viu o que você fez sua idiota? Já não basta vir aqui encher meu saco, ainda tem que me humilhar me jogando no chão. — Com algum esforço consegui me arrumar em uma posição menos humilhante.

— Ei, não fala assim com ela — Gritou. — A Vivi, assim como todo mundo, quer apenas te ajudar.

— Coloca esse idiota na cadeira Enzo. — Não se deu por vencida.

— Meu Deus, que gritaria é essa gente? — Minha mãe apareceu com aquela costumeira expressão de quem iria apagar um incêndio.

— Mãe, tira esses dois do meu quarto agora. — Exigi.

— Parem todos vocês. — Ordenou. — A Viviane tem razão, Ian, você só não melhorou até hoje porque nós fazemos todas as suas vontades, mas isso vai acabar hoje. Você ainda vai descer com ele Viviane?

A maluca assentiu, sorrindo vitoriosamente. Estavam todos loucos, era isso?

— Sim tia. Já falei com o Enzo e ele está descendo com ele. Eu só vou ao banheiro limpar isso aqui. — Mostrou a mão machucada.

— Sangue? Foi o Ian que fez isso?

— Não tia. Foi um acidente, eu me desequilibrei e caí. — Mentiu, tentando minimizar o que havia acontecido ali.

— Merda nenhuma. — Enzo interveio. — Ela foi pegar esse idiota do Ian para pôr na cadeira, e ele a derrubou.

— Chega com essa palhaçada. — Estava me esforçando para subir na cama. Mamãe se precipitou para ajudar, mas neguei veementemente a sua ajuda. — Eu quero todo mundo fora daqui agora!

— Você não tem mais querer, Ian, as coisas não vão mais funcionar sob sua ordem. — Isso foi tudo que minha mãe disse antes de sair e me deixar sozinho com os dois retardados.

— Eu não sei o que vocês acham que vão conseguir com isso. — Digo bravo.

— Só queremos nosso Ian de volta e vamos fazer o que for preciso para isso. É questão de honra.

— Para de ser ridícula. — Desdenhei. — Não existe essa de trazer ninguém de volta. Acabamos dando asas demais a você e agora está alçando voos muito distantes. No entanto, quero abrir seus olhos e mandar que se coloque em seu lugar. — Ela meneou a cabeça teimosamente. — Vou te dar um

conselho, Vivi, se afaste e vai viver a sua vida ou você pode se decepcionar e terminar pior do que eu.

— Isso é uma ameaça Ian?

— Não, é só um conselho.

— Então nunca mais fale assim comigo. — Seu tom foi decidido. — Não preciso dos seus conselhos.

— Do que você precisa para ir embora e me deixar em paz então? — Indago em meio a um suspiro cansado.

Meus olhos voam para a figura de Enzo, que estava parado ao lado dela. Quando conseguir me livrar da Vivianne, vou matar o Enzo por tê-la trago até aqui.

— Você é burro ou o que? Eu não vou embora, Ian. Eu vou ficar e só vou sair daqui quando você estiver andando e falando direito com as pessoas, ou seja, quando você voltar a ser o Ian que eu conheci.

Putá merda. Que menina chata do cacete!

— E me diz o que eu ganhei sendo o Ian que você conheceu Vivianne? — Soltei venenoso. — Me diz o que de bom a vida me deu enquanto eu era um babaca que todos idolatravam. O homem perfeito?

— Não é assim que as coisas funcionam. O que você está ganhando sendo um cretino, miserável então?

— Eu estou ganhando a solidão e é tudo que quero.

— E desde quando a solidão é mérito para alguém, Ian? Desde quando viver isolado do mundo, se autodestruindo é uma coisa boa?

— É melhor do que ser enganado — Gritei frustrado.

Ela não sabia da história. Então nem ela, nem ninguém poderia me julgar.

— Enganado? Do que você está falando? Quem te enganou?

— Vivianne eu sei que você quer me ajudar, mas eu não quero ser ajudado. — Tentei argumentar uma última vez.

— Então vamos fazer o seguinte. — Mediou, amenizando o clima da conversa. — Eu não vou fazer isso por você, vou fazer por mim! Eu sou fisioterapeuta e se eu fizer com que você reaja e volte não só a andar, mas a viver, será um bônus importante para o meu currículo.

— Eu não acredito que eu ouvi isso. — Disse. — Você está se beneficiando com a minha causa?

— Entenda como quiser. — Deu de ombros. — Só sei que quanto mais difícil você tornar isso tudo, mais valioso será o meu currículo.

— Garota, se você insistir com isso irei transformar sua vida em um inferno.

— E eu vou ser um anjo paciente, prometo. — E sorriu novamente.

Como ela consegue ser luz em meio a toda minha escuridão?

Depois dessa conversa ridícula nós dois nos calamos. Decidi descer por conta própria. Tudo para me livrar da insistência dessa maluca.

Enzo não permaneceu conosco para o jantar. Iria sair com Rafaelly. O nome dela atrelado ao dele sempre me fazia rir sardonicamente.

— Mercedes, leva minha comida para o quarto. — Peço, assim que vejo Vivianne e minha mãe sentadas à mesa.

— Não, Mercedes, se o Ian quiser comer hoje, será na mesa. — Vivianne interrompe. — A senhora pode ir fazer suas coisas que eu mesmo vou servir o prato dele.

— Só pode ser brincadeira. — Ri incrédulo. — Nem o direito de escolher onde vou comer eu tenho?

— Claro que tem! Você quer comer do lado esquerdo ou direito da mesa?

— Mãe faz alguma coisa. Tire a Vivianne daqui ou não respondo por mim.

— De forma alguma. Dei total poder a ela — Mamãe responde tranquilamente.

Viviane se levantou, pegando um prato e colocando comida nele. Ela nem me perguntou o que queria comer.

— Então é isso? Vocês me venderam para uma maluca preencher o currículo dela?

— Veja pelo lado bom Ian, você é o rato de laboratório mais lindo que eu já vi. — Brincou, fazendo minha mãe rir. — Agora, por favor, se aproxime. Já servi sua comida.

— Eu perdi a fome!

— Ótimo, então pelo menos nos deixe comer em paz. — Disse impaciente. — Sabendo que se você não comer agora, ninguém vai levar comida para você no quarto e vai ficar com fome até amanhã na hora do café, que será nesta mesa, junto com todos nós.

— Vai se ferrar, cretina. — Gritei colérico.

— Ian! — Olga me repreendeu.

— Não tia, deixa ele. Uma hora vai se mancar.

Não demorei mais um segundo sequer ali. Dirigi minha cadeira até a paz do meu quarto.

Meu Deus, será mesmo que toda desgraça ainda é pouca? Já não basta tudo que eu vivo ainda vem essa maluca do nada virar minha vida mais ainda de cabeça para baixo?

Foram intermináveis horas até que eu, finalmente, conseguisse dormir aquela noite.

Acordei no dia seguinte pedindo a Deus que tudo não passasse de um pesadelo, mas mal abrir os olhos e me deparei com um par de olhos cor de mel me encarando.

— Você fica lindo dormindo sabia? Parece um anjo. Me lembro quando éramos pequenos e eu ficava te olhando dormir na casinha da árvore. — Tagarelou, enquanto abria as janelas do meu quarto.

Foi impossível não sorrir com aquela lembrança. Claro, que sem ela ver. Foi impossível não viajar nas lembranças e me perder nelas. Quando éramos moleques eu sempre a achei bem angelical.

— Uma vez me assustei ao te ver me olhando e quase joguei você da árvore. — Ela riu, assentindo.

— Foi lamentável, quase que você me mata.

— Uma pena não ter matado. — Retruquei venenoso. — Pelo menos hoje você não estaria aqui enchendo meu saco.

No momento em que eu disse isso eu me arrependi, pois me lembrei do quão sofrida foi sua infância. Quando o pai bebia, sempre repetia a mesma coisa, "uma pena que você não morreu no parto, só assim você não estaria aqui hoje para encher meu saco".

Vivi emudeceu, baixando a cabeça e rumando para a saída do quarto.

— Ei, Vivi. — Ela parou, voltando a me olhar. — Me perdoa, eu não queria dizer isso.

— Você queria sim. Só não achou que me afetaria. — Acusou. — Eu ainda me lembro todas as noites das frases que ele me dizia, sabia. Você tocou direitinho na minha ferida. Parabéns.

— Eu sinto muito.

— Eu sinto muito mais por você hoje, Ian. Porque eu era criança, sabe? Não tinha escolhas. Já você tem escolhas, oportunidades e pessoas disposta a

mudar tudo isso aqui pelo simples fato de te amar. No entanto desperdiça tudo.

— Você não entende.

— Me explica então. Me dá uma chance de entender.

— Algum dia, talvez.

— Posso ficar, não é?

— Eu tenho escolhas? — Revirou os olhos.

— Não. Eu só quero o melhor para você.

Eu também amo essa menina desde sempre. Amava cuidar dela, como se fosse a irmã que nunca tive. Pena que as coisas tiveram que mudar.

— Está pensando que vai amolecer meu coração com esse *blábláblá*? — Indaguei, já recuperado do meu momento de nostalgia.

— Pensei que estava conseguindo. — Fez bico, me obrigando a disfarçar um sorriso.

— Vamos descer pra tomar café? Você deve estar faminto, já que não jantou ontem.

— Estou sim e fiquei com muito mais raiva quando cheguei aqui e vi que tinham esvaziado meu estoque.

— Tenho que lhe tornar sociável novamente. Esse é o primeiro passo, Ian, por isso vou usar medidas drásticas.

— Já vi que sua estadia aqui será longa.

— E será um prazer cuidar de você.



Seis – Ian Gabriel

15 anos atrás

— Hoje eu vou criar coragem. Eu tenho que falar para ela... — Murmurei para mim mesmo.

— Falando sozinho Ian?

— Estou me encorajando para me declarar...— Digo, meio envergonhado por ter sido pego em flagrante.

— Eu não entendo. — Vivi fez aquela cara de pensadora, que eu amava. — Sabe, não é que eu não goste dela. Acho a Rafaelly até simpática, mas tem algo nela que me deixa com o pé atrás. Ela não me parece muito confiável.

— Isso se chama ciúmes, princesa? — Brinquei. Ela revirou os olhos. — Mas mudando de assunto, o Enzo anda muito estranho, não acha? Desconfio que também esteja com medo de me dividir com mais alguém.

— Não é isso, Ian, não é ciúmes. Eu odeio quando você fala comigo como se eu fosse uma criancinha de seis anos de idade, eu sei diferenciar meus sentimentos e emoções, eu simplesmente não confio nela.

— Ok. — Ele disse levantando as mãos em sinal de rendição. — Tudo bem senhora adulta separadora de sentimentos e emoções, vamos parando de querer melar meu romance e ir se arrumar para a festa.

— Tudo bem. — Deu de ombros. — Já que não tem jeito, boa sorte então, com a Filha da máfia.

Sua gargalhada preencheu o quarto. Me fazendo rir junto.

— De onde você tirou isso Vivianne? A Filha da máfia? Se ela ouve isso morre e te leva junto!

— Ah, a história da família dela... Então achei que cairia superbem.

— Só você mesmo. — Meneei a cabeça.

— Estou indo me arrumar, bonito.

— Certo. — Assenti. — Vivi? — Ela me fitou. — Saiba que amo você e vou protegê-los acima de qualquer coisa.

— Eu também te amo, bonito — Ela soprou um beijo no ar e saiu do quarto.

Eu não sei bem explicar essa ligação entre Vivi, meu irmão e eu, mas nós três temos uma união muito forte. Nossas emoções se fundem em uma só. Se um de nós fica triste, então todos ficam e juntos nos reerguemos.

Ela é como um anjo, não importa o quanto Vivianne já sofreu ou esteja sofrendo, ela tem sempre um olhar puro e palavras doces. Ela é luz em meio a sombras.



— Vamos Vivi. — Enzo gritou, batucando o pé impacientemente. — Tia, joga a Vivi para fora desse quarto.

— Quer parar de gritar, Enzo! — Gritou em resposta, saindo do quarto. — Eu não sou surda e minha mãe também não é.

— Não é surda, mas é lerda pra caramba. — Resmungou. — Saiu lá de casa há quase três horas atrás. Já nasceu fofinha, não tem mais jeito não!

— Você não gostou? — Indagou olhando para a própria roupa.

— Da sua demora? Claro que não! Eu odiei! — Bufou.

Nesse momento vejo um anjo se entristecer e aquilo me parte o coração. Ela estava linda, não tenho nem palavras para descrever, mas o babaca do meu irmão parece um retardado. Não percebe quando está ferindo alguém com suas inconsequências.

— Você está linda, pequena.

— Obrigada Ian. — Ela sorriu.

Enzo gira em seus calcanhares e entra no carro, nos deixando para trás.

— Não ligue para esse resmungão. — Amenizei a situação. — Ele gosta muito de você, só está passando por um dia ruim.

— É, ultimamente ele tem tido muitos dias ruins. — Suspira.

Realmente meu irmão anda muito irritado, e não quer dizer o porquê.

A viagem no carro é silenciosa e rápida. Cada um entretido em seus pensamentos.

A festa estava muito bem organizada. A bebida era de ótima qualidade, mas a carranca constante de Enzo não me permitia relaxar.

— O que está acontecendo irmão, Enzo? — Indaguei, lhe entregando mais uma cerveja. — Está nervoso. Tem tratado a Vivi mal.

— Não estou tratando ninguém mal. Ela que gosta de me encher. Toda hora faz uma gracinha pra ser notada. Está parecendo uma mulher com aquele vestido e aquela maquiagem pesada na cara.

— Ela está linda! — Retruquei. — Você que é um babaca, cego demais para perceber que ela fez tudo aquilo para chamar atenção sim, mas a sua atenção. Ela está apaixonada por você e faz de tudo para que ao menos note a presença dela. Se liga irmão, ela é linda, uma mistura perfeita de anjo e boneca e está caidinha por você. Vê se a trata como ela realmente merece, porque da próxima vez que eu ver aquele rostinho lindo se entristecer por sua causa nós vamos nos aborrecer.

— Se ela é tão perfeita assim, por que você não fica com ela?

— Porque eu já tenho o amor da minha vida. — Respondi sorridente. — Se eu não fosse loucamente apaixonado pela Rafaelly, não duvido que ficaria caidinha pela Vivi.

— Tá bom Ian, já deu. — Antes mesmo que eu percebesse, ele saiu de

perto de mim.

Meus olhos continuaram procurando a pessoa que ansiava ver ali. E não se passou muito tempo até eu avistá-la ao longe, em um grupo de meninas. Terminei minha bebida rapidamente e me munindo de coragem, caminhei até lá.

— Boa noite. — Cumprimentei a todas e fui retribuído com sorrisos simpáticos.

— Ian, como vai? — Se pronunciou, aproximando-se de mim. Nossa, é incrível, quando ela está sorrindo tudo se transforma em pura magia. Eu nunca vi alguém tão linda.

— Estou ótimo. Será que podemos falar à sós por um momento?

— Claro. — Ela disse as amigas que se afastaria um instante e me pegou pela mão em seguida, caminhando até um local menos movimentado.

— Eu nem sei como começar... — Confessei nervoso.

— Pelo começo, por favor. — Descontraiu, me fazendo rir.

— Então serei direto. — Inspirei uma lufada de ar antes de continuar: — Eu me apaixonei por você desde o primeiro dia que te vi. — Falei tão rápido que me senti um idiota diante da sua expressão de espanto.

— Realmente direto. — Riu, sem graça.

— Desculpe se te assustei.

— Ian, eu não vou mentir, me sinto muito traída por você também, mas...

— Mas?

— Você sabe a história de minha família, e eu sei que as pessoas têm um pouco de medo de se aproximar de mim, então...

— Você não tem que se explicar. Eu não me importo com nada disso. A única coisa que preciso saber é se eu sou correspondido em relação aos meus sentimentos por você e se você aceitaria namorar comigo?

Ela parou por um instante, me encarando profundamente antes de completar:

— Você é o cara mais incrivelmente apaixonante. Seria impossível dizer não.

— Nossa, isso foi um sim? Porque eu meio que me perdi no começo da frase. — Nós rimos e ela me fez o homem mais feliz do mundo com sua resposta.

— É um sim seu bobo. Agora me beija antes que eu te agarre a força.

Foi o beijo mais perfeito que já dei em toda minha vida. E ela era a garota mais perfeita que já conheci. Seus lábios nos meus, seu corpo quente assim tão perto. Parecia que havíamos sido moldados um para o outro.

Depois de curtir muito com minha nova namorada. Uma sessão interminável de beijos e carícias. Fui procurar meu irmão e a Vivianne para irmos embora. Eu havia prometido a mãe de Vivi que a levaria cedo para casa.

— Porque vocês estão com essa cara, posso saber? — Perguntei, assim que os encontrei.

— Porque essa aqui, Ian, acha bonito ficar se esfregando por aí com qualquer um...

— Que engraçado, quer dizer que vocês dois podem ficar por aí se agarrando com qualquer uma né, mas eu tenho que ficar sentada olhando todo mundo se divertir.

— E você precisa se esfregar em alguém para se divertir?

— Enzo, eu não estava fazendo nada demais. — Disse entredentes.

— Não quero saber, vou passar para sua mãe isso, e você nunca mais vai sair vestida comigo assim.

— Assim como, seu idiota? Todo mundo me achou linda, só você me criticou, só você me colocou pra baixo hoje. E o pior de tudo que foi para você

que eu me arrumei.

Vivi já estava chorando muito e bem nervosa, mas preferi não me meter entre esses dois. Eles sempre acabavam se resolvendo.

— Se arrumou para mim? Se liga, olha para você. — Apontou-a com desdém. — Aquele cara estava quase te comendo e você ainda tem a cara de pau de dizer que se arrumou para mim?

— Para com isso, Enzo, você está me magoando, não está vendo? Eu fui para casa tão feliz, achei que finalmente você ia me notar e você nem se quer me olhou direito. Me tratou mal a noite toda. Eu só cansei de ser pisada e fui tentar aproveitar o resto da noite.

— E pelo visto aproveitou bem né, estava parecendo uma piran...

— Parou a palhaça. — Intervi, segurando a gola da camisa de Enzo. — Pede desculpas para ela agora. — Ordenei. — E nunca mais na sua vida ouse falar com a Vivianne ou qualquer outra mulher assim. Você me entendeu Enzo Gabriel?

— Não se mete. — Me empurrou. — Você ficou calado até agora. Estava lá curtindo a namoradinha nova e nem viu essa aí se esfregando com o babaca lá.

— Eu estou vendo coisa bem pior, Enzo.

— Que se danem vocês dois.

Dizendo isso ele saiu a toda, rumando para fora do local.

E a volta para casa só não foi um silêncio total porque os soluços da Vivi chorando por todo o caminho tomava conta do carro. Quando chegamos, liguei para a mãe dela avisando que já tínhamos chegado e pedi para ela deixar Vivi ficar com a gente.

Não havia possibilidade dela chegar em casa aos prantos.

— Não fica assim meu anjo. Ele estava nervoso. — Digo, lhe servindo um copo d'água.

— Mas é sempre assim Ian. Ele sempre desconta em mim os problemas dele.

— É o jeito dele Vivi. — Acariciei seus cabelos. — Para de chorar, por favor. Você está partindo meu coração assim. Amanhã quando ele estiver mais calmo eu converso com ele.

— Não precisa Ian. Ele sempre faz isso, eu é que nunca aprendo.

— Eu não quero ver você se menosprezando por causa do meu irmão. Ele é um idiota e tenho certeza que quando ele cair na real e ver a garota incrível que ele tem nas mãos dele, vai se arrepender muito de tudo isso.

— Você acha que um dia ele vai notar? — Seus olhos brilharam ansiosos.

— Se ele não notar, eu mostro para ele. Porque eu não vou aceitar ele ficar com outra pessoa que não seja você!

— Você não pode mandar nos sentimentos dele.

— Quem disse? Meu anjo, eu sou Ian Gabriel, eu posso tudo. — Ela ri, meneando a cabeça.

— Você é muito especial.

— E você é a garota mais incrível e adorável que Deus poderia pôr em nossas vidas.

— Não me faça chorar mais Ian. Já basta o Enzo...

— Tudo bem meu anjo. — Me levantei, pronto para sair. — Quer dormir no meu quarto comigo ou prefere ficar sozinha?

— Posso dormir com você? Estou com medo. Sempre que o Enzo briga comigo eu tenho pesadelos com meu pai... — E foi aí que eu percebi quão mal meu irmão causava àquele anjo tão puro e sincero.

— Claro que pode! Pode tomar banho lá, que eu vou ao banheiro do corredor. Pode pegar uma roupa lá no meu guarda-roupa e quando estiver pronta

me chama. Vou estar lá no escritório do meu pai, certo?

— Ok. Eu não vou demorar. — Beijeí sua testa, antes de sair, deixando-a sozinha.

Fui em busca do Enzo, assim que tive chance de fazê-lo. O encontrei em seu quarto. Muito tranquilo.

— A Vivi não tem culpa dos seus problemas. Pelo contrário, ela tenta sanar cada um deles, mas você prefere ser um babaca que desconta suas frustrações nela.

— Foi para isso que me veio aqui? Para me dar lição de moral? Eu não pedi para ela fazer nada por mim. Não quero que ela resolva meus problemas, quero que se coloque no lugar dela e entenda que nem sempre vou querer ser legal. É meu jeito.

— Que palhaçada é essa, Enzo? Você é novo demais pra está assim. Me fala o que está acontecendo. Eu posso ajudar você?

— Não pode — Gritou.

— Se você não fala comigo, realmente não posso. Mas se me contar, podemos entrar em um consenso.

— Estou cansado quero dormir. — Foi o que ouvi de resposta.

— Você nunca me escondeu nada, vai fazer isso agora?

— Eu não posso te falar, você não entenderia.

— Ei irmão, me diz quando me viu julgar alguém. Principalmente esse alguém sendo você?

— É que é diferente dessa vez. Eu posso magoar você.

— Enzo você está me preocupando. O que houve?

— Eu estou apaixonado. — Soltou, como se essa informação o estivesse sufocando. Eu sorri, sem entender.

— E porque isso é ruim?

— Porque é por alguém próximo a nós. E, não. Não é a Vivianne.

— Por isso você está tratando-a assim? Porque você não corresponde ao amor que ela tem por você?

— Mais ou menos isso.... Eu não sei muito bem lidar com esse sentimento dela, tenho medo de alimentar e no final ser bem pior.

— Olha irmão, você está agindo errado. Já que você sabe que ela te ama e que daria o mundo por você, o mínimo que você deveria fazer é ser sincero com ela e explicar que embora você goste muito dela, que eu sei que você gosta, infelizmente você está apaixonado por outra pessoa.

— Você acha?

— Claro Enzo. Faz isso e você verá o quão maravilhosa essa garota é.

— Ela me dá medo às vezes. A forma dela ver e reagir perante vida, mesmo depois de tudo que sofreu.

— Verdade. — Sorri orgulhoso por ela. — Mas eu ainda não entendi o porquê você tem medo de me magoar...

— É sobre a pessoa que falei para você que estou apaixonado...

— Hum.... Quem é?

Nunca vi meu irmão tão tenso, e pela primeira vez tive medo de não ter a resposta certa para ele.

— A Rafaelly!



Sete – Vivianne

15 anos atrás

— *Sua maldita* — Gritou, me fazendo encolher. — *Abre essa porta, Vivianne.*

— *Eu juro que não fiz isso papai.* — *Murmurei chorosa. Tremia de medo.*
— *Por favor, se acalma.*

— *Não me diga o que fazer sua menina abusada.* — *Grunhiu, seu punho batendo contra a porta.* — *Saia daí ou irei derrubar essa porta e quebrar a sua cara com os restos dela.*

— *Não, papai.* — *Solucei, buscando um refúgio onde pudesse me esconder. Onde estava a mamãe?*

— *A piranha da sua mãe deve estar por aí com algum amante. Aquela vagabunda. Já você, cachorrinha, irei adestrar assim que sair daí.*

— *Papai, eu já disse não fui eu* — *Me debati, desesperada.*

— *Vivi. Ei, vivi, acorda!* — A voz me despertou em um sobressalto. Estava ofegante e lágrimas molhavam meu rosto. — *Se acalma, pequena. Foi só um sonho ruim.*

Seus braços me rodearam, me capturando em seu aperto seguro.

— *Aí meu Deus, Ian.* — *Inspirei seu cheiro profundamente, me sentindo extremamente aliviada por ver Ian ali e não a figura odiosa do meu pai.*

— *Está tudo bem.* — *Me embalou, acariciando meus cabelos.* — *Eu estou aqui. Você está na minha casa, na minha cama, nos meus braços.* — *Sorri, sentindo amor transbordar por meu peito. Meu protetor sabia como me acalmar.*

— *Eu sei... Foi um pesadelo.*

— *Você me disse que tinha esses pesadelos.* — *Ele afastou meu corpo do*

seu, para me olhar nos olhos.

— Não é sempre, só quando brigo com alguém que eu amo. Por exemplo minha mãe, você ou o Enzo. — Ele assentiu.

— Eu entendo. Está se sentindo melhor agora?

— Tirando a vontade absurda de chorar. Sim estou. — Funguei, enxugando o rosto.

— Quero que se lembre-se de que tem a mim, que não precisa passar por todas essas coisas sozinha.

— Eu sei, Ian, e sou muito grata por isso. Mas, sabe, tem sido tão difícil lidar com tudo isso. Meu pai me deixou marcas não só físicas, mas também emocionais, e essas não são curadas com remédios. E eu fico procurando um refúgio, que acabo encontrando em vocês. Mesmo sabendo que não é assim que devo agir.

— Eu quero que você entenda uma coisa, Vivianne. — Ele ergueu meu rosto, segurando-o entre suas mãos. — Eu sei que tudo que você passou nessa vida foi muito doloroso e que, provavelmente, você vá crescer com essas marcas, mas nunca se esqueça de que eu sempre vou estar aqui por você e pelo Enzo. Vocês dois são muito importantes para mim. Por favor, se recomponha e aguarde, pois o Enzo irá falar com você.

— Você falou com ele? Brigaram por minha causa? — Perguntei preocupada.

— Falei sim, mas não brigamos não, ele me falou umas coisas com as quais também vou ter que saber lidar.

— Entendi.

Na verdade, não havia entendido muito bem, mas não iria ficar fuçando a particularidade deles.

— Vivi, meu irmão está passando por um momento difícil e confuso. —

Explicou-se. — Nós dois temos que ser forte e saber como agir com ele. E se depois de conversarem você quiser se afastar um pouco, eu vou entender. Só peço que não se isole.

— Entendi, Ian, mas por que você está me falando isso? O que houve com o Enzo, é sério? Tem a ver com meus sentimentos por ele? — Indaguei cada vez mais confusa com tudo.

— Em parte sim. — Disse. — Mas vou o deixar conversar com você e assim que terminarem quero que você me procure pra conversar comigo, pode ser?

— Claro.

— Agora vamos tentar dormir de novo? — Bocejou, me fazendo rir da sua carinha de sono e cabelo bagunçado.

— Eu não sei se consigo. Mas vou deitar.

— Deita aqui que eu te faço carinho até seu sono voltar. — Fui de bom grado, me aconchegando em seu peito quente e macio. Adorava estar ali, me sentia em paz.

— Se a Rafaelly souber que você dormiu de conchinha comigo, ela vai te dar um pé na bunda. — Ele riu.

— Ela não vai saber, pequena. Só se você contar.

— Minha boca é um túmulo. Sem contar que minha mãe sempre disse que quem come quieto come mais. — Brinquei aos risos.

— Foi o que eu imaginei. — Ele beijou meus cabelos carinhosamente.

— Ian? — Uma inquietude me tomou.

— Sim?

— Você me amaria? Quer dizer... Se não tivesse a Rafaelly, você me amaria?

Eu tenho um traço da minha personalidade que não me orgulha, a insegurança. E ela sempre fazia questão de aparecer em momentos inoportunos.

— Claro que sim, princesa. Eu me apaixonaria fácil por você. Quem não se apaixonaria? — Sorri, ronronando contra seu peito.

— Obrigada!

— Boa noite anjo.

Acordar nunca foi tão ruim e nem tão bom ao mesmo tempo. Ian estava com seus braços e pernas por cima de mim, como se eu fosse um urso de pelúcia. Eu fiquei ali por horas admirando a beleza dele.

Tenho certeza que se tivesse me apaixonado por ele tudo seria diferente, mas com Enzo é tudo mais complicado. Ian e ele são tão diferentes que às vezes nem parecem ser irmãos.

Levantei-me, tentando não acordar Ian, e o fiz com sucesso, pois ele nem se moveu quando consegui sair da cama.

Aproveitei o silêncio da casa e me encaminhei até o quarto de Enzo. Vê-lo dormir sempre foi uma das coisas preferidas em minha vida. Ele parece só um menino assustado quando está dormindo, um lindo menino, sem grosserias ou indiferença.

— Está fazendo o que parada aí, velando meu sono, Vivianne? — Perguntou ainda de olhos fechados. Assustei-me.

— Aí meu Deus, você quase me matou de susto. Pensei que você estava dormindo. — Falo exasperada, temendo seu próximo passo.

— Desculpa. Não quis te assustar. — Disse me surpreendendo. — E você não me acordou, eu nem dormi na verdade. Até passei pelo quarto do Ian, mas vocês estavam conversando e não quis atrapalhar.

— Acabei tendo um pesadelo no meio da noite. — Digo triste ao me recordar do sonho.

— Sinto muito. Você está bem?

— Ficaria melhor se você abrisse os olhos e conversasse comigo direito, palhaço. — Ele riu, fazendo o que pedi. Com um gesto de mão me chamou, apontando para seu lado na cama.

— Deita aqui comigo.

— Não posso. — Disse firme, desviando o olhar.

— Por que não? — Seu cenho se franziu.

— Você sabe, Enzo.

— Por favor. — Pediu, na sua melhor versão de cachorrinho carente.

Eu não tenho forças pra fazer isso, deitar ao lado dele e sentir ele me abraçando sem poder de fato curtir isso como eu desejo.

— Vivi, vem. — Reforçou o pedido, me ganhando.

Depois de deitar de frete para ele, Enzo me virou e ficamos de conchinha. Ele acariciando meus cabelos e eu nervosa esperando suas próximas palavras. Depois do que pareceu uma eternidade, ele finalmente falou:

— Eu sinto muito pela forma que te tratei hoje. Você estava linda. Você é linda. — Meu coração acelerou diante de suas palavras. — Acho que não estou sabendo lidar com o fato de você não ser mais uma criança. Está se transformando em uma mulher linda e exuberante, Vivi.

— Nossa, obrigada eu...

— Espera. — Interrompeu-me. — Me deixa falar tudo. — Assenti, me calando. — Eu sei que você gosta de mim. Sei que é bem mais do que um simples gostar de amigos. E isso também é difícil de assimilar para mim. Apesar de lhe achar linda e sentir atração por você, eu não estou apaixonado ou a amo como mulher. Tenho medo de te dar esperanças e acabar te magoando. — Engoli o nó que se formava em minha garganta. — Eu sei que a forma com a qual estou agindo só está piorando as coisas e, mais uma, vez te peço desculpas por isso.

— Eu... Eu não sei o que dizer. — Murmurei com a voz trêmula.

— Só me perdoa por ser tão idiota com você princesa, e por não poder corresponder os seus sentimentos. Eu... Eu... Estou apaixonado por outra pessoa.

Nesse momento o silêncio tomou conta do quarto, eu estava tão bem ali abraçada com ele na cama e de repente levei um soco na boca do estômago. Como assim apaixonado por outra pessoa? Que pessoa? Ele não saiu com ninguém.

— Vivi? — Ele me apertou um pouco contra si, chamando minha atenção.

— Me desculpa. Eu... Eu... — Fui acometida por um surto de gagueira. Meu cérebro não era capaz de formular palavras.

Tentei levantar, mas Enzo me segurou forte, mantendo-me ali.

— Por favor, não vai, fica aqui comigo. Está tão gostoso sentir seu corpo aqui esquentando o meu.

— Você está sendo egoísta. — Minha garganta estava travada. — Não tem noção do quanto eu queria ficar aqui com você, assim como estávamos, mas como posso continuar sabendo que você tá apaixonado por outra pessoa?

— Ela é impossível pra mim, Vivi, nunca vou poder ficar com ela.

— E por que não? — Minha curiosidade estava quase ganhando da tristeza naquele momento.

— Porque ela está namorando. — Anuiu.

— Quem é ela? Por que nunca me contou? Eu conheço?

— Sim, você conhece. — Seu tom derrotista me angustiou. Me virei de frente para ele, me deparando com olhos aflitos.

— Quem é Enzo? Para de enrolar!

— É a Rafaelly. — Ele disse tão baixo que mal pude ouvir.

Foi como se uma bomba acabasse de ser eclodida dentro de mim. Enzo estava apaixonado pela namorada do irmão?

— A namorada do seu irmão. — Repeti catatônica.

— Sim. — Disse, baixando a cabeça e a encaixando no vão do meu pescoço. E então o ouvi fungar, sentindo em seguida meu pescoço ficar molhado.

Ele estava chorando. Pela primeira vez em anos o vi como um menininho chorando sem saber o que fazer.

— Não mandamos no coração, Enzo. — Consolei-o. Mesmo que me partisse dizer aquilo, eu queria vê-lo bem.

— Eu não sei o que fazer. contei para o Ian e ele ficou tão perplexo quanto você. Acha que ele vai me odiar por isso?

— Claro que não. Seu irmão está muito preocupado com você. Ele te ama muito, tenho certeza que jamais se voltaria contra você por causa de uma garota. Ian sabe que nós não mandamos no nosso coração.

— Você acha mesmo?

— Tenho certeza. — Disse firme, enxugando suas lágrimas. — Mas o que você pretende fazer?

— Nada. — Retrucou mais recomposto. — Vou seguir a minha vida normalmente. Eu só não quero que você se afaste de mim. Eu preciso de você comigo para superar e entender tudo isso que está passando em minha mente conturbada.

— Eu prometo que nunca vou te deixar. Por nada nessa vida!

— Eu te amo, princesa, e me sinto um idiota por não poder corresponder o seu amor da mesma forma.

— Não se preocupe com isso. — Sorri tristemente. — E só o fato de você me querer por perto, e dizer que me ama do seu jeito meio torto, já me faz

muito feliz.

— Cuida de mim? — Apertei-o contra mim, amando mais a cada segundo.

— Sempre!



Oito – Vivianne

Atualmente

Estava na cozinha conversando com umas das empregadas de Ian. Precisava me inteirar de algumas coisas da sua vida, para que enfim, eu pudesse saber como agir.

Descobri muitas coisas da sua rotina, dos seus gostos, mas uma informação extra me chamou atenção.

Carmem, a simpática cozinheira, me relatou que havia fofoca entre as empregadas e que em uma delas descobriu que Ian vivia em constantes oscilações de humor. Sempre que parecia melhor e recuperado, ele recebia alguma correspondência estranha, que o mandava de volta para a depressão.

Me lembro de tia Olga relatar algo sobre isso. E também dizer que Ian não queria falar sobre essas tais correspondências de forma alguma. Era sempre uma briga quando tentava.

Meu instinto me diz que é por aí que devo começar. Preciso saber o que aflige tanto Ian, para ter noção de como tirá-lo do limbo. Saí dessa conversa com um bom norte, iria começar da forma mais clichê perguntando a ele:

— Posso saber o que você tanto cochicha? — Enzo entrou na cozinha exalando beleza e alegria.

— Estávamos conversando sobre... Sobre é... A comida que estava maravilhosa. — Disse em meio a um sorriso totalmente falso.

Ele ergueu as sobrancelhas, claramente duvidando da minha resposta.

— Você mente tão mal quanto canta, coração — diz debochando da minha cara de paspalha.

— Não sou obrigada a te dar satisfações das minhas conversas com quem quer que seja, Enzo. — Retruquei altiva.

— Pode baixar a bola e desembuchar. — Pegou uma maçã da fruteira, dando uma mordida em seguida.

— Para de ser fofoqueiro moleque — Ele deu de ombros, se desencostando da mesa.

— Tudo bem, continua aí conversando. Depois você vai me contar tudo mesmo. — Ele diz todo convencido. Vira as costas para mim, saindo da cozinha com ar de vitorioso. Revirei meus olhos.



— Eu tive uma ideia! — Digo entrando na sala, surpreendendo Enzo e Ian, que conversavam animadamente sobre algum jogo bobo.

— Não. — Me responderam em uníssono. Bufei, ignorando a recusa deles.

— Vão se ferrar vocês dois. — Murmurei. — Levantem essas bundas daí e se mexam, porque vamos à praia!

— Eu não sei se você percebeu mais eu estou, há alguns anos, impossibilitado de levantar minha bunda de qualquer que seja o lugar. — Disse amargo.

Senti meu coração se apertar diante de sua frase. Imagino o quão difícil tem sido para ele essa situação. Mas agora estou aqui e farei o impossível para tornar tudo melhor.

— Eu não estou afim de ir à praia. — Enzo interview, dando sua opinião e cortando o silêncio constrangedor que se fez logo após a declaração de Ian.

— Não me lembro de ter pedido sua opinião. — Cortei-o. — Só me lembro de dizer que era pra você se levantar e ir arrumar as coisas. E você Ian, — Apontei o dedo em sua direção. — Vou lhe ajudar com suas coisas, com relação a sua bunda, vamos levantar ela daí logo, logo. — Ian riu.

— Eu não preciso de ajuda para trocar de roupa, Vivi, eu aprendi a fazer isso sozinho desde a infância.

— Tenho certeza que sim, mas como sou sua babá, enfermeira e terapeuta, irei lá te ajudar e me aproveitar um pouquinho desse corpo, que apesar de não fazer exercícios, continua um pecado. — Dei uma piscadinha descarada para ele, e consegui arrancar umas gargalhadas dos dois irmãos.

Uma hora depois estávamos dentro do carro, rumo à praia. Ian com uma carranca, Enzo com raiva porque não o deixei chamar Rafaelly, já eu estava concentrada em dirigir.

Quando chegamos à praia Enzo ajudou seu irmão a descer e se estabilizar na cadeira. Aproveitei para procurar um lugar sem tanto sol e encontrei mais a frente, guiando-os para lá.

Já acomodados, cuidei em proteger Ian do sol, logo depois me sentando ao seu lado. Ele estava em um estado pensativo, fitando o horizonte. Aquela paisagem é mesmo a mais bela e inspiradora do mundo.

— Eu acho sinceramente que nós deveríamos sair mais vezes juntos. — Quebrei o silêncio.

— Vê se não se empolga, Vivianne, só vim por que, além de fazer anos que não venho à praia, acordei com vontade de ver gente nova.

— Para mim já é um bom começo. Vou torcer para que você acorde assim todos os dias. — Apertei sua mão, que descansava no encosto da cadeira.

— Não espera muito de mim, para você não se frustrar igual a minha mãe.

— Eu pouco me importo com suas tentativas de me desanimar. Vou mudar você e vamos voltar a nossa vida dos três mosqueteiros.

— Minha pequena, você está abusando da sorte isso sim. — Ian fala sério, olhando diretamente nos meus olhos. Ele nem havia percebido como tinha

acabado de me chamar.

— Que nada — Desdenhei, fazendo uma careta em sua direção.

Enzo e eu caímos na gargalhada diante da cara de estarrecido de Ian.

Alguns minutos de conversa amena se passaram, até que uma sombra evidenciou uma aproximação. Diga-se de passagem, de uma pessoa indesejada e inesperada.

— Que família linda. — Murmurou sorridente.

— Está fazendo o que aqui Rafaelly? — Perguntei sem a menor paciência.

Não queria briga com ela, nem parecer ciumenta ou coisa do tipo. Tentava encará-la com a maior normalidade possível. Mas ela abusava bastante.

Ian ficou estático olhando diretamente para a praia. Ele tentou transparecer tranquilidade, mas eu vi seus ombros ficando tensos.

Numa tentativa de protegê-lo de si mesmo, me levantei, sentando-me atrás dele. Minhas pernas envolveram seu corpo, e o abracei por trás, repousando minha cabeça no vão do seu ombro e pousando a mão em seu abdome. Ele suspirou, apenas colocando a mão sobre a minha.

— Vim ver meu namorado e me certificar de que ele estava falando a verdade sobre o fato de que Ian tinha saído da toca. Como você está Ian? — Indagou fitando-o demoradamente.

— Continuo aleijado, obrigado. — Ian responde, sem olhá-la.

— Nossa, que horror! Achei que tinha mudado seu mal humor.

— Enzo tira a sua Barbie daqui, por favor, antes que ela faça o favor de acabar com a nossa tarde. — Grunhi.

Rafaelly avançou alguns passos, mas Enzo a segurou e levou ela para longe de nós.

Depois de alguns minutos ainda estávamos na mesma posição, e eu resolvi quebrar o silêncio e arriscar-me numa pergunta nada agradável.

— Posso te fazer uma pergunta, Ian? — Perguntei baixinho.

— Eu já sei qual é a pergunta e a resposta é não!

— Entendo. Você sente raiva do Enzo?

— Eu amo meu irmão, Vivi, sempre amei e sempre vou amar. Mulher nenhuma vai mudar isso. Esse babaca sempre foi apaixonado por ela. Deixe-os.

— E isso não te incomoda nem um pouco? — Indago curiosa.

Não é possível que ele tenha tamanho sangue frio. É sua ex-noiva e seu irmão. Como pode não ter reação quanto a isso?

— Eu não quero falar sobre isso. Não é da sua conta. — Ele afasta minhas mãos do seu corpo.

E lá se vai a minha chance de arrancar qualquer informação de bom grado dele. E por água a baixo também se foi o bom humor dele. Tudo causado por essa fingida.

— Quero ir pra casa. — Ian fala, depois de quase 20 minutos de puro silêncio.

— Vamos ficar mais um pouco, queria ver o cair da noite com você, igual fazíamos quando...

— Quando eu não era um maldito aleijado! — Gritou. — Eu quero ir para casa agora, Vivianne. — Ele diz me cortando em um tom ainda mais alto.

— Eu sei que não é fácil pra você mas eu juro que vou mudar isso tudo. — Me ergo, avistando Enzo ao longe. — Vou chamar seu irmão, já volto.

Depois de alguns minutos tentando convencer Enzo de que não era uma boa ideia que a Rafaelly fosse de volta com a gente para casa, ele se despediu da dita cuja e voltamos juntos para onde Ian estava com as nossas coisas.

— Achei que tinham ido sem mim ou me esquecido aqui. — Resmungou.

— Claro que não irmão, só estava colocando a Rafaelly no táxi.

— E por que ela não veio com você?

— Porque a gostosa aqui está de mal com ela. — Enzo respondeu, apontando o dedo para mim.

Nem me dignei a responder. Estava irritada demais para isso. Ele tinha que ter contado a essa patricinha onde estávamos?

Entramos no carro, todo o trajeto de volta foi feito em um silêncio sepulcral. Ian rumou para seu quarto assim que chegamos em casa, Enzo saiu para a empresa e eu me ocupei em guardar as coisas.

Alguns minutos depois, já de banho tomado, decidi ir ver se Ian precisava de algo. A cama estava fazendo, e havia barulho no banheiro. Caminhei até lá, batendo na porta.

— Pode entrar Vivi, estou na banheira. — Anunciou.

Abri a porta devagar e tive a visão mais linda de todos os tempos. Ele estava deitado na banheira cheia de espuma, com apenas parte de seu peitoral e rosto sendo exibidos. A cabeça estava recostada na borda da banheira, os olhos fechados, e havia uma taça de vinho em uma de suas mãos.

— Como você sabia que era eu? — Me encostei-me a pia. Tentando não prestar muita atenção na sua beleza.

— Porque ninguém é louco de bater na minha porta, independente da hora ou humor, a não ser que seja extremamente importante. — Eu ri, sem graça com sua afirmação.

— Eu sempre fui louca, você sabe disso. — Disse, enquanto caminhava rumo à banheira, me sentando no espaço da borda, logo atrás dele. — Posso? — Perguntei pegando uma esponja para esfregar as costas dele.

— Não precisa fazer isso, Vivi. — Pousou a taça na borda da banheira.

— Mas eu quero. — Dito isto começo a passar a esponja por toda região de suas costas. Ian chegou seu corpo mais para trás e afastou um pouco as costas da beirada da banheira para que eu pudesse ter um melhor acesso.

— Isso é muito bom. Você tem mãos de fada. — Murmurou com a voz esganiçada. Quase pude ouvi-lo gemer.

Seu corpo relaxou sob minhas mãos e me peguei sorrindo.

— Posso te fazer uma pergunta, Ian?

— Estava bom demais pra ser verdade. — Ele diz com uma voz divertida.

— É sério... É que eu estudei sobre isso, mas as situações sempre são diferentes. Varia dependendo do seu caso, do seu psicológico e até do físico.

— Hum... Então é algum estudo, é isso? Uma pergunta profissional? — Ele ergueu as mãos. — Pelo menos uma vez na vida não será uma fofoqueira sem noção.

— Seu ogro. — Ele riu.

— Pergunte.

— Você... É... Você se excita?

Ele parou por um instante, sua respiração alterou-se visivelmente e suas costas voltaram a se tencionar.

— Você tá querendo saber se fico de pau duro? Se funciona ou está inútil igual minhas pernas? — Sua voz está indecifrável e não consigo lê-lo, pois não vejo seu rosto nessa posição.

— Fiz mal em perguntar, não é?

— Você quer ver? Fazer um teste? — Soltou sardônico.

— Como assim? Eu só fiz uma pergunta. — Minha voz falha pelo

nervosismo.

Ele nunca deu em cima de mim. Nunca ágil de outra forma comigo, que não fosse como um grande amigo.

— Relaxa anjo. — Faz tanto tempo que não vejo ele me chamar assim com tanto carinho na voz, que quase esqueço da situação constrangedora. — Meu pau funciona. A vertebra acometida não compromete nada aqui embaixo. Por exemplo, nesse exato momento estou ficando bem excitado.

Tirei as mãos do seu corpo, chocada com sua resposta e o rumo dessa conversa. Meu Ian nunca me coagiria assim.

— Pare com isso, Ian. Está me deixando nervosa.

— Que bobagem. Não precisa ficar nervosa. Faz tanto tempo que não uso ele, que nem poderia ser uma ameaça a você.

— Vo... Você não faz sexo a quanto tempo? — Gaguejei.

Não queria continuar a conversa, mas a curiosidade sempre dava um jeito de me vencer.

— Desde o acidente. — respondeu tranquilamente.

— Mentira! — Sussurrei desacreditada.

— Para isso existe a masturbação, querida.

— Mas porque você não...

— Quem gostaria de transar com um aleijado Viviane? — Cortou-me, alterado.

— Eu não vejo problema algum nisso. Acho até um tanto que excitante. — Coloquei a mão sobre a boca, parando minha matraca. Ele riu, divertindo-se com meu constrangimento.

— Você como fisioterapeuta não deveria falar essas coisas para um paciente que se encontra pelado na sua frente. — Acabo dando risada junto com

ele.

— Acho melhor eu ir ver como está seu jantar. Nos vemos lá embaixo?
— Digo me levantando. Acabo me atrapalhando no processo e derrubando alguns recipientes de sais, que estavam atrás de mim.

— Está nervosa, pequena?

— Não enche, Ian. — Digo entredentes, saindo dali quase correndo.

Meia hora depois, a mesa estava posta e estávamos esperando Ian descer para começarmos a comer. Logo ele apareceu com um sorriso no rosto e falando que estava com fome.

— É, parece que sua vinda para cá está começando a surtir efeito, Vivi.
— Enzo fala em meu ouvido vendo o sorriso de seu irmão.

Logo embarcamos em uma conversa descontraída sobre nossa infância, riamos das histórias que Ian estava lembrando com tanto entusiasmo. Tia Olga está visivelmente feliz, tanto que saiu para a cozinha, queria ajudar com a sobremesa.

Estávamos no meio de uma crise de riso quando vi a expressão de Ian mudar e seu sorriso se apagar instantaneamente.

— Boa noite família! — Rafaelly diz, me fazendo virar em sua direção.

Será que só eu reparo o mal que essa garota traz? Ian sim estranho em sua presença. Poderia ser por tudo que já viveram, pelo fim do noivado, mas havia algo mais ali. Eu sentia.



Nove – Vivianne

Encarei a figura bem-vestida e ativa à minha frente. Nunca fui totalmente amiga ou mesmo odiei Rafaelly. Mas devo dizer que ultimamente ela tem cooperado para criar muita raiva dela.

Fez-se um silêncio sepulcral em toda casa. Olhei de relance para Ian e o vi naquela posição tensa. Resolvi quebrar o silêncio, tentando amainar a tensão de Ian.

— Costume seu chegar aos lugares sem ser convidada ou devidamente anunciada Rafaelly? — Disse sem a menor paciência.

— Qual o seu problema comigo em Vivianne? — Soltou raivosa. — Não é de hoje que você me ataca.

— O meu problema é a sua cara de pa...

— Já chega, Vivianne. — Enzo me interrompeu bruscamente. — Desde quando a minha namorada precisa ser autorizada para estar em qualquer lugar onde eu esteja. Principalmente na minha casa? Desde quando ela precisa ser anunciada ou dar explicações do porque ela veio aqui? Quer motivo melhor do que eu, o namorado dela. — Fiquei sem palavras diante da sua explosão.

Há muito tempo ele não agia dessa forma comigo.

— Em primeiro lugar, essa porra de casa não é sua, Enzo, é minha. E para entrar nela até mesmo você ou a minha mãe tem que ser devidamente anunciados. — Ian interveio. — Por isso, nesse exato momento, convido todos a se retirarem, pois quero jantar em paz.

— Eu não acre... — Enzo começou a protestar novamente, mas outra vez foi interrompido.

— Eu mandei sair! — Gritou mais enfático. — Você entendeu ou quer que eu seja mais claro? E enquanto a você Rafaelly, faça o favor de comunicar quando quiser fazer uma visita.

Ela arregalou os olhos, surpresa pelos gritos dele. Mas não deixou transparecer a surpresa por muito tempo. Logo colocando um sorriso lacônico nos lábios.

— Eu só não te respondo, Ian, porque não quero que você se aborreça atoa. Eu me preocupo com você, apesar de tudo. — Seu tom de voz trêmulo e falso me enojavam.

— Você não vai me responder por que sou o dono dessa porra e se quiser nem na calçada você pisa. Agora, por favor, saiam da minha frente. — Rugiu novamente.

— E o jantar? Vai me proibir de comer também, Ian? — Enzo o questionou. Mal tínhamos acabado de comer e ainda faltava a sobremesa.

— Aproveita a sua namorada e faz um jantar à luz de velas lá no jardim.

Eu continuei estática, com vontade de rir pela atitude mal-educada de Ian. Tinha achado bem feito para aquela loira aguada. Enzo saiu, arrastando Rafaelly pelo braço porta a fora. Fiz menção de levantar, mas Ian falou sem me olhar.

— Pode ficar e terminar seu jantar, Vivianne.

Não disse nada apenas me sentei, sabiamente e continuei comendo.

Quando Ian terminou seu jantar, deu ré em sua cadeira e saiu da cozinha, sem sequer esperar a sobremesa.

Já era quase meia noite quando subi para o quarto. relatei a uma Olga abismada o que havia acontecido enquanto ela estava na cozinha.

Ainda atormentada com o acontecimento do jantar, decidi que antes de ir dormir, me certificaria que Ian estava bem. Tudo estava em silêncio no quarto, mas logo avistei-o, estava na janela, olhando para a piscina.

Sei exatamente o que ele estava vendo, porque também vi pela janela da sala antes de subir.

— Você está bem? — Perguntei para que ele finalmente notasse minha presença.

— Já estive melhor. — Respondeu, sem desviar os olhos.

— Ian, não mente pra mim, eu sei que você ainda é apaixonado por ela.

— Se sabe por que insiste em perguntar?

— Eu queria que você confiasse em mim. — Digo esperançosa.

— Não é questão de confiança, Vivi, as coisas são bem mais complicadas e complexadas do que possa imaginar.

— Eu sou inteligente, me conta que eu vou entender. E então poderei lhe ajudar.

— Não é questão de inteligência. — Suspirou pesadamente. — Agora vá deitar e me deixe sozinho, por favor.

Eu poderia insistir mais, no entanto isso só iria irritá-lo. Então dei boa noite e o deixei sozinho, assim como pediu.



— *Ian... Ian, por favor... — Gemo incontrolavelmente.*

— *Calma, geme baixinho, pequena. Como você é gostosa — Enfatiza, os olhos injetados de desejo.*

— *Você tá me deixando maluca, Ian — Continuei a me mexer, enquanto ele trabalhava majestosamente com sua boca entre minhas pernas.*

Era absolutamente inexplicável as sensações que ele conseguia me causar. Nunca havia sentido nada parecido. Meu corpo estremeceu. Segurei seus cabelos, fazendo-o me olhar.

— *Eu não aguento mais. Preciso sentir você me preenchendo.*

Ian se afastou, estendeu a mão e me ajudou a descer da mesinha. Por um

instante fiquei sem graça, mas rapidamente ele se posicionou na cadeira de rodas, abaixando a roupa o suficiente para expor sua ereção. Parei por um instante, observando a maravilha diante dos meus olhos.

— Vem. Senta aqui — Chamou, apontando para seu colo. Sua expressão estava me tirando de órbita.

Aceitei seu convite de bom grado, segurando nas laterais da sua cadeira para me posicionar em seu membro.

— Nossa, pequena, como você é apertadinha. — Sua voz sussurrada, os olhos fechados e a boca entreaberta era um convite para a luxúria.

— Aaaah, Ian... — Eu não conseguia conter meus gemidos.

Ian era perfeito, me fazia delirar com um mísero movimento. Sua passagem por meu sexo foi extremamente apertada e prazerosa. O que era explicável, já que só tive um homem na vida, Enzo, e fazia muito tempo que não transávamos.

— Ian — Grito, fincando as unhas em seus ombros. Ele se perde em beijos, espalhados por meu pescoço e seios, mesmo por cima da camisola.

— Você é perfeita — Ele grunhe.

Senti o orgasmo se construindo, até Ian parar nossos movimentos, ordenando silenciosamente com um gesto, que eu me virasse de costas. Me reposicionei, apoiando as mãos agora na mesinha a minha frente. Assim tinha mais liberdade de movimento.

Ele puxou meu cabelo, me inclinando para trás, tendo assim acesso ao meu pescoço, que ele mordeu e sugou a seu bel prazer.

O prazer que crescia em meu ventre se transformou em um orgasmo avassalador, que trouxe Ian para o céu, assim como eu.

Estava ofegante e sorridente, virando-me para abraça-lo e beijá-lo quando...

Um barulho mudou o cenário que estava diante dos meus olhos.

Foi só um sonho?

Estava ficando louca. Completamente biruta. Como podia ter esse tipo de sonho com Ian? Nada justificava as cenas que meu subconsciente criou.

Levantei-me atordoada, e parti para fazer minha higiene matinal. Após um bom banho frio, devidamente vestida e recomposta do sonho constrangedor, desço para tomar café.

A porta do quarto de Enzo está fechada e nem sequer passo perto do quarto de Ian. Ótimo, agora vou passar o dia fugindo dele por vergonha do sonho depravado que tive.

— Bom dia senhorita Vivianne.

— Bom dia, Eliza. Já disse que não precisa me chamar nem de senhorita e nem de Vivianne, me chame apenas de Vivi. — Disse-lhe dando um sorriso amistoso.

— Bom dia senhor Ian! — Eliza diz, olhando por cima de meus ombros. Eu corro na hora, só de pensar que Ian estava atrás de mim.

— Bom dia meninas! — Ian responde com uma voz rouca e cansada.

— O Senhor está bem? — Ela pergunta, também percebendo como a voz dele estava, e eu ainda de costas o ouvi responder.

— Estou sim, só acordei cedo e fui malhar um pouco. Você pode preparar meu café e levar para mim no escritório?

— Claro Senhor. Com licença. — Ela sai, me deixando sem alternativa a não ser encarar Ian.

— Vivianne? — Chama.

Quase morri quando o ouvi chamar meu nome. Estou certa de que meu rosto virou uma pimenta.

— Oi Ian. — Respondo sem me virar para ele, apenas o observando por cima de meus ombros.

— Aconteceu alguma coisa? Você está com algum problema?

— Só tive um pesadelo. — Minto.

— Quer conversar sobre isso? Assim... Minha vida é um pesadelo constante, então disso eu entendo...

— Não obrigada. — Digo breve. Louca para me livrar dele.

— Ok. Se quiser conversar, estou no escritório.

Assenti ouvindo, aliviada, o barulho da sua cadeira se afastando.

Ajudei Eliza a preparar o café de Ian e Enzo. E acabei tomando o meu ali mesmo na cozinha. Pedi que ela levasse o café do Ian e rumei para o quarto de Enzo, com seu café.

— Dá pra acordar, ou está difícil? — Balancei seu corpo.

— Sai Vivianne, eu não quero assunto com você. — Resmungou.

— Olha, se isso é por causa de ontem, me desculpa. Mas convenhamos que sua namorada é bem inconveniente.

— É sério, Vivianne, sai. — Cobre o rosto com o cobertor.

— Idiota! — Digo irritada, deixando a bandeja na mesinha e saindo.

Decido então, já que não tem outra forma, ir até o escritório de Ian. Quando eu ia abrir a porta, que estava entreaberta, ouço Ian falando com alguém ao telefone, um pouco alterado.

— Que não foi só um acidente eu já sabia! — Vocifera. — Eu quero saber quem queria me matar, e quem fica mandando essas merdas destas mensagens anônimas.

Ouve um silêncio repentino e logo ele gritou dizendo:

— Eu sabia que o pai dela estava por trás disto! Foi esse filho da Puta

que causou meu acidente! Ele queria me tirar do caminho!

Eu não pensei, apenas empurrei a porta com toda força, fazendo Ian se assustar e indaguei:

— Quem mandou matar você Ian?



Dez – Ian Gabriel

Acordei ainda irritado com tudo que aconteceu ontem. Essas aparições de Rafaelly durante o dia, o desgaste do almoço, meu irmão e ela ficaram até quase duas da manhã se pegando na minha piscina.

Porra, ela era minha noiva, já transamos em cada pequeno espaço desta casa e é impossível não me incomodar com ela se pegando com meu irmão. Enzo sempre foi muito sensível, apesar desse jeito durão dele.

Ele sempre nutriu sentimentos por ela. O próprio me contou isso, jamais esqueceria sua expressão de desespero. Não o culpo por seus sentimentos. Ninguém manda no coração.

Posso até ter me resignado a aceitar a situação de vê-la com ele, jamais seria capaz de deixar transparecer que me dói vê-los juntos, mas dizer que não me sinto afetado, já é uma grande mentira.

Achei que Rafaelly fosse a mulher da minha vida. Ela foi a namorada perfeita, linda, carinhosa, simpática e inteligente. Aceitar que não teria mais isso, foi um processo muito doloroso.

Quando sofri meu "acidente", eu disse a ela que ela teria uma escolha a fazer. Ou aguardaria minha recuperação longe, pois não queria prendê-la a um aleijado. Ou seguiria de vez sua vida, porque assim como estava, não sobrava espaço para ela.

Era uma sentença, e confesso que gostaria que ela tivesse lutado por mim, mesmo que eu a mandasse embora, assim como todos da minha família fazem até hoje.

Mas ela não só desistiu, como um mês depois, ela e meu irmão vieram me comunicar o namoro. O que eu poderia fazer quanto a isso, a não ser calar-me?

Ela seguiu sua vida, assim como disse para fazê-lo.

Não se passou muito tempo até eu começar a receber ameaças estranhas. No início citavam a mim e a "ela". Fiquei louco, sem saber de quem poderia vir aquilo tudo.

Até que comecei a desconfiar dela e de sua família, por uma expressão que Rafaelly fez ao me ver com uma das cartas na mão. Sem falar que ela sempre estava sondando minha vida de alguma forma.

As ameaças também envolviam meu irmão, meus pais e até Vivianne. Por ela ser a menos protegida de todos nós, já que mora distante, vive longe dos meus olhos, dei meu jeito de fazer com que ela ficasse bem afastada de mim durante esses anos. Estava protegendo-a silenciosamente.

Até meu irmão ter a brilhante ideia de colocá-la aqui dentro de casa como minha "enfermeira". Confesso que ela até me diverte, mas não queria colocá-la em perigo.

Depois de uma noite em claro pensando sobre o que fazer com Viviane, achei melhor mantê-la aqui. Pelo menos ela estaria segura dentro da minha casa e quando saísse estaria comigo, Enzo e os seguranças.

Contratei dois detetives para achar esses desgraçados que me arrancaram tudo e, depois de anos de pesquisas, cheguei a alguns nomes... Não falei pra ninguém. Ninguém sabe que meu acidente não foi acidental. Enzo até chegou a me questionar no começo, pois sempre fui um ótimo piloto e muito prudente, mas com o tempo, para o seu próprio bem, o deixei fora de tudo isso o convencendo que de fato foi só um acidente.

Hoje recebi a ligação de uns dos detetives logo cedo e ele me deu o motivo para o atentado contra minha vida. Apenas confirmando o que eu já desconfiava.

Decidi ir para o escritório e ligar novamente para o detetive Benson. Não tive como saber mais detalhes em sua primeira ligação, pois mamãe entrou no quarto.

Estava no meio da conversa, mas acabei me descuidando e agora tenho uma Vivianne estática, pálida, parada bem a minha frente depois de me ouvir falar em alto e bom som que tentaram me matar.

— Você pode, por favor, não gritar, se acalmar e trancar a porta? — Ela não disse nada, apenas assentiu com a cabeça, porém não se moveu. — Vivi... A porta, por favor. — Tento falar o mais calmo possível.

— Tudo bem. — Ela saiu do seu estado de torpor, fechando a porta. Voltando sua atenção para mim.

— Senta aqui, por favor. — Falei apontando uma cadeira em frente à minha mesa. Ela ponderou, caminhou em passos lentos até a cadeira e sentou-se, me encarando. Eu a conheço sei que ela não vai engolir qualquer desculpa.

— Quero a verdade Ian. — Disse firme. — Quero que me conte tudo que sabe. — Disse recuperando seu estado normal.

— Sei muito pouco. — Disse ponderando o que devo falar pra ela.

— Duvido. Fale, pois eu quero saber de tudo, do início.

— Eu não posso te falar nada. A única coisa que posso lhe dizer é que, como você já ouviu, meu "acidente" foi encomendado.

— Quem faria isso com você e por quê? — Ela me pergunta com a voz triste e olhar profundo.

— É só isso!

— Uma ova que é só isso! Quero que você me conte a verdade de tudo que você sabe ou eu vou sair daqui, vou falar com seus pais e com o Enzo.

— Faça, se você quiser morrer junto com todos eles. — Dou de ombros, fingindo tranquilidade. — Vai em frente, espalha para todo mundo o que você descobriu e mate-os.

— Como assim morrer com todo mundo? — Sua expressão agora é de preocupação extrema. Está com medo.

— Vivi, Acorda! Eles tentaram me matar, me ameaçam todos os dias e você acha que pode chegar aqui e pôr tudo a perder? Eu me calei por seis anos, enquanto investigava cada mínimo detalhe. Permaneci no limbo para salvar vocês.

— Quem são eles, Ian? — Ela estava em prantos, com o rosto vermelho e uma voz aflita. — Como assim você é ameaçado todos os dias? Por favor, confie em mim!

— Não é questão de confiança, já te disse. São pessoas perigosas. Porque você acha que eu preferi esconder todos esses anos tudo que sei? Estou há anos preso em uma cadeira de rodas, escolhendo por pura e espontânea pressão, me manter longe de todos para que ninguém se ferir.

Ela engoliu em seco, enxugando o rosto.

— Eu entendo que você tema pela segurança, mas posso ajudar de alguma forma. Também sou alvo das ameaças, afinal.

— As ameaças só são diretas se eu não obedecer às ordens. Fora isso vocês estão a salvo. Você agora está sob meu olhar constante. Não deixarei que nada aconteça.

— Vou viver refém igual a você, Ian? — Indagou. — Precisa acabar com esse cárcere. Divida esse fardo comigo. Prometo que estarei ao seu lado.

Suspiro, expressando todo o cansaço que sinto por segurar esse peso sozinho. Abaixo os ombros, me rendendo. De fato, preciso dividir isso com alguém.

— Tudo bem. — Cedi, tomando coragem para relatar a história. — Bem, no dia da minha festa eu estava no meio do salão dançando com Linda, minha prima, e recebi um SMS que dizia: "Divirta-se, pois, sua festa acabará quando você sair, e essa será sua última comemoração".

“Depois disso tudo passou muito rápido, briguei com a Rafaelly, você foi

embora, e quando fui, por fim, procurar minha noiva para irmos embora foi uma loucura. Até que entrei em um dos reservados que tinha na festa e vi Rafaelly se pegando com outro cara.”

— Como assim se pegando com outro cara? — Ela se empertigou provavelmente desconfiando de quem se tratava.

— Você está de sacanagem ou precisa mesmo dos detalhes sórdidos?

— Ian. — Murmurou chocada. — Ela traiu você no dia do seu aniversário?

— Obrigada por lembrar — Soltei debochado. — O cara não me viu, pois estava de costas para porta. Mas ela, por outro lado, me olhou dentro dos olhos e sorriu perversamente. Minha única reação foi sair correndo dali. Enojado com a cena. Eu sempre fui um cara muito centrado, Vivi, e aquilo destruiu meu mundo, mas mesmo assim eu estava em plena consciência do que estava fazendo e como estava dirigindo. Notei que havia algo de errado no carro pouco tempo depois. Por algum motivo não conseguia controlá-lo e então você já sabe.

— Ela viu você? Ela sabe que você a viu traindo-o e mesmo assim fez toda aquela cena e...

— Ela acha que eu perdi a memória dos últimos fatos antes do acidente.

— Você não tirou satisfação com ela? Não a mandou embora? Ela traiu você e deixa que ela entre em sua casa e transe com seu irmão na sua piscina? Que tipo de masoquista é você?

— Eu não sou nenhum masoquista, mas cheguei à conclusão que estava tudo interligado. A nossa briga do nada, a mensagem me ameaçando, o flagra armado e o acidente.

— Como assim? Você acha que ela mandou te matar?

— Não ela diretamente, mas o pai.

— O pai dela morreu, Ian! — Ela diz sem paciência e eu dou risada do

seu jeito exasperado.

— Isso é o que as pessoas dizem anjo, é o que ele quer que todos acreditem, mas ele está mais vivo do que eu e você juntos. — Seu queixo quase bate no chão após todas essas informações.

— Eu não sei o que pensar. Eu... Eu estou confusa. — Vivi meneou a cabeça. — Por que ele iria querer te matar?

— O velho Alceu quer tomar a frente das empresas nacionais e internacionais do meu pai. Para fazer lavagem de dinheiro e essas falcatruas. E como eu sou o responsável legal por tudo, e o único impedimento dele, seria fácil se livrar de mim, colocar Enzo no poder e manipulá-lo.

— Meu Deus Ian, você deixou o Enzo entrar nessa? E se essa megera tentar alguma coisa contra ele?

— Ela não vai tentar nada contra o Enzo. Rafaelly sabe o risco que corre. Ela está com os dois pés atrás e isso me deixa um passo à frente dela. Por isso é tão importante que não fale nada para ninguém. Que nem mesmo mude de comportamento com ela, além de ter cuidado onde falar disso. Eu achei algumas escutas pela casa e o único lugar que ninguém entra é aqui.

— Como assim escutas?

— Escutas, microfones, câmeras... Sabe?

— Quer parar de debochar de mim, Ian. — Diz brava, e eu caio na gargalhada. Sentindo-me tão mais leve ao falar tudo. Eu precisava mesmo de uma aliada.

— Agora esquece tudo isso, certo? — Ela assentiu. — Quando eu tiver mais informações juro que te falo. Mas enquanto isso, bico fechado. E não estranhe, vou continuar ranzinza e mal-humorado para não levantar suspeitas.

— Se você ficar me dando patada eu te mato de verdade.

— Vou tentar manejar, mas não garanto.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Você vive perguntando mesmo. — Dou de ombros, ela revira os olhos.

— Quem era o cara que estava com a Rafaelly?

Nesse momento Enzo começa a bater na porta, nos tirando do desconforto causado pela pergunta de Vivianne.

— Vai abrir a porta. — Insisto, buscando mudar o rumo da conversa. — E bico fechado.



Onze – Vivianne

Abri a porta da biblioteca para Enzo, ainda tonta com todas as informações que Ian me passou.

Assim que Enzo entrou eu me retirei. E passei o resto do dia longe dele, digerindo tudo que ouvi. Olga inclusive me perguntou o porquê do sumiço de Ian durante todo o dia, e lhe dei a desculpa de que havíamos brigado.

Aproveitei as horas de paz para meter a cara nos livros. Precisava de um bom plano de exercícios para usar com Ian e depois de uma manhã de trabalho estava com tudo pronto. Por isso recrutei Enzo para me ajudar a comprar os equipamentos e produtos.

Foi um dia longo e as informações rodavam sem parar em minha cabeça, eu olhava pra Enzo e imaginava o quanto ele ficaria quebrado com toda a verdade.

Depois que chegamos, parti para um bom banho e em seguida desci para o jantar. Ao descer, dei de cara com a mesa posta e uma integrante nada esperada.

Lá estava ela, como se fosse à rainha da casa, sentada ao lado de Enzo, sorridente e tranquila. Ian estava em seu canto, quieto e sério. E havia um lugar de frente para casal, me aguardando. Tia Olga havia viajado brevemente, por isso não estava para jantar conosco.

— Boa noite, Vivianne. — Rafaelly disse.

Olhei de esguelha para ela, sem conseguir disfarçar meu desprazer em vê-la. Nem a respondi.

— Eliza você pode recolher o meu prato, por favor. Eu não vou jantar.

— Aconteceu alguma coisa Vivi? — Enzo me perguntou, já fazendo cara de poucos amigos.

— Só perdi o apetite! — Disse seca. — E boa noite a todos. — Foi o que me limitei a dizer antes de sair sem olhar para trás.

Voltei para meu quarto e troquei de roupa, coloquei um short e uma blusinha, me preparando para sair. Estava morrendo de fome, mas me recuso a sentar na mesma mesa que eles. Eu não sei como Ian aguenta.

— Vai sair? — Era Enzo, parado no umbral da porta do meu quarto.

— Sim! — Respondi, aplicando uma camada de batom.

— Aonde você vai a essa hora? — Seu tom de voz denotava irritação.

— Deixe ela, amor, pode ser que a Vivi esteja indo encontrar algum carinha. — Rafaelly apareceu atrás dele, abraçando.

Senti o veneno em suas palavras e em seu olhar.

— Não demore, pode ser perigoso. — Dessa vez foi à vez de Ian aparecer em meu campo de visão. Foi a única coisa que ele falou antes de se afastar, sem nem sequer me olhar.

Eu entendi perfeitamente seu recado.

— Eu não vou demorar e também não vou pra longe. — Falei alto o suficiente para que ele me ouvisse.

Peguei um táxi na rua da frente, me encaminhando para uma lanchonete que sabia não ficar longe dali. Não tinha mesmo planos para a noite, só queria matar minha fome e espairecer.

Assim que fiz meu pedido, e praticamente me joguei na cadeira para aguardar, fui saudada por Lucas, um amigo de longa data.

— Que surpresa te ver por aqui Luquinha. — Ele riu me dando um beijo na bochecha.

— Nossa Vivi, você está muito gata. — Comentou me dando uma boa olhada.

— Para. — Ri envergonhada. — Olha só você, está parecendo um galã de novela.

E estava mesmo. Seu corpo estava muito mais atlético, o cabelo cortado de uma forma que evidenciava seus olhos negros. Absolutamente lindo.

Lucas e eu engatamos em uma conversa descontraída, e nem vimos à hora passar. Quando olhei para meu celular tinha dez chamadas perdidas de Ian e sete de Enzo. Sem contar as milhões de mensagens no WhatsApp.

— Jesus — Balbuciei ao me dar conta da hora. — Tenho que ir Lucas.

— Desculpa, Vivi. Nem via a hora passar também. — Ele diz em um tom de culpa.

— A culpa foi nossa — Me levantei, lhe dando um abraço. — A conversa estava tão interessante, que nos distraímos. Mas podemos marcar um dia para sair e conversar um pouco mais.

— Amanhã estou livre. Poderia ser? — Ele diz rapidamente.

— Por mim está ótimo. — Dou de ombros. — Aqui, por volta das 16:00h?

— Perfeito. — Sorriu amplamente.



Quando os portões da mansão se abriram para que eu entrasse, logo vi do lado da piscina Enzo e a safada. Ignorei-os, revirando os olhos e passando apressada, não queria que nem me dirigissem a palavra.

Assim que abri a porta da sala, Eliza correu em minha direção, avisando do desespero de Ian por meu sumiço. Caminhei apressada até a biblioteca, me sentindo culpa por tê-lo preocupado.

— Posso entrar? — Murmuro temerosa.

— Porra Vivianne, você quer me matar de susto? — Perguntou

transtornado. — Onde você estava?

— Calma Ian, fui ao *Burgsbob* e encontrei um amigo. — Me expliquei.
— Ficamos conversando e acabei perdendo a hora.

— E a droga do seu celular serve pra que? — Continuou gritando.

— Estava no silencioso e eu não vi tocar. — Dei de ombros.

Ficamos em silêncio por um tempo até ele se recompor e me fitar com um aspecto estranho.

— O que foi? Por que está me olhando assim?

— Você cresceu. — Disse em um tom diferente, que não consegui detectar. — Se tornou uma linda mulher, como eu sempre disse que seria. Não quero você dando mole por aí. Não sei o que faria se acontecesse alguma coisa com você garota. — Sorri. Aproximei-me dele, acariciando seu rosto. Era como ter o Ian de sempre diante de mim.

Caramba, ele é lindo demais, mesmo por trás de tantos problemas.

— Eu não vou me machucar meu bem. Juro que vou ficar atenta e não vou dar mais mole.

— Promete que você vai ficar atenta? — Insistiu.

— Prometo. — Tranquilei-o.

Seus olhos se fixaram nos meus por um instante silencioso. Sua expressão mudou, dando lugar a um Ian quase sapeca.

— Dorme comigo hoje? — Me surpreendi com a proposta.

— Não posso. — Disse totalmente sem graça, me lembrando do sonho desta noite.

— Porque não? O que houve?

— É que... Hum... Estou sonhando umas coisas ultimamente — Senti meu rosto corar escarlate.

— Um dos pesadelos com seu pai? — Neguei com a cabeça, incapaz de falar. Ian era esperto, ia descobrir... — Foi um sonho erótico. — Deduziu, caindo na gargalhada em seguida, me deixando ainda mais sem graça.

— Não estou vendo a graça. — Reclamei.

— Isso é normal princesa, eu tenho sonhos eróticos também.

— Foi diferente.

— Está muito tempo sem ter relação sexual, não é? — Ele estava com uma expressão de divertimento que quase me fez rir.

— Ian!

— Eu prometo que se você começar a gemer eu lhe acordo.

— Cala boca, idiota!

— Vamos subir, porque quero tomar um banho antes de deitar.

— Eu não disse que ia.

— Como minha enfermeira, precisa cuidar do meu bem-estar. — Revirei os olhos.

— Vá à frente, vou trocar de roupa e já chego lá.

Fui para meu quarto enquanto Ian tomava banho. Do meu quarto dá para ouvir Enzo e Rafaelly na piscina, eles não eram nada discretos. Deus, isso é torturante.

Quando voltei pra o quarto de Ian, encontrei-o no mesmo lugar onde estava ontem, observando o irmão e a safada se divertir na piscina dele.

— Até parece que você tem sangue de barata. — Disse, anunciando minha chegada.

— Eu amo meu irmão, e sei que ele a ama tanto quanto eu amei, ou até mais.

— Sabe? Sabe como? Por que pra mim isso é safadeza dele. — Meneei a

cabeça, indignada com a cena do casal.

— Eu tenho certeza que ele a ama mais do que a si mesmo, na verdade.

— Eu tenho pena dele, quando descobrir a verdade sobre ela, irá ficar louco. — Retruquei, antevendo a revolução que isso causaria.

— Ele vai precisar muito de você. Talvez o Enzo não tenha coragem de vir se abrir para mim, mas tenho certeza que ele vai precisar de você. E peço que você, mais uma vez, esteja aqui por ele.

— Eu sempre vou estar aqui pra vocês, mesmo que isso me doa profundamente. — Por fim ele se vira pra mim com um misto de compaixão e carinho nos olhos.

— É uma pena ele não perceber a mulher incrível que você é.

— Eu amo muito seu irmão Ian e fico triste por ele nunca ter dado valor ao meu amor. E acredito que nunca dará. — Digo, sentando-me na cama.

A ideia dessa possibilidade já me doeu mais, confesso.

— Ele também te ama, mas não soube administrar ou reconhecer esse amor. — Solto uma risadinha incrédula.

— Estou cansada. Podemos dormir agora?

— Claro, anjo.

Ele fechou as janelas, se encaminhando para a cama. Ajudei-o a se acomodar aos lençóis e logo me acomodei ao seu lado.

A presença de Ian, o silêncio e o cansaço me fez dormir rapidamente.

Acordei e Ian já não estava na cama. Fui para meu quarto, fazer minha higiene matinal, e quando desci a mesa estava posta, mas infelizmente Rafaelly e Enzo estavam lá.

— Bom dia! — Disse por educação. — Onde está o Ian?

— Está no escritório. Pediu para Eliza levar o café da manhã dele para lá.

— Enzo me respondeu com um olhar indecifrável.

— Ótimo, diga a Eliza para servir o meu junto com o dele.

— Não entendi. O que estava acontecendo? Qual o problema de vocês?

— Enzo praticamente gritou.

— O problema do seu irmão acho que é óbvio. — Lancei um olhar para sua companheira. — Já o meu problema é o fato de você ser tão cego e sem noção. — Foi tudo que eu disse antes de me virar e deixar um Enzo furioso na cozinha junto com a dissimulada.

Caminho até o escritório resmungando e xingando. Enzo está passando de todos os limites possíveis.

— É impressão minha ou sua cunhada resolveu morar com a gente aqui?

— Indago, entrando no escritório de Ian.

— Eu acho que ela está muito em cima também. Deve estar aprontando alguma coisa ou no mínimo desconfiando de algo.

— Eu já não gostava dela antes e a odeio muito mais agora.

— Eu sei pequena, mas você tem que se controlar. — Murmura. — Eu tenho algo chato para te mostrar.

— O que?

— Antes de te mostrar me responde uma coisa. Esse amigo que você encontrou ontem fez perguntas sobre mim?

— O Lucas? — Franzi o cenho. — Bem, ele tocou sim no assunto do seu acidente, mas nada demais. Falamos pouco sobre isso, por que?

— Olha essas fotos vê se esse é o seu amigo. — Ian me entrega o celular e, ao visualizar a tela, vi várias fotos de Lucas próximo da minha casa, da casa dele, na lanchonete onde nós estávamos ontem.

— É ele. — Acusei assustada. — O que significa isso, Ian?

— Ele está seguindo você. O detetive que contratei me enviou essas fotos há um mês, e hoje pela manhã me enviou essas, onde ele te encontrou na lanchonete. Esse cara te chamou para sair de novo?

— Sim, hoje às 16:00h, na mesma lanchonete.

— Ele quer te sondar, quer se aproximar e é exatamente isso que a Rafaelly está fazendo do outro lado.

— Meu Deus, Ian, ele podia ter feito alguma coisa comigo ontem.

— Ele não vai fazer nada com, anjo, ele só quer informações.

— Então eu já sei o que fazer. Vou me encontrar com ele e fazer exatamente o mesmo, colher informações.

— Nem pensar. Não vou deixar você se arriscar.

— Não tem risco nenhum. Ele não vai fazer nada, é uma boa pessoa, deve estar nessa por dinheiro.

— Eu não quero você nisto, Vivianne.

— Eu já estou nisto há muito tempo e vou continuar até tudo se resolver.
—Disse firme.



Doze – Vivianne

Às 15:00h mandei uma mensagem para Lucas, mudando o local e o horário de encontro.

Conversando com Ian tive uma ideia interessante e chegamos à conclusão de que estávamos dando muita bandeira. Lógico, mais da minha parte do que da dele, que era irritantemente controlado e altamente preciso.

Decidimos então uma aproximação com o lado inimigo. A minha ideia foi de seduzir Lucas e arrancar o máximo de informações possível. E a ideia dele foi que eu deveria me tornar "amiga" de Rafaelly.

Nós nunca fomos de fato amigas, mas nos dávamos muito bem quando tudo começou. Apesar de eu nunca ter confiado nela. Sempre achei que Rafaelly escondia alguma coisa por trás de toda devoção e sorrisos apaziguadores.

— Nossa, aonde você vai gata assim? — Enzo me perguntou, assim que desci as escadas da mansão.

— Eu tenho um encontro, meu caro amigo, e é muito confortante saber que estou tão gata quanto diz. — Falei e dei um pequeno sorriso de canto pra ele.

— Você está realmente linda. — Rafaelly disse, saindo da cozinha e me fitando com cara de predadora.

— Obrigada, Rafa. — Sorri, iniciando minha manobra de iniciar uma amizade mais próxima.

— Nossa, isso foi de fato estranho. É a primeira vez em dias que vejo você me tratando sem hostilidade — Ela disse, demonstrando verdadeira surpresa com minha mudança repentina de humor.

Coloquei o melhor sorriso falso no rosto, enquanto a fitava.

— Me desculpe, eu não tenho passado dias muito legais e acabo descontando nas pessoas com quem tenho menos contato. Afinal, convenhamos

que não fui a única que mudei.

— Você tem razão, todos nós mudamos desde acidente. E depois teve meu relacionamento com Enzo. — Baixou a cabeça, tentando demonstrar tristeza na voz.

Falsa!

— Oh, me desculpem por ter desgraçado a vida de vocês. — A voz de Ian imperou na sala, fazendo todos olharem em sua direção. — Mas vamos lá, a vida não acabou pra vocês, só para mim, que além de perder as penas, perdi a vontade de estar vivo. Mas vocês ainda insistem em se compadecer do pobre vivo-morto. Sigam o exemplo da minha enfermeira e vão para a balada se divertir. Quem sabe assim param de transar em minha piscina.

Aquele papo depressivo não era apenas um papel que ele desempenhava para afastar as pessoas, era obvio que de fato o afetava mais do que ele gostaria de mostrar. Seu olhar se perdeu no meu por um minuto e eu vi que ele não fingia tão bem, Ian de fato sofria com tudo, e essas eram as palavras que se apertavam em sua garganta verdadeiramente.

— Não faça isso, Ian. — Intervi. — Isso é totalmente injusto com todos nós. Não fale assim com seu irmão. Nós paramos nossas vidas para estar aqui com você! E estamos porque te amamos. E eu, mais do que ninguém, desejo que você se recupere. No entanto precisa colaborar com seu plano de exercícios. Quanto a minha saída, isso não diz respeito a ninguém, pois estou em meu horário de folga.

Todos fizeram um breve silêncio até que Ian deu meia volta em sua cadeira de rodas e foi para seu quarto.

— Nossa eu... Eu nem sei o que dizer depois disso.

— Não diga nada Rafaelly. Ian gosta de dar um de mal-amado, já estou me acostumando com isso. — Revirei os olhos. — No começo me afetava, mas agora aprendi, ou melhor, estou aprendendo a ignorar. Por que vocês não vêm

com a gente? Pode ser uma noite divertida. — Perguntei pondo em prática a operação "seja mais simpática com sua inimiga".

— Será que seu acompanhante irá querer esperar a gente? Porque tenho que me trocar e Enzo também. — Disse animada.

Seus olhos brilhavam de satisfação. A tola pensou que ganhou uma aliada.

— Claro que vai! Vou mandá-lo entrar, e vou dizer que vamos ter companhia na balada. — Sorri, apresando-os.

Fui até o portão e chamei Lucas para entrar, explicando que Enzo e Rafaelly nos acompanhariam na balada. Ele ficou um pouco receoso quando citei os dois, mas logo aceitou.

Alguns minutos mais tarde Rafaelly desceu as escadas, praticamente arrastando Enzo. Que parecia contrariado com a ideia de ir, mas o idiota não dizia “não” para aquela dissimulada.

— Estamos prontos! — Disse animada, balançando seu vestido preto.

— Eu só digo uma coisa. — Enzo falou, apontando o dedo na direção de Lucas. — Fica longe da minha namorada.

Franzi o cenho, sem entender seu destempero. De onde Enzo tirou que Lucas e ela se conhecem?

— Enzo! Nós já conversamos sobre isso! — Rafaelly o repreendeu. Olhando para Lucas disfarçadamente, em um pedindo desculpas pelo comportamento de seu namorado.

— Posso saber o que está acontecendo? — Perguntei intrigada.

— Seu amiguinho aí estava cercado minha namorada há uns dias atrás.

Rafaelly meio que ficou estática e Lucas vermelho como um pimentão, ambos se olharam com evidente nervosismo e eu me intrometi defendendo Lucas.

— Deixa de ser ridículo, Enzo! — Engoli meu choque para continuar no personagem. — Lucas só estava atrás da Rafaelly porque achou que ainda éramos amigas, provavelmente. Ele queria se aproximar de mim, mas não sabia como. Até que, por um acaso, nos encontramos na lanchonete ontem.

— É verdade. — Lucas concluiu.

— Viu, seu bobo — Rafaelly reforçou, dando um beijo em Enzo.

Em meio a um silêncio constrangedor, caminhei até Lucas, segurando-o pela mão e guiando-o até o carro. Seguimos entre conversas amenas, até uma boate na qual costumávamos ir quando estávamos na faculdade.

Lucas mantinha uma mão firme em minha cintura e a outra dentro do bolso. Enzo e Rafaelly ao nosso lado, vez ou outra paravam para se agarrar.

Bebemos, dançamos, conversamos e me esquivei das perguntas mais profundas de Lucas. A noite foi longa. Em dado momento da noite Enzo e Lucas entraram em uma conversa amistosa de como os outros caras não respeitavam algumas mulheres durante a noite.

Por volta das 3:00h da manhã, resolvemos que era hora de irmos. Lucas nos levou em casa, partindo para a sua em seguida. Sua única tentativa de intimidade, foi um beijo de despedida, no estilo selinho.

Durante toda a noite passei os acontecimentos para Ian, sempre que estava sozinha. Mas corri para seu quarto assim que cheguei. Ele mesmo estava dormindo, por isso entrei de fininho, lhe dei um beijo e quando estava prestes a sair ouvi-o sussurrar:

— Boa noite, anjo!

— Boa noite príncipe. — Sorri, fechando a porta.

Já de banho tomado, deitada sob os lençóis macios, me pus a pensar. Foi uma noite divertida. Rafaelly é aparentemente uma boa pessoa. Meiga, linda, engraçada. Esconde perfeitamente a cobra que é.

Por que essa mulher tinha de aparecer na vida de Enzo e Ian? Se ela nunca tivesse cruzado nossos caminhos nada seria assim.

E Lucas, um rapaz bonito, inteligente, gentil. Como posso acreditar que é mais um vilão nessa história?

E foi assim que me entreguei ao sono finalmente, com tantos questionamentos me cansando mentalmente.

Quando acordei já era quase meio dia e, por um milagre, não tive ressaca. Ao contrário de Enzo e Rafaelly, que estavam um bagaço, jogados no sofá. Cumprimentei-os e segui direto para o escritório, onde sabia que encontraria Ian.

— A noitada foi boa, não é? — Ele disse em um tom notoriamente exaustivo. Mal me olhou. Muito concentrado em seu computador.

— O que houve?

— Nada, Vivi, só estou com medo de você se machucar, com medo de descobrir mais coisas que talvez eu não suporte. Eu estou de fato me rendendo ao buraco que me jogaram. — Suspirou pesadamente.

— Ei, o que significa isso? — Caminhei em sua direção. — Não fala assim Ian. Nunca mais eu quero ver você falar assim. Sabia que ontem quando você falou aquelas coisas, não estava apenas fingindo, cada palavra que você disse ontem tinha verdade e uma dor profunda, mas nós vamos mudar isso, eu prometo. E eu tive uma ideia!

— Eu tenho até medo quando você lança uma dessas. — Um ínfimo sorriso suavizou sua expressão. — Qual ideia?

— Vamos fazer seu tratamento escondido. Eu sei que você sente suas pernas parcialmente. Você corresponde a todos os estímulos, o que nos leva a entender que o defeito está entre a ordenança do seu cérebro e a reação física.

— Onde você andou lendo estas coisas mocinha? —Ele diz debochando de mim!

— Eu estudei, Ian, e me formei também. — Bufo. — Então eu sei o que estou falando. Nós vamos fazer esse tratamento escondido e logo, logo o senhor estará andando, pulando e indo para as baladas comigo.

— Eu não quero cortar seu barato, mas não vai rolar. Eu sinto sim e correspondo a todos os estímulos, mas devido ao tempo, perdi a coordenação e a sustentabilidade. Sem contar que não posso voltar a andar do nada e estragar tudo que maquinei por anos.

— Não vamos estragar nada. Vamos fingir na frente de todos, e podemos fazer os exercícios escondidos. E quando você voltar a andar, se ainda não tivermos resolvido as coisas, basta fingir que não melhorou em nada. — Dou de ombros. — Podemos fazer aqui mesmo, ou no seu quarto de madrugada ou pela manhã bem cedo antes de todos acordarem. Vamos manter seu jeito hostil e seu senso de humor negro. Mas maneira um pouco nas patadas, porque você me deixa mal.

— Às vezes são necessárias. — Ele ri. — Gostei da sua ideia. Vou tentar fazer isso que você me propôs e vou manear nas coisas. E em relação ao tratamento, ainda estou em dúvidas, mas prometo que vou pensar.

— Não temos o que pensar. — Desdenhei altiva. — Começaremos hoje mesmo. Quanto antes melhor!



Treze – Vivianne

Já estamos na segunda semana de fisioterapia e Ian está evoluindo muito bem. É incrível como ele responde bem aos estímulos e, apesar do tempo que está sem andar, consegue reagir muito rápido ao tratamento. Tenho certeza que em menos de um mês ele já poderá andar de andador, logo após de muletas e então sem o auxílio de algo.

Tenho saído praticamente todos os dias para encontrar Lucas. Meu plano e de Ian segue firme, por isso hoje mesmo, à noite marcamos algo mais íntimo.

Lucas parece estar gostando de mim de verdade e estou começando a me sentir mal por estar usando-o. Estou praticamente fazendo o mesmo que a Rafaelly fez, usando Ian e agora Enzo. Mas é por um bem maior, uma boa finalidade, diferente do caso dela.

Por falar na bandida, ela está cada vez mais enfiada aqui dentro. Porém, parece menos desconfiada em relação a Ian e eu. Inclusive presenciou inúmeras brigas nossas, em algumas até chorei de verdade e logo depois ele vinha e me pedia desculpas. Quando não havia ninguém perto, claro.

— Você já sabe para onde vai? — Enzo me perguntou, entrando em meu quarto.

— Não, sei apenas que vamos jantar. — Dou de ombros, borrifando mais um pouco de perfume em meu pescoço.

— Toma cuidado. — Adverte. — Ele parece um cara legal, mas ninguém conhece o coração de ninguém.

Lanço um olhar em sua direção. Louca para lhe dizer toda a verdade. Pobre Enzo, mal sabe que a frase vale para ele mesmo.

— Obrigada por se preocupar comigo. — Sorri, engolindo a vontade de falar. — Pode deixar que vou me cuidar.

— Ótimo! — Ele se demorou me fitando de uma forma estranha.

Se não fosse loucura, diria que Enzo Gabriel está com ciúmes. Meneio a cabeça, rindo de mim mesma por minhas utopias, e vou para o banheiro. Ele sai do meu quarto do mesmo modo que entrou, ou seja, sem aviso prévio.

Já pronta, desço, caminhando até o carro onde Lucas me espera. Mas me detenho antes de chegar até o portão. Paro por um instante para observar a imagem rara, Ian parado no meio do jardim, admirando o trabalho de Roberto, o jardineiro talentoso e gentil.

— Posso saber que milagre é esse? — Pergunto rindo.

— Antes do acidente eu sempre vinha aqui, sabe? Geralmente vinha com Rafaelly ou sozinho para pensar, Roberto trabalha muito bem.

O homem apenas sorri em agradecimento, concentrado em suas plantas.

— O trabalho que ele faz é lindo mesmo. Mas e você, veio para pensar em que?

— Acho que estou com medo. — Disse em meio a um suspiro pesado.

— Medo de que? De que aconteça alguma coisa com a gente?

— Não. Medo de voltar a viver e, por algum motivo, morrer de novo. — Ele olhou o horizonte, com tanta dor na expressão que tive muita vontade de colocá-lo no colo. — Quantas vezes um homem suporta morrer e reviver, até que morra de fato?

— Por que você está dizendo isso? — Minha voz também soou trêmula.

— Por tudo, Vivi, por tudo...

Observo o olhar de Ian direcionado para os pés. Sem que eu esperasse ele mexe os dedos, me fazendo arregalar os olhos. Não consigo me controlar, pulo em seu colo e começo a beijar todo seu rosto. Ele não sabe se rir ou se me empurra. Então me segura firme, e diz em uma voz dura, mas com um sorriso de leve no rosto:

— Desce e para de euforia garota, isso não é lá grandes coisas.

— Desculpa. — Falo, descendo do seu colo. — Você só pode estar brincando, não é? Como assim não é uma grande coisa? — Coloco as mãos na cintura. Irritada por sua colocação.

— Eu não sei se quero.

— Ian, eu te entendo que você esteja com medo e inseguro, mas vai dar certo. Você vai ficar bem e vamos voltar a ter uma vida plena e feliz. Você confia em mim?

— Claro que confio em você, pequena, não confio é no que a vida tem pra mim. Sabe, não tenho boas experiências.

— Sabe o que eu aprendi da vida, Ian? — Ele apenas me fitou seriamente. — Que tudo que nos sobrevém tem uma razão. Motivo este que talvez no momento não consiga enxergar, mas que em um ponto crucial da vida você vai ver o lado bom. Tudo que você passou de bom ou ruim te levará a um final, e então vai entender que valeu a pena. — Ele sorri genuinamente e apenas assente.

— Me diz como está indo o caso com o Lucas? — Indagou mudando de assunto.

— Progredindo. Inclusive estou esperando-o, que vem me buscar para jantarmos. Hoje ele vai me fazer uma surpresa.

— Acho que ele se apaixonou de verdade. — Ian comenta casualmente.

— É, eu também acho e estou me sentindo um pouco mal com isso. Esse negócio de enganar ele...

— Ele também está te enganando de alguma forma, não se esqueça disso. Mas você pode pular fora se achar melhor. — Diz ao dar de ombros.

— Claro que não. — Digo firme. — Eu não vou pular fora. E sim, eu sei que ele está me enganando também. Não em relação aos sentimentos, mas em coisa bem mais séria e é isso que me conforta em minhas ações.

— E você? Não está sentindo nada por ele? — Sua expressão era extremamente analítica.

— Além de uma vontade incontrolável de transar? Não, não sinto mais nada. — Ian se engasga sério, mas rindo no momento seguinte. O acompanho na risada.

— Já está assim já?

— Ele tem um beijo enlouquecedor. — Digo corando.

— E porque não aproveita? Isso se chama unir o útil ao agradável.

— Não foi isso que Enzo disse. Pelo contrário, ele é contra minhas saídas com Lucas e mais ainda transar. Quase surtou, mas se controlou legal.

— Enzo é um filho da mãe ciumento. O famoso *nem fode nem sai de cima*, não liga para o que ele fala.

— É tão estranho te ver falando assim... — Concluo, impressionada pela frase. — Você mudou muito.

— É a vida. — Diz simplesmente.

— Tem seu lado bom. Gosto desse seu ar de *quem manda aqui sou eu*. Dá até tesão quando fala firme e... — Me calo, dando-me conta do que disse.

— Que porra é essa, Vivianne? Tá flertando comigo? — Ian pergunta, se divertindo com minha cara.

— Não, seu idiota! Só estou dizendo a verdade.

— Pelo visto você mudou muito também. Acho que não posso mais te chamar de anjo.

— Idiota! — Faço uma careta para ele.

— Que horas você vai sair? Queria saber se você volta hoje mesmo.

— O Lucas deve estar chegando. Quanto a voltar hoje, não sei. Mas te mantenho informado. Caso suma você deve entender.

— Sim. Sei. Você estará tirando o atraso.

— Seu idiota. — Dou risada. — Nem tente me rebaixar nesse aspecto, Ian, você também não fica atrás. Faz tanto tempo que nem deve lembrar como é.

— Se eu fosse você não diria isso. — Soltou num tom ameaçador. — Ou vou ser obrigado a te chamar pela manhã para fazer respiração boca a boca *nele*.

A sugestão me fez corar escarlate.

— Que babaca! — Xinguei.

— Ué, quer mexer com quem tá quieto.

— Literalmente quieto, não é? — O desafio com um erguer de sobrancelhas. — Por falar nisso, mesmo que eu não venha para casa hoje, estarei no seu quarto cedo.

— Eu estava brincando quanto à respiração boca a boca pela manhã, mas já que você levou a sério, quem sou eu para recusar.

— Vou lá para fazer seus exercícios, Bocó.

— Poxa, já tinha até me animado com a ideia de uma respiração boca a boca.

— Você tá tão engraçadinho hoje. — Estreito os olhos, lhe fitando com cara feia.

— Quando estou de mal humor você reclama. Não sabe o que quer da vida, mulher!

— Você cansa minha beleza. — O barulho de uma buzina nos interrompe.

— Vai lá com o despertador de libidos adormecidas. — Dou risada, mostrando o dedo do meio para ele quando saio.



Assim que entrei no carro, Lucas me deu um caloroso beijo, e então seguimos para o local da sua surpresa, entre conversas descontraídas.

Fomos para seu apartamento, muito bem localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro. Assim que ele abriu a porta para mim, dei de cara com um caminho de pétalas, que acabava diante de uma mesa muito bem decorada e iluminada a luz de velas. Era sua surpresa para mim. Romântico e atencioso.

Jantamos entre conversas amenas. Falamos de tudo um pouco, inclusive contei sobre minha relação com Enzo e do fato dele ter sido meu único homem.

Após o jantar, ele me convidou para assistirmos um filme, e foi aí que a coisa começou a esquentar. O que se iniciou com beijos e carícias leves, logo havia evoluído para mãos bobas, e confesso, estava adorando.

Eu estava com um vestidinho bem soltinho, parcialmente curto. Lucas vestia uma camisa polo branca e um jeans escuro. Nossos pés já estavam descalços há algum tempo, e ele aproveitou para acariciar meus tornozelos com seus pés. Sua mão estava em minha cintura, e a outra em minha nuca.

Nossas bocas não se desgrudavam, enquanto ele aproveitava para colar ainda mais nosso corpo, me fazendo sentir sua ereção.

— Se você quiser parar. Achar que estou indo rápido demais ou simplesmente não estiver afim você pode me dizer, vou lhe respeitar. — Disse meio ofegante por causa dos beijos.

— Me dê sua mão! — Pedi, com um ar de ousadia. Lucas me obedeceu meio receoso. Levo sua mão até minha calcinha. — Sente o quanto eu quero isso?

Ele ficou sem ação por alguns instantes, me fitando. Em um movimento cadenciado, passou a mexer sua mão, que ainda estava sobre minha calcinha úmida.

Seus movimentos eram precisos, o que me arrancou um gemido, que

logo foi abafado pela sua boca. Um beijo com urgência e desejo. Enquanto seus dedos mergulharam para dentro de mim.

— Você está me deixando maluco. — Gemeu. — Vamos para meu quarto? Quero tê-la mais confortável... Hum... — Assenti em reposta.

O quarto de Lucas era grande, com uma decoração bem masculina e elegante. Sua cama era imensa e bem convidativa.

Lucas me abraçou por trás, já puxando meu vestido. Em segundos a peça estava ao pé da cama.

Ainda atrás de mim, soltou meu sutiã, jogando-o no mesmo lugar que meu vestido estava. E logo suas mãos estavam em volta de mim apertando meus seios com firmeza, me arrancando um leve gritinho de desejo de mim.

Ele me torturou por alguns minutos, apertando e puxando meus seios e logo uma de suas mãos desceu para minha intimidade pulsante. Pude sentir sua ereção martelando através do jeans de sua calça.

— Isso não é Justo. — Ronronei. — Você já me despiu quase que por completo, no entanto ainda está totalmente vestido. — Minha voz soou fraca e cortante, devido aos seus dedos que impiedosamente entravam e saíam de mim.

— Não seja por isso. — Lucas me virou para ele e disse: — Sou todo seu meu anjo!

Anjo...

Ian e Enzo vieram tão rapidamente em minha mente com esse apelido que quase quis morrer por pensar neles justo agora.

Me recompus rapidamente, afastando os pensamentos e comecei a despi-lo. Lucas se arrepiou quando minha unha passou de leve na borda de sua cueca, e logo ele estava devidamente nu.

Ele é perfeito!

Não poderia deixar de me aproveitar do momento, daquele corpo

escultural e daquele membro fabuloso. Me ajoelhei em sua frente, e sob seu olhar desejoso, levei-o a minha boca.

— Me perdoa, mas eu não posso mais esperar nem um minuto. Ele me parou, ajudando-me a ficar de pé, para sem seguida me jogar na cama. — Eu preciso sentir você.

Em um segundo ele esticou-se sobre a mesinha de cabeceira, tirando de lá o preservativo e vestindo-o. Se posicionou sobre mim, brincando um pouco com a glândula na entrada da minha intimidade, até que o senti forçar pedindo entrada. Tentei relaxar o máximo possível para não sentir dor mais ainda sim doeu.

— Eu te machuquei? — Perguntou com um misto de excitação e preocupação na voz.

— Só está doendo um pouco. Relaxa. — Sorri, incentivando-o com um arranhar em suas costas.

— Quer que eu pare? — Enrosquei minhas pernas em sua cintura, o trazendo para dentro de mim por completo.

— Claro que não. Só vai devagar até eu me acostumar com você.

E assim ele fez. Não demorou para encontrarmos nossa sintonia, e o ritmo se tornar frenético e alucinante. Mudamos de posição duas vezes, até ele me colocar sobre os joelhos e cotovelos, analisando com satisfação minha posição.

— Você é muito gostosa. — Grunhiu. — Eu queria que isso não tivesse fim... — Disse em um tom mais alto do que o habitual. O que me levou a deduzir que ele estava no seu limite e logo gozaria.

— Aí... Lucas por favor... Por favor, eu preciso de mais... Mais rápido, mais rápido.

Lucas tomou um ritmo quase que incontrolável, até que gozamos juntos,

em um orgasmo maravilhosamente enlouquecedor.

— Você é inexplicavelmente gostosa. Esse foi o melhor sexo que já fiz.

— Comentou aos arquejos. Estava deitada sobre seu peito, confortavelmente.

— Lucas, assim você me deixa sem graça.

Lucas me puxou para seus braços me aninhado ainda mais em seu corpo, e cochichou em meu ouvido um pedido de desculpas. Tenho certeza que esse pedido de desculpas não foi pelo que ele disse.

— Desculpa pelo que exatamente? — Indaguei desconfiada.

— Eu não estou sendo sincero com você.



Quatorze – Vivianne

— *Eu não quero mais. Pode ficar com a porra da grana! Eu estou fora não, vou fazer nada com ela. Pode ficar tranquila que também não vou abrir o bico.* — Lucas está gritando com alguém no celular. Está irreconhecível, nunca o vi tão nervoso e sua voz estava em um tom de ameaça. — *Que se dane seu plano, garota. Eu vou seguir até sábado porque foi o combinado, e depois disso acabou. Se você me ameaçar de novo quem vai se arrepender será você! Acha que tenho medo do seu pai, sua vagabunda?*

Estou me esgueirado para escutar tudo. A conversa em si não me impressiona, mas o tom de Lucas sim. O que ele vai fazer no sábado? Será a Rafaelly o ameaçando? Só pode ser ela. Quem mais tem um pai mafioso que mata os outros? E que papo era aquele que ele falou ontem, de não estar sendo sincero comigo.

Apesar da frase enigmática ele desconversou quando tentei saber mais.

A conversa ao telefone parecia ter acabado, então corri e me joguei na cama, cobrindo o corpo até o topo da cabeça com o edredom. Fingindo estar dormindo.

— Vivi... Ei, lembra anjo! — A voz de Lucas mudou consideravelmente. Estava doce e gentil me acordando.

— Hum... São que horas mesmo? — Indaguei fingindo sonolência.

— 04h30min. — Disse entre um beijo carinhoso.

— Meu Deus. Tenho que estar no Ian em meia hora. — Levantei correndo. Deixando um Lucas confuso, mas divertido para trás.

— E eu achando que tomaria um banho a dois hoje. — Ele disse deitando de costas sobre a cama e fitando o teto.

— Fica para próxima! — Retruquei entrando no banheiro.

Depois de devidamente arrumada, Lucas me levou em casa, e antes de descer me deu um beijo doce, cheio de emoções e arrependimento. Colei nossas testas pegando fôlego e tomei coragem:

— Lucas... Sobre aquilo que você falou de não estar sendo sincero comigo... Eu não entendi. Você não quer mais sair comigo, é isso?

Lucas envolveu meu rosto em suas mãos, afastando o mínimo possível nossos rostos e disse:

— Você só pode estar brincando comigo. — Riu. — Lógico que eu quero continuar saindo com você, mas é complicado e eu não posso explicar pra você agora. Talvez não possa nunca, então eu quero que desde já você me perdoe e saiba que eu nunca vou me perdoar por fazer isso com você.

— Fazer o que? Por que você está falando assim?

— Na hora certa você vai saber, meu anjo. Eu só lhe peço que não se esqueça do que estamos conversando aqui, e entenda que eu estou arrependido, mas não posso voltar atrás agora. Espero de coração que você possa me perdoar. — Assenti, sem querer forçar mais respostas. — Agora vá... E nos vemos amanhã à noite na boate. Não vou poder vir te buscar, você sabe, não é?

— Eu sei... — Falei com um tom de voz triste, fitando sua camisa polo preta.

— Não fica assim. Vai ficar tudo bem, eu te prometo!

Ficamos assim por um tempo, até que seu celular tocou novamente e ele teve de ir. Entrei na mansão um pouco enojada com toda essa situação. Lucas é uma boa pessoa e deve ter um motivo muito forte para se envolver nisso. E, a julgar pega casa dele, com certeza não é dinheiro.

Fui direto para o quarto de Ian que, como sempre estava deitado fitando o teto. Eu sou a única pessoa que tenho a cópia da chave do quarto dele e do escritório, por isso entro sem bater.

— Diz pra mim que você tomou banho antes de vir pra cá. — Resmungou em um tom de voz monótono.

— Não entendi. — Franzi o cenho.

— Não sou obrigado a sentir cheiro de sexo realizado pela manhã. — Ele disse rindo, e completou: — Vocês fizeram sexo matinal, não é? Tipo de despedida, sei lá...

— Muito bom saber que você está de bom humor, seu bocó. E pra sua informação, não, nós não fizemos sexo matinal.

— Esse Lucas é um fraco. Te privou da melhor parte de se dormir com alguém. Sexo matinal é o poder.

— Você vai continuar me zoando ou vai deixar eu falar o que aconteceu?

— Poupe-me dos detalhes sórdidos...

— Não é isso, idiota. — Resmungo. — Ontem à noite, depois que aconteceu o... — Conte-lhe toda a história, até a frase enigmática de Lucas. Dizendo, inclusive, dos acontecimentos da manhã, desde o telefonema até o discurso de arrependimento prévio de Lucas.

Ian ouviu tudo calado, com aquela expressão inescrutável.

— É ela. — Disse por fim, quando me calei.

— Como você sabe? Pelo termo vagabunda? — Falei divertida, e recebi um olhar matador como resposta. — Desculpa! — Me redimi rapidamente.

— Babaca, pau mandado. — Grunhiu irritado. — Ele está caidinho por você, e tem que tirar proveito disso, Vivi. Tenho certeza que ele vai dar com a Língua nos dentes. E que porra de plano é este de sábado? Vocês marcaram alguma coisa?

— Sim. Marcamos de ir à uma boate nova que inaugurou sexta passada. Dizem que é linda.

— Toma cuidado. Apesar de ter quase certeza de que ele não te fará mal, todo cuidado é pouco com esse tipo de gente.

— Deixe comigo. — Pisquei o olho.

— Mudando de assunto. — Sua expressão voltou a ser aquela de sapeca.
— Quando vocês fizerem isso de novo, pede para ele não deixar tantas marcas.

Tateei meu pescoço, assustada. Olhei no espelho do quarto, me tranquilizando em seguida.

— Não tem marca nenhuma. — Disse séria. — Vamos aos exercícios ou você vai ficar debochando da minha cara o resto do dia.

— Acho que estou tendo uma ideia, que talvez seja mais segura para você cair no plano deles, pelo menos eu vou estar por perto e de olho em tudo.

— Que ideia?

— Vamos dar uma festa aqui em casa. Diremos que é uma festa de comemoração.

— Comemoração de que?

— Pela minha melhora. Vamos dizer que estou reagindo bem aos exercícios e logo estarei andando.

— Você não acha que é muito cedo? E se as ameaças voltarem?

— Não tem como elas voltarem, porque nunca terminaram. Eu acho que até depois de amanhã consigo me firmar em pé e andar com as muletas ou andador. Eu já consigo mexer muito bem, quer ver?

— Como assim Ian?

— Vivi, eu nunca estive de fato me rendendo a paralisia. Sempre odiei os enfermeiros os tratamentos e todas aquelas pessoas me cercando com o olhar de pena, porém eu prestava muita atenção nos exercícios e praticava sozinho aqui em meu quarto, e também lá em baixo na academia. Sempre que podia e tinha

oportunidade.

— Que canalha. E eu achando que eu era a melhor das melhores, e que você era incrível por estar indo tão bem mesmo com tantos anos sem se mover. Você é um fingido Ian. — Ele riu, meneando a cabeça.

— E aí? Topa mostrar para o mundo que eu posso andar em poucas semanas? Eu juro que afirmo que você me salvou. — Ele disse dando uma piscadinha pra mim.

— Eu não sei se é uma boa ideia. Mas já que você quer assim. — Dou de ombros, disposta a ajudá-lo.



Os dias foram de trabalho árduo, e cheguei até a ver Ian chorar. Briguei com ele por estar forçando tanto a barra, mas o teimoso não me ouve e continua exigindo respostas mais eficazes de seu próprio corpo, que é nítido, está cansado.

Ontem ele não estava aguentando nem descer para jantar, porém quando cheguei a seu quarto ele estava em pé tentando chegar ao banheiro sem cadeira, sem muletas, sem nada. Em um descuido Ian se desequilibrou, e corri para segurá-lo.

Ian tem o dobro do meu tamanho, e é dez vezes mais forte do que eu, e por isso fomos os dois parar no chão. Ele caiu de frete para o chão eu por cima dele, com as mãos em volta de sua cintura, e ele estava esmagando meus dedinhos.

— Ian... Minhas mãos... Aí...

— Desculpa, Anjo, mas de onde você saiu? — Ian disse, se divertindo com a situação.

— Eu entrei e vi você, mais uma vez, teimando com minhas ordens, e decidi ver até onde você iria.

— Obrigado pelo apoio moral. Agora sai de cima de mim, por favor.

— Ai meu Deus, eu nem tinha me tocado que ainda estava em cima de você.

Ajudei a se reposicionar sentar no chão.

— Bem, eu não me importaria se pelo menos eu estivesse de frente para você anjo.

— Já vem você com essas gracinhas. — Revirei os olhos, saindo do quarto.

Já era quase a hora do almoço, e tínhamos convidado quase metade da família de Ian para comunicar sobre a festa sábado.

Durante toda semana Ian me orientava a falar algumas coisas sobre ele com Lucas, e o convencer a fazer seja lá qual for o plano dele com a psicopata aqui durante a festa. E o plano de Ian foi executado com sucesso, já que depois de dois dias relutando, dizendo que não queria ficar aqui sábado, Lucas finalmente cedeu e disse que viria. Foi quando Ian me disse que eles fariam algo para me desestabilizar e me afastar daqui.

Confesso que fiquei com medo, mas preferi não falar nada para ele apesar de saber que estava estampado na minha cara.

Durante o almoço eu anunciei a festa. Todos ficaram surpresos, e se perguntando o porquê disso. Ian, então, me autorizou a falar que era para comemorar a evolução do seu tratamento. Todos ficaram tão felizes que pude ver a tristeza e arrependimento nos olhos de Ian por não ter lhes dado essa alegria antes.

— Você viu como eles me olharam? — Indagou, em um momento a sós comigo.

— Ficaram felizes por você, Ian.

— Desestabilizei a vida de todos eles. Eu era o menino prodígio e de

repente me tornei o tormento da família. — Murmurou triste.

— E agora você encheu cada um deles de orgulho e esperança. — Amenizei, tomando suas mãos nas minhas.

— E se eu falhar? Falhar com eles, com você, com Enzo? Eu já falhei uma vez e se o fizer de novo e levar mais uma vez todos eles junto comigo para o fundo do poço?

— Ei, príncipe, você não vai falhar com nenhum de nós. — Sorri. — E eu prometo que também não vou falhar com você. Tudo que passou teve um motivo. E quando tudo se resolver as pessoas vão entender, na verdade elas já entendem. Você perdeu o movimento das penas, perdeu a noiva e consequentemente a vontade de viver, isso é algo que todos estão sujeitos a passar, e ninguém te julga por isso.

— Eu perdi as contas de quantas vezes maltratei minha mãe e a fiz chorar.

— Isso você vai poder compensar Ian, sua mãe te ama. — Ele sorriu amplamente, beijando o dorso da minha mão.

— Eu tenho algo pra te contar que não tive coragem.

— Conta. — Insisti curiosa.

— Você nunca me perguntou quem estava com a Rafaelly na noite do acidente...

— Preferi respeitar. Sabia que no momento certo você me contaria.

— Eu queria que antes de surtar, se lembrasse de que eu amo você, e que nada do que aconteceu naquela noite mudou isso em mim.

— Você está me assustando. — A curiosidade atrelada ao medo de saber estava me deixando ainda mais nervosa. — Quem estava com ela?

— Ian Gabriel, você está aí? Posso falar com você um minuto? —

Eu não acredito! O que essa creatina está fazendo aqui? — Alguém chamou, atrapalhando-nos.

— Só um minuto! — Ian gritou, com a mesma expressão de dúvida que eu. Era Rafaelly do outro lado da porta. — O que será que ela quer comigo?

— Não a deixe entrar aqui Ian. É provável que esteja com uma escuta ou algo assim.

— Ela não vai entrar, vamos sair, vem. — Ian deixa que eu vá à frente e abre a porta. Antes que ela faça menção de entrar, ele passa com a cadeira e Rafaelly dá um passo para o lado, abrindo passagem.

— É particular. — Murmura parecendo nervosa. — Podemos entrar?

— Não! — Diz incisivo. — Vamos conversar na sala de jantar então. E Vivi, obrigado, você está sendo uma enfermeira e tanto. — Pisca um olho para mim, me fazendo rir da cara de abobalhada que Rafaelly faz.



Quinze – Ian Gabriel

A cara de ódio de Rafaelly foi tão perceptível que ela ficou sem graça. Ela raramente altera sua expressão, normalmente não transparece sentimentos. É totalmente fria e calculista, ou seja, fica quase que impossível decifrá-la. Principalmente se você estiver próximo demais.

Eu nunca havia notado como ela era antes, porque estava próximo demais, e cegamente apaixonado, assim como meu irmão está, ou melhor, sempre esteve.

— Eu só queria te pedir desculpas. — Iniciou sua conversa acanhada, quando estávamos sozinhos. — E dizer que estou muito feliz pela sua recuperação.

— Obrigado. — Disse seco. — Se era só isso por que a insistência para a conversa ser particular?

— Eu sei que agi errado com você, Ian. — Suspirou pesadamente. — Sei que pisei feio na bola, mas você precisa entender, o seu acidente me abalou muito, e saber que você iria ficar paraplégico me deixou maluca.

— E como você acha que eu fiquei? — Indaguei sarcástico. — Como você acha que eu fiquei quando vi a mulher que eu amava mais que a mim mesmo agarrada com meu irmão um mês depois do meu acidente, dentro da minha própria casa? Vocês pararam pra se perguntar como eu fiquei miseravelmente derrotado?

Ela desviou os olhos, notavelmente envergonhada por seu posicionamento.

— O seu irmão te ama muito e não queria que ninguém soubesse sobre nós, mas eu achei errado mentir pra todo mundo. — Explicou-se. — Deixei claro que se ele não me assumisse eu terminaria, e ele cedeu. Achei que era o mais justo com todos.

Aproveitei que estávamos mesmo colocando as coisas em pratos limpos, e que ela estava disposta a falar e perguntei:

— Vocês estavam juntos há quanto tempo precisamente? — Ela se surpreendeu com a pergunta, dando alguns passos para trás.

— Não seja injusto! — Desviou o assunto. — Você era tudo pra mim e seu irmão te ama mais que tudo, nós jamais trairíamos você desta forma. A nossa aproximação foi algo circunstancial, devido ao fato de que eu queria estar perto mesmo não estando.

Fingida, dissimulada. Mal sabe ela que está falando com um homem que se lembra de tudo, absolutamente tudo daquele fatídico dia.

— Claro, então você decidiu assediar meu irmão para se manter presente. — Ri incrédulo. — Bela estratégia, você é realmente muito inteligente.

— Seu irmão já era apaixonado por mim há muito tempo, e sabe disso. Foi você mesmo quem contou isso para mim, lembra? Então ele aproveitava os poucos momentos que tinha comigo para me assediar e não ao contrário. — Acusou.

Era tão dissimulada que tinha coragem de colocar a culpa de tudo no próprio namorado, a quem faz de fantoche.

— Rafaelly. — Meneei a cabeça. — Desiste!

— Desistir de que, Ian? De me preocupar com o cara que amei durante anos, com quem vivi os melhores momentos da minha vida? Eu aprendi a gostar do seu irmão sim, ele é incrível, mas nada do que eu tenho com ele se compara com o que tive com você.

Que porra é essa? Essa vagabunda está tentando mesmo fazer isso...

— Você está tentando se redimir? Quer o que com isso, dizer que me ama e que tudo que você faz ou fez foi pensando em mim?

— Eu nunca deixei de te amar. — Disse em um tom desesperado. —

Como eu disse, aprendi a gostar do seu irmão, mas meu amor por você está aqui.
— Ela aponta para seu coração e depois para cabeça e diz: — E aqui!

— Suma da minha frente. — Foi a única resposta que lhe dei após um instante de silêncio.

— Ian, por favor, me escuta. Eu preciso tirar esse nó da garganta.

— Rafaelly, eu nunca agredi uma mulher nem com palavras, mas eu juro por Deus que se você não sair daqui agora, eu não respondi por mim. — Disse entredentes.

Explodia de ódio, de amor, de ressentimento. Tudo em uma miríade de sentimentos.

— Me bate então Ian, bate. — Gritou, chorando. — Eu mereço isso, mereço por ter sido tão fraca, tão estúpida. — Ela se joga aos meus pés e agarra minhas pernas, chorando.

De repente, em um ato rápido, ela fica de joelhos, segura meu rosto entre as mãos e me rouba um beijo.

Eu perco o pouco de controle que me restou e puxo-a pelo cabelo com certa brutalidade. Não tenho coragem para feri-la como deveria.

— Nunca mais ouse encostar esse seu corpo nojento em mim, nem para me cumprimentar. — Digo, olhando bem dentro dos seus olhos. — Eu tenho nojo de você. E nunca mais tente me colocar contra meu irmão. Agora saia antes que eu faça uma merda maior.

— Você me machucou, Ian. — Se ergue, enxugando o rosto. — Mas eu mereço isso! — Sem mais uma palavra ela deixa a sala.

— Meu Deus, o que foi isso? — Indago a mim mesmo em voz alta.



— Passei o dia todo te procurando. Onde você estava? — Vivi indagou,

analisando-me.

— Você viu Enzo hoje depois do almoço? — Respondi com outra pergunta.

— Ele tinha comentado comigo que tinha umas coisas para resolver na empresa e só voltaria mais tarde para o jantar, por que? O que a piranha mafiosa queria?

— Me desestabilizar. — Foi tudo que disse.

— E pelo jeito conseguiu. — Concluiu meneando a cabeça em negativa.

— Ela me beijou. — Soltei o ar pelo nariz, irritado. — Se jogou aos meus pés, chorou dizendo que Enzo a assediou e que está com ele porque queria estar comigo, mas não podia. Claro que usou o acidente como desculpa. Disse que ficou perdida e, então, com o tempo ela aprendeu a gostar o meu irmão, mas nunca deixou de me amar. Acho que isso é o suficiente pra desestabilizar qualquer um, não é?

— Ela tentou te matar, Ian. — Vivi retrucou. — Ela quer arruinar com você, e está aí se corroendo com algo que ela disse para tirar seu foco. Não percebe que ela fez isso porque surtiria mais efeitos do que ameaças, fotos ou e-mails, dizendo coisas que você já está cansado de ouvir. Ela sabia que fazendo isso seria mais eficaz do que qualquer uma dessas coisas.

— Eu sei disso, Vivianne. — Afirmei com um urro de raiva. — E ela conseguiu. Agora cala a porra da boca, e me deixa sozinho.

— Escuta aqui seu babaca, eu estou me arriscando por você e eu não admito que você fale assim comigo só porque aquela piranha desgraçada te disse um monte de mentiras e te fez voltar a ser o idiota decadente e desprezível que você se tornou nesses últimos anos.

Sua agressividade me deixou sem palavras por um instante. Mas não baixei a guarda.

— Você entrou nessa porra porque quis. Eu não lhe obriguei, e muito mesmo te pedi. Pelo contrário, falei para você se afastar. Agora sai! — Gritei, apontando a saída.

— Babaca! — Gritou em resposta. — Você merece isso, sabia? Merece sofrer um pouco mais para aprender a dar valor as coisas e as pessoas.

Depois de desabafar Vivi sai pisando duro e choramingando. Eu sei que peguei pesado, mas a vida também não tem facilitado comigo nos últimos tempos. Me sinto sempre no limite da minha paciência.

A noite chegou e eu não desci para jantar e nem vi mais Vivianne depois do episódio no escritório. Pouco antes de 00:00h Enzo entra no meu quarto, me questionando o porquê de Vivianne estar arrumando as malas dela, em meio a um choro copioso.

— Ela o quê? — Murmuro.

— Porra, Ian, a garota está desolada. E nada do que eu diga faz ela parar de chorar, muito menos deixar aquelas malas de lado. — Diz nervoso e preocupado. — Eu não posso deixá-la sair assim. Lembra o que aconteceu da última vez? Ela não quer conversa e diz que vai de qualquer jeito.

— Eu não quero saber Enzo. — Sentencio. — Ela já é bem grandinha, sabe o que faz. Não sou babá, e nem tenho que ficar medindo palavras só porque a Vivi vai dar chique. Aqui não é o lugar dela, então a deixe ir.

— Vai se ferrar! — Grita irritado. — Que palhaçada é essa agora? A garota está se desdobrando para te ajudar.

— Falou o homem mais grato por tudo. — Debochei. — Quantas vezes ela já chorou por você? Quantas vezes você já a maltratou? Então de boa, irmão, você não tem moral para falar de mim.

— O que aconteceu com você? Vocês estavam ótimos, convidando todo mundo para comemorar sua recuperação, e agora você me diz algo assim.

— Acredite, se você soubesse estaria pior do que eu. — Ri sardônico.

— Então me conta. — Exigiu, em um misto de preocupação e desespero.
— Nós éramos tão unidos, nunca escondemos nada um do outro.

— Eu nunca escondi nada de você, e sempre fui sincero e dedicado, mas e você irmão, pode se colocar na mesma posição? — Nesse momento a expressão de Enzo, que antes era pura raiva e indignação, mudou nitidamente para arrependimento e questionamento. Houve um instante tenso de silêncio antes de ele falar:

— Não sei aonde você quer chegar com isso... — Desconversou com a voz trêmula. — Mas vou deixar você sozinho para pensar melhor nesta merda toda.

— Acredite, eu tenho pensado muito em toda esta merda! E antes que você saia... Eu quero que Rafaelly pare de frequentar esta casa. A presença dela e a melação de vocês dois estão me enjoando.

Enzo ficou estático na porta, me olhando por um breve momento, por fim disse:

— Se é assim que quer. — Deu de ombros. — Me desculpe se isso o incomodou. Achei que você já tinha superado e estávamos seguindo nossos caminhos.

— Depois pergunta para a Rafa se ela superou, e então conversamos. — Soltei com um tom bem sarcástico e ácido.

Enzo não disse mais nada, deixou o quarto com uma batida feroz na porta.

Estou saturado de tudo isso. Não vejo a hora de sair de vez dessa situação e viver em paz, sem ameaças ou traições.



Dezesseis – Enzo Gabriel

Desde que Vivi veio pra cuidar de Ian é nítida a mudança dele, porém nessas últimas semanas esses dois tem se superado.

Até cheguei a cogitar que eles estavam se pegando. Vivem trancados, quando não no escritório, estão no quarto dele. Muitas vezes de madrugada eu batia na porta do quarto de Vivianne e ela não estava, e então ia ao de Ian e ela sempre estava lá. Eu não sei bem descrever o que sinto com relação a essa possibilidade, acho que não posso chamar de ciúme... Ou posso?

Vivianne é solteira e meu irmão também. Ele merece ser feliz, e fico contente por ver que Vivi está conseguido amolecer o meu irmão. Às vezes eles até se bicom, mas logo estão juntos de novo.

Confesso que quando chamei ela para aceitar o desafio de cuidar do cabeça dura, não acreditei muito que pudesse dar certo. Ledo engano, pelo visto foi uma boa decisão a minha.

E quanto a esse sentimento incomodo que sinto ao imaginá-los juntos de outra forma, acho que pode se chamar ciúme, sim. Afinal ciúmes entre amigos é normal.

— Amor, posso ficar para dormir aqui? — Ronronou, se aninhando em meio aos lençóis. — Eu estou morta! Você acabou comigo ontem. — Rafaelly falou manhosa me lembrando sobre como nós extrapolamos ontem na bebida e no sexo.

— Não tenho culpa que me deixe louco — Retruquei sorrindo matreiramente, — E pode ficar sim, só por favor, não fica desfilando por aí depois que levantar. O Ian está um pouco estranho ainda.

— Sei. — Assentiu. — Espero que esteja tudo bem. Acha que ele está saindo da depressão?

— Sim, e espero que desta vez permaneça são. Estamos todos cansados

das idas e vindas dele.

— Bem, ele comentou alguma coisa com você? Do porquê das recaídas?

— Indagou com uma dose extra de curiosidade.

— Nunca. O que sei é que ele sempre recebe algum tipo de mensagem que o desestabiliza, mas nunca mostra ou fala sobre.

— Como assim?

— Não sei muito sobre isso. Só sei que ele recebe fotos, cartas, e-mails ou telefonemas, então volta à escuridão.

— Assim do nada? Ninguém nunca procurou saber?

— Eu até tento falar com ele, mas o Ian afasta todo mundo. Infelizmente.

— Dou de ombros.

— Entendo. Ele e a Vivianne andam bem unidos não, é? Será que estão se pegando?

— Estava pensando nisso agora. De fato, eles vivem trancados no quarto ou no escritório, só que Ian já fazia isso, a diferença é que agora ele tem alguém pra ficar no pé dele.

— Ela estava tão estranha comigo. — Continuou o diálogo curioso. — Ainda bem que melhorou. Principalmente depois que começou a sair com Lucas. Eu dou total apoio para que ela fique com ele. — Concluiu.

— Vivi é incrível, e esse cara é um babaca. Ela merece coisa melhor. — Retruco irritado. Rafaelly me lança um olhar de esguelha.

— Ela ainda te dá mole?

— Como assim, Rafaelly?

— Você sabe bem do que estou falando. Ela sempre foi apaixonada por você e nunca fez questão de esconder de ninguém.

— Não começa. — Resmungo. — De manhã cedo não, Ok?

— Por que você não pode responder? Ela dá mole pra você ou não, Enzo? Você não quer me contar por gosta...

— Não enche o saco, Rafaelly. — A interrompo. — Deu pra mim. — Digo e saio batendo a porta atrás de mim.



Passei a tarde toda na empresa resolvendo um milhão de coisas. Quando voltei para casa, já no avançar da noite, todos já haviam jantado e se recolhido.

Procurei por Ian, mas ele estava trancado em seu quarto. Logo deduzi que, como de costume, Vivi estivesse com ele, então resolvi deitar um pouco.

Não falei mais com Rafaelly depois do nosso pequeno desentendimento pela manhã. Às vezes ela vem com essas conversas irritantes e isso meio que me tira do sério. Das duas uma, ou eu tento relevar, ou simplesmente viro as costas e saio.

Era quase meia noite quando resolvi levantar para procurar algo para comer. Antes passaria no quarto de Ian para lhe pedi um conselho sobre o trabalho. Porém quando passei em frente ao quarto de Vivi ouvi alguns barulhos, então decidi bater e pedir permissão para entrar. Isso não existia entre a gente, mas ela se afastou muito de mim depois que começou a tratar do Ian.

— Posso? — Pergunto hesitante.

— A casa é sua, não é? Então não precisa nem pedir. — Diz em um tom de voz choroso.

— Na verdade a casa é do Ian. — Dou de ombros, debochando dela. O que não foi uma boa ideia, a julgar pela resposta que ela me deu:

— Que seja! Vocês são farinha do mesmo saco. Dois babacas, idiotas, que não consegue se guiar claramente sem uma filha da mãe dando ordens como se fossem marionetes. Cambada de pau mandado!

— Nossa — É tudo que digo, só agora percebendo o que está acontecendo ao meu redor. O quarto está uma bagunça, Vivi está com o rosto vermelho, e está tremendo. — O que aconteceu?

— Nada, Enzo. — Disse entredentes.

— Vivianne, irei perguntar pela última vez, o que aconteceu pra você estar assim?

— Vocês! — Gritou. — Foi isso que aconteceu. Eu conheci vocês, deixei que entrassem em minha vida, no meu mundo, na minha pele, e não tem um dia se quer que eu não me arrependa de ter me deixado me envolver tanto. Tudo em mim dói e eu estou tão cansada Enzo. Já sofri tanto na minha vida. Não aguento mais ser pisada por você e agora pelo Ian, não dá mais pra mim.

Eu não tenho palavras diante da sua tristeza. Tenho plena consciência de que já fiz muita merda com ela, já a decepcionei inúmeras vezes, mas vê-la assim me deu medo. Medo de perdê-la, medo de que desta vez Vivi não nos perdoe mais. Esse medo gritava em mim agora, quase que desesperadamente.

— Foi o babaca do Lucas ou o babaca do meu irmão? Só me responde isso. — Pergunto irado.

— Tire o Lucas disso. Ele nunca me machucou, assim como vocês fazem. E que diferença faz de quem é a culpa, Enzo? A culpa vai acabar sendo colocada em minhas costas mesmo. Se você fizer o favor de sair do meu quarto, eu te agradeço. Quanto antes eu terminar, antes irei embora. — Disse em um fôlego só.

— Você acha mesmo que vou deixar você sair daqui a essa hora?

— Você não manda em mim. — Vociferou. — Eu saio a hora que eu quiser, não sou propriedade de vocês.

— Vamos ver então. — Disse, antes de sair rapidamente do quarto.

Vou em busca de Ian, com sangue nos olhos. Por sorte a porta estava

aberta e entro já questionando o que tinha acontecido.

— Posso saber o que aconteceu? Vivianne está arrumando as malas dela e chorando sem parar.

— Ela o que? — Ele pergunta visivelmente com raiva e nervoso.

— Porra, Ian, a garota está desolada. E nada do que eu diga faz ela parar de chorar, muito menos deixar aquelas malas de lado. — Digo aflito e preocupado. — Eu não posso deixá-la sair assim. Lembra o que aconteceu da última vez? Ela não quer conversa e diz que vai de qualquer jeito.

— Eu não quero saber Enzo. — Sentencia. — Ela já é bem grandinha, sabe o que faz. Não sou babá e nem tenho que ficar medindo palavras só porque a Vivi vai dar chique. Aqui não é o lugar dela, então a deixe ir.

— Vai se ferrar! — Grito transtornado. — Que palhaçada é essa agora? A garota está se desdobrando para te ajudar.

— Falou o homem mais grato por tudo. — Debochou. — Quantas vezes ela já chorou por você? Quantas vezes você já a maltratou? Então de boa, irmão, você não tem moral para falar de mim.

— O que aconteceu com você? Vocês estavam ótimos, convidando todo mundo para comemorar sua recuperação, e agora você me diz algo assim.

— Acredite, se você soubesse estaria pior do que eu. — Ri sardônico.

— Então me conta. — Determino, louco para entender toda a situação. — Nós éramos tão unidos, nunca escondemos nada um do outro.

— Eu nunca escondi nada de você, e sempre fui sincero e dedicado, mas e você irmão, pode se colocar na mesma posição? — Minha expressão se altera no mesmo instante. Uma onda de arrependimento me assolando, a ponto de me roubar momentaneamente às palavras. Quando consegui ordená-las novamente, falei:

— Não sei aonde você quer chegar com isso... — Minha voz soou

trêmula. — Mas vou deixar você sozinho para pensar melhor nesta merda toda.

— acredite, eu tenho pensado muito em toda esta merda! E antes que você saia... Eu quero que Rafaelly pare de frequentar esta casa. A presença dela e a melação de vocês dois estão me enjoando.

Fico estático na porta, olhando-o por um breve momento, por fim disse:

— Se é assim que quer. — Dou de ombros. — Me desculpe se isso o incomodou. Achei que você já tinha superado, e estávamos seguindo nossos caminhos.

— Depois pergunta para a Rafa se ela superou, e então conversamos. — Seu tom e expressão eram de extremo sarcasmo.

Eu não disse mais nada, deixei o quarto com uma batida feroz na porta. Sai do quarto ainda mais irritado e confuso. Não entendi as insinuações de Ian com relação à Rafaelly e muito menos consegui digerir o fato de que Ian não estava tão nem com nossa relação quanto demonstrava sempre.

Volto para o quarto de Vivianne e não a encontro mais lá. Corro escada a baixo e a encontro saindo pelos portões principais. Tento alcançá-la, mas quando chego perto o suficiente, ela fecha a porta de um carro, que saí cantando pneu.

Não sei se surto ou se fico tranquilo. Sei que o carro é de Lucas. Pelo menos ela não foi dirigir sozinha pela madrugada.



Já se passou dez dias, e não temos notícias de Vivianne. Lucas falou que a deixou em casa naquela, porém já fui até o lugar e não fui atendido. Sem contar às ligações que são ignoradas. Ian também está meio que desesperado por ela não dar notícias e colocou um milhão de seguranças atrás dela.

Até que descobriu que Vivi está bem e se escondendo na casa de alguém que ele não quer me contar. Pelo menos ela estava segura.

Ian continuou fazendo seus exercícios sozinho. Às vezes me pede ajuda. Ele já está andando de muletas, e quando se cansa muito, usa a cadeira de rodas. Adiou sua festa de comemoração, alegando que só faria quando Vivi concordasse em vir, já que foi ela que o ajudou com tudo isso.

Eu? Bem, eu estou morrendo de saudades dela.



Dezessete – Vivianne

— Você tem certeza que não sabe onde aquela cadela maldita está, não é?
— Ouço a voz de Rafaelly vindo da sala e logo me levanto para ouvir melhor.

— Escuta aqui, sua vagabunda, nunca mais fale assim dela! — O ouço retrucar. — E fale baixo, tenho visitas!

— Quem você acha que é para falar assim comigo, seu verme? Me chama de vagabunda de novo e eu te reduzo a pó. — Ameaçou.

— Eu já disse que não tenho medo de você. — Ele riu, debochando dela.
— E até te acho bem corajosa por vir até aqui me ameaçar sozinha.

— Saiba que eu nunca estou sozinha, Lucas.

Nessa hora Lucas encosta Rafaelly na parede, e segura firme seu pescoço. Por pior que sejam as circunstâncias para ela, a vadia não desvia seu olhar furioso do dele.

Ela não vai ceder e Lucas não pretende parar. Quando a vejo mudar o tom da pele, pela falta de ar, decido que é hora de interromper.

Corro em direção ao quarto, onde Lucas me deixou dormindo para atender a porta, e grito o nome dele fazendo uma voz sonolenta. Então faço minha melhor cara de sono e ando em direção à sala e lá estão eles fingindo estar tudo bem.

— Rafaelly, o que você faz aqui? — Pergunto me fazendo de desentendida e confusa.

— Aí meu Deus, Vivianne. — Ela coloca a mão sobre o peito teatralmente. — Nós procuramos você por toda parte. Todo mundo estava desesperado atrás de você, foram três semanas de silêncio. No fundo sabia que você estava aqui, mesmo Lucas negando todas as vezes que perguntamos.

— Nós? — Indaguei, erguendo uma sobrancelha em questionamento.

— Sim. Ian, Enzo e eu. Nós ficamos desesperados, principalmente Ian.
— Emendou. — Enzo ficou até com medo de Ian ter uma recaída na depressão depois que você se foi sem dar notícias. Ele me falou que vocês brigaram por causa das grosserias do Ian.

— Eu estou um pouco confusa... Quem te mandou aqui?

— Ninguém, eu vim por conta própria, tinha certeza que ia te achar aqui. Queria tranquilizar os meninos.

Como essa mulher é descarada. Meu Deus, ela é de fato uma louca e atua com maestria.

— Eu falei com Ian hoje. — Disse seca. — Estarei sábado na festa.

— Ótimo. — Sorriu amplamente. — Então eu já vou. — Foi o que ela disse, e então se virou para Lucas e concluiu: — Espero que você tenha entendido. — Se virou para mim novamente e acenou, alcançando a porta e saindo.

— Vocês estavam brigando?

— Você ouviu alguma coisa? — Indagou preocupado.

— Não. Só acordei por que me virei para te abraçar e senti sua falta na cama, então ouvi uns barulhos e te chamei. Mas o que eu teria para ouvir exatamente?

— Nada! — Apressou-se em dizer. — Ela não gostou porque menti dizendo que não tinha notícias sua, foi só isso.

— Entendi. Vamos voltar pra cama? — Lucas não disse mais nada, apenas nos guia de volta para o quarto.

As três semanas que fiquei longe de Ian e Enzo foi de extrema importância para mim. Foi algo necessário, a julgar por todas as descobertas que fiz nesse meio tempo.

Sem contar que eu precisava desse tempo para me aliviar da tensão

daquela casa e daqueles irmãos. Eu, de fato estava com muita raiva de Ian, mas só durou uma semana.

Enzo mandava mensagem todos os dias e do nada todos os meus amigos e alguns familiares estavam me ligando em desespero, porque o louco disse a todo mundo que eu tinha sumido. Estranhei e até fiquei triste porque o causador de tudo isso não tinha se manifestado até então. No final das duas semanas de *sumiço* recebi uma mensagem dele, dizendo:

"Está na hora de sair do esconderijo anjo, ou você irá se apaixonar pelo inimigo."

Eu sorri, e tenho certeza que ele colocou um dos detetives pra me caçar e sempre soube onde eu estive. De certa forma, eu sabia que estava segura e precisava deste tempo.

— Posso te fazer uma pergunta? — A voz rouca de Lucas surge, me tirando dos devaneios.

— Claro Lucas, pode perguntar o que quiser.

— Você ainda é apaixonada pelo Enzo?

— Você sabe que sim. — Respondo sincera. — Essas semanas que passei com você foram incríveis, Lucas. Cada dia, minutos e segundos que passo com você são incríveis. Mas, infelizmente, meus sentimentos pelo Enzo são de longas datas e um sentimento assim não acaba de uma hora para outra. Essa filosofia de que um amor cura outro não funciona muito bem comigo.

— Fico feliz em saber que você se sente tão bem comigo. — Comenta, ignorando a outra parte do meu discurso.

— Esses dias com você foram perfeitos. Obrigada Lucas. — Beijo seus lábios, acariciando seu rosto levemente.

— De nada, meu amor.



"Vou sair da toca! Preciso conversar com você!". Esperei Lucas pegar no sono e enviei uma mensagem para Ian.

"Estava na hora. Conversar o quê? Aconteceu alguma coisa?"
Respondeu prontamente.

"Sim."

"Ok! Vamos à praia?"

"Ótimo! Te conto tudo e ainda pego uma cor."

"Passo aí de carro com Ryan ou você vem pra cá?"

"Me espera aqui na esquina."

"Até mais princesa".

"Até príncipe!"

Encerro nossa breve conversa. Animada por poder ver alguém que não seja Lucas. E também por ver o delinear dessa história se esclarecendo com minha ajuda.



Acordei pela manhã e me arrumei rapidamente. Disse a Lucas que iria encontrar um amigo e a noite arrumaria tudo para voltar à casa de Ian e Enzo. Ele não gostou da ideia, mas também não tentou me fazer mudar de opinião. Ele sabia, desde o início, que isso aconteceria.

Ian não estava no carro que me aguardava na esquina de casa. Segundo o motorista, ele já havia ficado lá e pediu que o mesmo viesse me buscar.

O encontrei entretido fitando a paisagem a sua frente. O que eu estranhei muito foi o fato de sua cadeira estar presente no ambiente, já que ele conseguia andar com as muletas.

— O que aconteceu com as muletas? — Perguntei quando me aproximei mais.

— Estou com dores hoje, então resolvi vir com a cadeira. — Respondeu simplesmente.

— Você foi ao hospital para falar com os médicos dessas dores?

— Não. — Disse seco. — E nem vou.

— Ian, você precisa ir. Não sabemos como seu organismo está reagindo aos seus esforços excessivos. Essas dores podem piorar com o tempo. Você necessita de suplementos de cálcio. — Argumentei.

— Eu não quero brigar com você de novo, Vivi, então, por favor, vamos focar só no que de fato nos interessa aqui. O que você descobriu?

— A sua saúde é mais importante do que qualquer coisa. — Resmunguei chateada.

— Em breve eu não terei que me preocupar com a saúde. Se não conseguir acabar logo com essa merda toda, pois estarei morto. Entendeu ou quer que eu desenhe? — Eleva o tom de voz, e muda sua expressão antes tranquila, para uma mais pesada.

— Odeio que fale assim comigo. — Digo séria.

— Desculpe. — Ele suspira. — Estou por um fio, e acabo falando merda. Por favor, vamos falar das descobertas? — Assinto.

— A Rafaelly foi à casa do Lucas hoje de manhã.

— Fazer o quê?

— Eles estavam brigando, ouvi os murmúrios e despertei. Assim que reconheci a voz dela, fui espiar. A mafiosa estava ameaçando o Lucas de novo, mas ele a pegou pelo pescoço e quase estrangulou a vadia. Interrompi-os discretamente, fingindo que não tinha ouvido nada. Ela disfarçou muito bem quando me viu, mas antes de sair reforçou sua ameaça para Lucas.

— Porra! — Arrulhou. — Ela está desesperada e isso significa que está desconfiando de você. Lucas questionou você esses dias?

— Só sobre meus sentimentos por Enzo. Sobre seus remédios e tratamento. Coisas bobas.

— Ela vai tentar alguma coisa, com você ou comigo. Que é alvo dela, já é concreto, mas pelo que entendi o ataque dela contra você será sentimental. Ela irá fazer alguma coisa para te tirar do trilho e vai pegar pesado. Mas comigo será físico, tenho certeza. Lucas cedeu em alguma coisa?

— Ele disse que independente do que aconteça na festa eu não deveria sair da sua casa e nem virar as costas para você. Disse que vai sentir minha falta e espera que um dia possamos ficar de fato juntos e sem barreiras.

— Viu? Eles vão te desestabilizar. E o Lucas está acuado, não pode voltar atrás. Como você disse, não é por dinheiro, é algo maior, talvez uma ameaça familiar. Se fosse direta, pelo jeito que ele age com Rafaelly, ele não corresponderia.

— Ele me falou que tem um irmão envolvido com tráfico de drogas, e está tentando tirá-lo de uma enrascada que ele se colocou.

— É isso! Claro que é... Eles estão usando o irmão do Lucas para obrigá-lo a fazer isso.

— Coitado, Ian. Eu não tinha parado pra pensar nisso! — Murmuro perplexa. — O que vamos fazer?

— Dar corda... Vamos cair em todas as armadilhas dela, principalmente a da festa.

— Vamos lá então — Dou de ombros, preocupada.



Finalmente *A Festa* vai começar. Estou extremamente nervosa sem saber

o que me espera.

Lucas está lindo, Enzo está maravilhoso e Ian parece ser da própria realeza. Todos parecem me observar enquanto desço a escada principal da mansão, sob aplausos efusivos.

Respiro fundo, descendo degrau por degrau com os olhos e cabeça erguida, balbuciando silenciosamente:

— Que comecem os jogos!



Dezoito – Enzo Gabriel

Eu passei três malditas semanas sem colocar os olhos sob essa figura magnífica. Foi o bastante para que eu percebesse que de fato não sou nada sem ela... E ela estava tão linda!

Na verdade, essa mulher estava perfeita e eu me senti um idiota, assim como fui na nossa formatura no colegial.

Vivianne é uma deusa.

Tanto Vivi quanto Rafaelly estão perfeitas, na verdade. E não pude me impedir de imaginá-las como rivais disputando espaço no meu coração. E talvez isso tenha inflado meu ego ao ponto de não enxergar muitas coisas. Assim como nutri em minha imaginação, não posso ter as duas... Apesar de sempre ter imaginado que pudesse.

Rafaelly já é minha e Vivianne sempre foi...

— Ela está perfeita. — Ian murmurou sorrindo amplamente.

— Ela sempre foi irmão. Eu que nunca dei o valor que ela merecia. — Retruquei um tanto cabisbaixo.

— Eu sempre te disse isso e sempre torci por vocês. — Comenta, sem desviar os olhos da figura de Vivi.

— E hoje? Você ainda torce por nós dois? — Indaguei curioso.

— Nossas vidas tomaram outros rumos Enzo e agora não é mais uma questão de torcida é uma questão de decisão e sorte.

Sua frase sábia trazia um tom de mistério que me intrigou.

— Como assim?

— A decisão seria terminar com sua atual namorada e recuperar o tempo perdido com Vivianne, e a sorte seria Vivi te aceitar depois de tantas coisas. — Deu de ombros, passando uma tranquilidade na sua fala, a qual eu não poderia

sentir.

— Você é foda, Ian. — Comentei rindo.

— Nós somos.... — Se gabou. — É a genética, maninho...

Em meio a nosso diálogo nada humilde Vivi se aproximou, sorrindo amplamente e iluminando tudo ao seu redor.

— Príncipes! — Disse animada.

— Princesa! — Ian e eu respondemos em uníssono.

— Nossa, parece até que combinaram. — Seus olhos vagaram de mim para Ian, detendo-se em mim por um tempo mais longo.

— Você está perfeita! — Falei, sem desviar o olhar do seu sequer um segundo.

— Obrigada. — Agradeceu um pouco corada.

— Está mesmo. — Ian confirmou. — Eu tenho sorte de ter arrumado uma enfermeira, babá e fisioterapeuta tão gata. Tenho certeza que metade desta festa está com inveja de mim.

— Tenho certeza que sim irmão. — Aprovei. — E eu sou um desses invejosos.

— Vocês são dois bobos. — Meneou a cabeça, rindo. — Mas obrigada pelos elogios.

Olhei por cima do ombro de Vivianne a tempo de ver Lucas se aproximando. Bufei irritado, antes mesmo de ele abrir a boca.

— Posso roubar minha princesa de vocês um minuto? — Lucas indagou firme, deixando claro que a levaria de qualquer forma.

— Já não bastam as três semanas que você nos roubou ela? — Falei, mostrando que, pelo menos para mim, ele não era bem-vindo. Já meu irmão abriu um sorriso e acenou um *sim* com a cabeça.

— Fico feliz em te ver de pé Ian. Meus parabéns, cara. — Lucas se dirigiu a Ian, cumprimentando com um aperto de mão e, claramente, ignorando meu último comentário.

— Tenho certeza que está. — Ian respondeu sucinto. Notei até certo ar de ironia em sua frase.

A voz de Ian era sombria e seus olhos escureceram ao aprofundar o olhar em Lucas. Aquela escuridão eu só havia visto uma vez na vida e fiz uma oração interna para que nunca mais visse de novo.

Lucas soltou a mão de Ian e levou Vivianne para outro local da festa. Não desgrudei os olhos deles, até estarem suficientemente longes.

Os convidados ainda estavam chegando e para que Ian aguentasse até o fim da festa, ele decidiu voltar para a cadeira de rodas. Quando finalmente todos estivessem na festa, ele se esforçaria para se manter de pé.

Eu preferi não comentar sobre a óbvia tensão entre ele e Lucas, pois julgo ser pelo mesmo motivo que o meu. Ciúmes de Vivianne.

— Aqui está irmão. — Falei lhe ajudando a acomodar-se na cadeira.

— Eu te amo, sabia? — Ian falou em um rompante. Me emocionei pelas palavras, que haviam se tornado tão raras entre nós.

— Porque isso agora? — Indaguei meio desconfiado.

— Faz tempo que não digo isso a você e gostaria que soubesse o quanto é importante para mim e o quanto eu te amo, independente de qualquer coisa. Lembre-se disso. — Seu tom de voz era efusivo.

— Eu também te amo irmão. — Respondo, com um nó na garganta.

Me sinto mal momentaneamente. Se um dia Ian descobrir o quão filha da mãe eu fui, ele jamais me perdoaria.

— Vocês estão lindos! — Entretidos em nosso momento, Ian e eu não notamos a aproximação de Rafaelly.

Eu não sei se é uma particularidade recém-adquirida, ou se de fato está acontecendo, mas sinto que a voz de Rafaelly está ficando cada vez mais irritante. Soa falsa e provocadora, não sei especificar.

— E você está magnífica, meu amor! — Digo abraçando-a, tentando dispersar meu momento de irritabilidade com relação a sua voz.

Ian se afasta sem dizer nada. Eu sei que ele ainda sente algo por ela, e isso acaba comigo.

— Está curtindo muito a festa? — Pergunto. Pegando um copo da bandeja do garçom que passa ao meu lado.

— Estou. — Diz breve. — Ela está linda, não é? — Rafaelly faz um meneio apontado Vivianne, que estava enroscada nos abraços de Lucas, rindo de alguma coisa. Aquilo me enerva.

— Está sim. — Desvio o olhar da cena. — E você também.

— Me lembra até o dia da nossa formatura no colegial. — Comenta com os olhos fixos em Vivi. — Nós duas disputando quem estava mais linda.... Você lembra? Nossos vestidos eram os mais lindos e do nada levantaram essa disputa.

— Isso foi uma bobagem. As duas estavam lindas.

— É, mas quem ganhou foi ela. — Notei certa amargura em sua voz. — Já que nem meu cunhado, muito menos meu namorado, votaram em mim.

— Que bobagem, Rafa. Lembrar-se de uma idiotice dessas agora. — Resmunguei.

— E hoje Enzo, em quem você votaria? — Seu tom incisivo me fez recuar por um segundo.

— Não começa! — Desconverso. — Você não tem que ir na sua mãe resolver umas coisas?

— Eu vou. — Suspira, finalmente desistindo do assunto. — Só quero dançar um pouco com meu namorado, posso?

— Claro que pode. — Sorrio, encaminhando-a para a pista de dança improvisada.



A noite se passava tranquila, a festa estava incrível, todos se divertindo. Ian dançou um pouco com algumas pessoas, inclusive com Rafaelly e Vivianne. E não sei dizer de qual das duas senti mais ciúmes.

Nesse momento o meu estômago está embrulhando por ver Lucas praticamente devorando Vivianne na pista de dança, suas mãos passeavam por cada centímetro do corpo dela e sua boca alternava entre seus lábios e pescoço. Eu sei que não deveria, mas por puro instinto, obsessão e egoísmo, me pus diante deles.

— Vocês deveriam procurar um quarto ou no mínimo respeitar as pessoas que estão à volta de vocês. — Falei sem me preocupar em moderar o tom de voz. Vivianne saltou dos braços dele e se virou para mim, com os olhos arregalados, rosto vermelho e visivelmente ofegante. Deus, como sinto falta de tê-la assim só para mim.

— Você tem razão nós... Nós... Estamos exagerando. — Ela retrucou divertida. — Acho que as bebidas contribuíram.

— Não foram as bebidas, meu amor. É que você é irresistível e eu não consigo me controlar quando estamos juntos. Você sabe como é né Enzo? — Lucas se virou para mim, claramente me desafiando.

Dei um passo ameaçador em sua direção, e quando ia responder, Vivianne me puxou para trás.

— Você não dançou comigo ainda Enzo. — Ela lançou um olhar de desgosto para Lucas. — Vem, vamos dançar. E o senhor, — disse apontado o dedo indicador para Lucas. — Comporte-se, moço!

— Pode deixar, amor. — Ele levou o copo aos lábios, ainda me

desafiando com o olhar.

— Eu ia arrebentar a cara desse babaca. — Vociferei. — Quem ele pensa que é para me desafiar assim? Minha vontade é de arrastar ele daqui como um verme maldito.

— E acabar com a festa do seu irmão? Olha como ele está feliz... — Vivi apontou para Ian, que estava rindo com uma de suas médicas.

— Você tem razão. — Suspirei, buscando me acalmar. — Estou feliz por ele também, já tinha perdido as esperanças de vê-lo assim de novo.

— Foram tempos difíceis. — Afirmou.

— Eu sinto sua falta. — Disse abruptamente. — Deus, eu estou queimado de saudades suas Vivi. — Falei enchendo minha mão com seus cabelos e me deliciando com o cheiro do shampoo adocicado dela.

— Nos vemos todos os dias, Enzo. — Ignorou minha tentativa de sedução. — Tirando, claro, as três semanas que passei fugida.

— E foram as piores semanas da minha vida. Eu tive muito medo que você dessa vez realmente não fosse voltar.

— Eu sempre volto. — Revirou os olhos. — Você sabe...

— Sei o que?

— O que eu sinto por vocês, e principalmente... — Deixou a frase morrer. Mas sei exatamente o que ela falaria.

Sei o que Vivianne sente por mim... E justamente por saber, eu não medi as consequências dos meus atos nos minutos seguintes.

— Vem comigo — Falei, arrastando comigo para um dos quartos de hóspedes que ficavam no andar de baixo.

— Para onde, seu louco?

Eu não respondi sua pergunta, continuando meu percurso determinado.

Quando finalmente estávamos trancados, e longe de tudo e todos, eu a beijo. Beije-a como nunca fizera antes. Estava louco de tanta saudade da boca dela.

Inicialmente ela paralisou, parecendo um pouco confusa, mas logo se entregou a paixão que sempre nos unia.

Logo eu estava abrindo o vestido dela e contemplando aquele corpo perfeito. Vivianne estava ofegante e vermelha, exatamente como eu queria e imaginava. Como nas últimas vezes que a tive em meus braços, ou mesmo durante nossa adolescência e início da nossa juventude.

— Você está louco? Nós não podemos. — Sussurrou. Sua voz firme não condizia com seus gestos, que quase imploravam por mim.

— Estou louco por você! — Balbuciei. — Estou louco para rasgar seu vestido, sutiã e calcinha, e ter você assim para mim à noite inteira. Completamente nua, porque é a visão mais linda que já vi na minha vida.

— Enzo... Você bebeu muito? — Indagou incrédula.

— Meu anjo, a única coisa que está me deixando embriagado aqui é esse meu desejo incontrolável por você.

— Aaaaah. — Gemeu quando minha boca alcançou seu pescoço. — Espera por favor... Enzo... — E nesse momento eu já estava me enterrando no interior de seu sexo.

Ela estava molhada e quente, pronta para me receber com perfeição. Os gemidos dela me enlouqueciam e eu a penetrava cada vez mais forte e mais fundo.

Estava tudo perfeito e certo. Era assim como eu via a cena. E quando chegamos ao nosso limite gozei dentro dela, e esperei até que seu interior sugasse cada gota e aproveitasse cada último momento dentro daquela fonte dos desejos.

— Nossa anjo.... Você é perfeita! E esse foi meu melhor sexo em

anos... — Disse entre ofegos.

E essa é a mais pura verdade. Rafaelly é incrível na cama, ela fazia sexo como ninguém, me levava ao auge, mas não chega aos pés do que acabou de acontecer aqui... É inexplicavelmente mais quente.

— Foi perfeito. — Ela diz ainda ofegante. Seus dedos acariciando meu rosto e seus olhos fixos em mim, me fitando como se estivesse imersa em um sonho.

— O que foi anjo? Porque você está me olhando assim?

— Você se lembra da nossa formatura? De como você me arrastou para uma das salas e nós transamos como se não houvesse amanhã?

Pelo jeito o assunto hoje orbitaria no assunto ‘formatura’.

— Você estava perfeita e eu não consegui me controlar. — Comentei sorrindo, ao me recordar do dia. — Aquele dia eu te desejei feito um tarado, mas hoje foi ainda pior. Por pouco eu não te agarro na pista mesmo.

— Não faz isso Enzo.... Você sabe os efeitos dos seus atos e falas sobre mim. Eu te amo e...

— Eu sei Vivi. — Suspirei audivelmente. Eu... Eu percebi que minha vida sem você não é nada, e isso é sinal de que eu também te amo.

— Não o suficiente para ficar comigo — Anuncia em uma voz triste.

Silêncio paira entre nós enquanto ela se veste. Visivelmente magoada e possivelmente arrependida... Merda!

— É complicado, Vivi.

— Não, não é! — Acusa, sem me lançar um olhar. — É fácil demais. Mas para você é cômodo a situação como está. Você tem em mãos seu sonho de consumo como namorada e sua melhor amiga gostosa e perdidamente apaixonada por você desde criança, então para você é ótimo poder comer as duas.

Porra, que merda que eu fiz!

— Não faz isso.... Não estraga esse momento.

— Não sou eu que estou estragando nada Enzo, é você que sempre estraga tudo. — Essa foi a única coisa que ela disse antes de sair.



A festa já havia terminado e muitas pessoas ainda caminhavam pela casa. Depois do que houve entre Vivi e eu, ela voltou pra festa, bebeu bastante e dançou como se não houvesse amanhã. Agiu como se nada tivesse acontecido.

Nesse momento estou com Rafaelly, em um canto, conversando sobre alguns projetos da empresa que ela tinha ido resolver com a mãe, quando sinto três pancadas fortes em meu ombro, ouço um grito, e quando me viro ganho uma tapa em cheio no rosto. Perplexo e ainda tonto, tento focar na pessoa em minha frente... Vivianne estava visivelmente transtornada, e era quase que palpável seu ódio...

— Como você pôde nos trair desta forma Enzo Gabriel? Como você pôde fazer isso com o seu próprio irmão?

Eu não disse nada e as pessoas que estavam a nossa volta pararam tudo para nos observar. Estava perdido e confuso, mas quando a ouvi dizer que eu os traí, soube em exatidão do que Vivianne estava falando.



Dezenove – Vivianne

É hoje!

Eu estou tão nervosa. Não sei o que me espera, não faço ideia do que o Lucas irá aprontar, mas sinto um aperto no peito enorme. Porque, apesar de ter certeza que ele jamais me machucaria fisicamente, as pancadas que levo, emocionalmente falando, são para acabar com qualquer um.

— Posso entrar? — Ian apareceu em meu quarto, me tirando dos meus devaneios.

— Claro príncipe. — Grito em resposta. — Estou me arrumando.

— Está vestida? — Indaga, já empurrando a porta.

— Estou.

— Que pena. — Entrou no quarto, fazendo cara de decepcionado.

— Quer me ver sem roupa, Ian? — Indago provocativa.

— Ver? Só ver não tem graça.

— Chega! — Ralho. — Daqui a pouco você me convence... — Mudo de assunto. — Como você está?

— Estou ansioso. Não sei o que nos espera hoje.

— E eu estou nervosa, com medo e insegura. — Retruco passando uma camada de batom, e virando-me para olhá-lo.

— Fica calma... E se lembre-se de que nada do que acontecer é para te atingir diretamente.

— Você sabe que não vai ser assim. Vou ser atingida em cheio, e estou com muito medo.

— Seja lá o que for meu anjo, você não pode dar mole. Eu vou me manter por perto e atento. Não faça nada sem que eu esteja perto para te

defender, por favor.

— Ok! — Assinto.



Chegou a hora!

Dou uma última olhada no espelho, e me convenço de que estou linda.

Será uma noite longa e tenho que me manter forte e lembrar que tudo de ruim que acontecer aqui é para despistar o Ian e me tirar da jogada.

Desço as escadas e já avisto Ian e Enzo conversando. Eles me olham como se tivessem me admirando. Sou interceptada por dois colegas de trabalho antes de conseguir chegar até os meninos.

Iniciamos uma conversa despretensiosa e carregada de elogios. Estou sorridente e tentando não aparentar toda a apreensão que sinto.

Lucas aparece, cortando nossa conversa. É recepcionado por um Enzo mal-humorado e por um Ian falsamente contente por sua presença. Ele é um mestre em parecer casual em tal situação.

Lucas e eu bebemos, conversamos e dançamos por um grande espaço de tempo até sermos interceptados por Ian.

— Lucas, será que você pode desgrudar dela um pouco e me deixar dançar uma música com a garota mais linda da festa? — Eu ri.

— Claro Ian. É que ela está tão linda que fica impossível desgrudar.

— Eu entendo. — Ian afirmou, segurando minha mão. — Prometo não demorar.

Lucas se afastou, rumando para se servir.

— Você está bem? Não acha que está se esforçando muito? — Pergunto para Ian.

— Estou bem. — Garante. — E você? Já parou de beber? Preciso de você sóbria!

— Eu não bebi tanto assim. — Retruco. — Quem não para de beber é o Lucas.

— O idiota está tomando coragem... — Apenas assinto. — Meu irmão está louco, sabia? Ele não tira o olho de você... Acho até que hoje vai ter....

— Não seja ridículo. — O interrompo. — Ele nunca mais me procurou assim... Ele não trai mais a filha da Máfia.

— Ele está babando por você e até chegou a dizer que se arrepende de não ter te correspondido a tempo.

A música acaba e ele se despede elegantemente, pedindo para eu ter cuidado, antes de se afastar.

Eu fico com as palavras de Ian na cabeça, obviamente a parte em que ele falou de Enzo.

Volto para Lucas, buscando não levantar suspeitas. Embarcamos em mais uma maratona de dança e risadas. Ele é uma pessoa boa, eu sei disso.

— Vocês deveriam procurar um quarto ou no mínimo respeitar as pessoas que estão à volta de vocês. — Enzo fala com rudeza. Salto dos braços de Lucas e me virou para Enzo, com os olhos arregalados. Me sinto quente e ofegante.

— Você tem razão nós... Nós... Estamos exagerando. — Retrucou divertida. — Acho que as bebidas contribuíram.

— Não foram as bebidas, meu amor. É que você é irresistível, e eu não consigo me controlar quando estamos juntos. Você sabe como é né Enzo? — Lucas se virou para Enzo, claramente o desafiando.

Preciso interromper ou o passo ameaçador de Enzo em direção a Lucas, logo se transformará em briga.

— Você não dançou comigo ainda Enzo. — Lancei um olhar de

advertência para Lucas. — Vem, vamos dançar. E o senhor, — disse apontado o dedo indicador para o supracitado. — Comporte-se, moço!

— Pode deixar, amor. — Responde sardônico.

— Eu ia arrebentar a cara desse babaca. — Enzo diz irritado. — Quem ele pensa que é para me desafiar assim? Minha vontade é de arrastar ele daqui como um verme maldito.

— E acabar com a festa do seu irmão? Olha como ele está feliz... — Aponto para Ian, que está rindo com uma de suas médicas.

— Você tem razão. — Suspira, visivelmente mais calmo. — Estou feliz por ele também, já tinha perdido as esperanças de vê-lo assim de novo.

— Foram tempos difíceis. — Afirmo.

— Eu sinto sua falta. — Disse abruptamente. — Deus, eu estou queimado de saudades suas Vivi. — Ele enche as mãos com seus cabelos, parecendo inebriado com o gesto.

Estou perdida em seus encantos.

— Nos vemos todos os dias, Enzo. — Tento ignorar meu anseio. — Tirando, claro, as três semanas que passei fugida.

— E foram as piores semanas da minha vida. Eu tive muito medo que você dessa vez realmente não fosse voltar.

Meu coração falha uma batida, mas me mantenho firme.

— Eu sempre volto. — Reviro os olhos. — Você sabe...

— Sei o que?

— O que eu sinto por vocês, e principalmente... — Deixou a frase morrer. Estou cansa de declarações infrutíferas.

Ele para pôr um segundo, ponderando algo, mas logo se mexe, me puxando pela mão.

— Vem comigo — Enzo me arrasta para um dos quartos de hóspedes que ficavam no andar de baixo.

— Para onde, seu louco?

Ele não responde minha pergunta, continua seu percurso determinado. Quando finalmente estávamos trancados e longe de tudo e todos, ele me beija. Beije-me como nunca fizera antes. Parecia ávido por mim. Assim como sempre estivera por ele.

Inicialmente paralisei confusa pela brusquidão de toda a situação, mas não pude permanecer imune por muito mais tempo.

Logo ele estava abrindo o meu vestido e contemplando meu corpo como se fosse a coisa mais perfeita que ele já viu. Eu estava ofegante e, tinha certeza de que estava vermelha. Como nas últimas vezes que eu estive em seus braços, ou mesmo durante nossa adolescência e início da nossa juventude.

— Você está louco? Nós não podemos. — Sussurrei.

— Estou louco por você! — Retrucou. — Estou louco para rasgar seu vestido, sutiã e calcinha, e ter você assim para mim à noite inteira. Completamente nua, porque é a visão mais linda que já vi na minha vida.

— Enzo... Você bebeu muito? — Indaguei incrédula.

— Meu anjo, a única coisa que está me deixando embriagado aqui é esse meu desejo incontrolável por você.

— Aaaaah. — Gemi quando sua boca alcançou meu pescoço. — Espera, por favor... Enzo... — E nesse momento seu sexo se fundiu ao meu.

Me arrancando o ar, as palavras... E implantando um desejo feroz em me interior. Nada mais importava agora. Estava pronta para recebe-lo.

Nossos gemidos se misturavam e ele me penetrava cada vez mais forte e mais fundo.

Era tudo tão perfeito, como se fôssemos criados para estar exatamente

ali. Os movimentos dele se intensificaram, junto com o prazer em meu núcleo. E quando chegamos ao nosso limite ele derramou seu líquido dentro de mim.

— Nossa anjo.... Você é perfeita! E esse foi meu melhor sexo em anos... — Disse entre ofegos.

— Foi perfeito. — Disse ainda ofegante. Meus dedos acariciando seu rosto e meus olhos fixos nele, o fitando como se estivesse imersa em um sonho.

— O que foi anjo? Por que você está me olhando assim?

— Você se lembra da nossa formatura? De como você me arrastou para uma das salas e nós transamos como se não houvesse amanhã?

Não sei por que exatamente o assunto veio à tona, mas gostava de me lembrar daquele dia.

— Você estava perfeita e eu não consegui me controlar. — Comentou sorrindo. — Aquele dia eu te desejei feito um tarado, mas hoje foi ainda pior. Por pouco eu não te agarro na pista mesmo.

— Não faz isso, Enzo.... Você sabe os efeitos dos seus atos e falas sobre mim. Eu te amo e...

— Eu sei, Vivi. — Suspirou. Eu... Eu percebi que minha vida sem você não é nada, e isso é sinal de que eu também te amo.

Eu poderia me iludir com essas três palavras. Até ficar feliz com elas, mas sei que aquilo não significa muito para mudar nossa história.

— Não o suficiente para ficar comigo — Anuncio em uma voz triste.

Silêncio paira entre nós enquanto me visto. Estou magoada e arrependida.

— É complicado, Vivi.

— Não, não é! — Acuso, sem lhe lançar um olhar. — É fácil demais. Mas para você é cômodo a situação como está. Você tem em mãos seu sonho de

consumo como namorada e sua melhor amiga gostosa e perdidamente apaixonada por você desde criança, então para você é ótimo poder comer as duas.

— Não faz isso.... Não estraga esse momento.

— Não sou eu que estou estragando nada Enzo, é você que sempre estraga tudo. — Essa foi a única coisa que eu disse antes de sair.



Voltei para festa e fui procurar por Lucas. Ele estava sério, bebendo em um canto da sala. Quando o abracei ele disse, em meio a uma voz grogue:

— Você está cheirando a sexo. — Perdi a voz por um segundo.

— Deve ser porque estou louca para fazer com você. — Digo provocativa, tentando disfarçar a situação. Me sinto péssima, me comparando a uma prostituta.

— Onde vocês foram? — Pergunta bravo.

— Vocês, quem?

— Não se faça de idiota Vivianne. — Grita. — Você e Enzo estavam transando. E você teve a capacidade de me deixar aqui te esperando.

— Você está viajando. — Sorrio nervosamente.

— Como vocês conseguem conviver com um cara tão baixo? — Solta venenoso.

— Não estou entendendo. — Digo agora confusa.

— Até acho que te entendo.... Você é apaixonada por ele, e quando estamos apaixonados perdemos a noção das coisas, mas aí eu me pergunto, e o Ian? — Meneia a cabeça. — Cara, ele é uma boa pessoa. Entendo que ama o irmão, mas daí ser traído pelo próprio, e fingir que nada aconteceu, é muita idiotice.

Meu coração apertou, e logo veio à imagem que eu tentei não acreditar...

— Do que você está falando? Que traição? — Perguntei em um fio de voz.

— Não se faça de idiota! — Vocifera. — Na noite do acidente do Ian, ele viu Enzo e Rafaelly se pegando em uma das salas reservadas e sei... — Não deixei que ele terminasse o assunto, acertei uma tapa bem forte no seu rosto, e corri em desespero para encontrar Enzo.

Passei por Ian, o empurrando, e ele soube naquele momento do que se tratava. Dei três pancadas fortes no ombro de Enzo assim que o encontrei, o estapeando assim que seu rosto se virou em minha direção.

— Como você pôde nos trair desta forma, Enzo Gabriel? Como você pôde fazer isso com o seu próprio irmão?

Perplexo e ainda tonto, tentou focar os olhos em meu rosto, buscando ver de quem veio a pancada.

Ele não disse nada, e as pessoas que estavam a nossa volta pararam tudo para nos observar. Em um átimo ele se ergueu, segurando-me pelo braço e me carregando com ele, mesmo sob protestos.

— Como você pôde? Como teve coragem de nos trair assim? — Indaguei chorosa, assim que estávamos sozinhos em um quarto.

— Do que você está falando? — Murmurou.

— Não se faz de idiota! — Gritei. — Eu sei de tudo. Na verdade, eu sempre soube, mas não queria acreditar. Eu... Eu... Meu Deus, como eu fui burra.

— Vivi fica calma. — Tenta me tocar, mas me afasto. — Eu posso explicar...

Ele estava visivelmente nervoso, pálido, tropeçando nas palavras.

— Não, você não pode. — O interrompo. — Você quase matou o seu

irmão! Se ele tivesse morrido naquele acidente você seria o culpado.

Eu não podia falar muito porque se não acabaria com todos os planos de Ian, mas aquilo estava doendo tanto, estava tão insuportável que eu precisava gritar, mesmo que tivesse que medir palavras. Continuei:

— Você jurou para ele que foi algo que aconteceu por acaso, que foi culpa da convivência, que a aproximação de vocês foi por ela não conseguir desistir de vez, mas na verdade vocês já estavam juntos há séculos.

— Você não entende. — Diz derrotado. — Eu sempre fui apaixonado por ela. — Grita a última frase. O que me deixa com mais nojo dele.

— Um mês Enzo! Você mostrou a todos o relacionamento de vocês um mês depois do acidente dele, mas vocês já estavam juntos antes mesmo desse maldito acidente acontecer.

Eu estava tão indignada e enojada que não conseguia me controlar e as palavras saiam de mim sem freios. Eu tremia incontrolavelmente.

— Eu nunca trairia meu irmão assim... Só... Só... Aconteceu. Simplesmente aconteceu. — Explica. — Um dia estávamos em uma festa e eles brigaram, Rafaelly saiu chorado do lugar e ele mandou que eu fosse atrás consolá-la e levá-la para casa. Não suportei a aproximação, o abraço dela... acabei me declarando.

— Você é patético. — Murmuro incrédula. — Traidor, mentiroso e falso. Enquanto o seu irmão chorava pelo acidente e o abandono da namorada, você e a vagabunda estavam transando dentro da casa dele! Você se mudou por que? Ficou com medo? Ou ela queria mais tempo com você, e morando lá não teria como?

— Eu mudei porque a culpa estava me matando. — A voz dele saía cada vez mais alta, e a minha se elevava também. Estávamos aos gritos.

— Culpa? — Falei muito mais alto do que realmente queria. — Você é

ridículo e hipócrita. Eu tenho nojo de você. — Cuspi as palavras.

— Você é apaixonada por mim! — Acusa de volta. — Está assim porque não largo a Rafaelly para ficar com você?

— *Hahaha*. — Debocho amargamente da cara dele. — E você Enzo Gabriel? Apaixonado pela namorada do irmão mais velho. Quer clichê maior que esse? O que você fazia quando eles estavam transando no quarto ao lado do seu? Saia para não ouvir ou ficava lá batendo uma punheta pensando na cunhadinha. Nojento, é isso que é!

Senti o impacto antes mesmo de me dar conta de onde ele surgiu. Meu corpo atingiu o chão e eu me senti engolida pela neblina do golpe. Enzo havia me acertado no rosto.



Vinte – Enzo Gabriel

Um mês à frente

— *Eu vou te matar, sua desgraçada...*

— *Calma Enzo.... Por favor, se acalma e me deixa explicar.*

— *Porra nenhuma, eu vou acabar com você!*

— *Enzo não vale a pena cara! Deixa-a ir... — Lucas surge do quinto dos infernos para tentar me impedir de matar essa infeliz.*

— *Meu amor, por favor, me ouve. Eu posso explicar!*

— *Não me chama assim! Nunca mais ouse me chamar assim.*

Finalmente peguei essa piranha desgraçada e quando estava quase a sufocando ouvi um barulho ensurdecedor e logo senti uma dor absurda, perdi as forças e cai no chão.

Eu havia levado um tiro.

Dias atuais

— Hahaha. — Ela debocha, fazendo meu sangue ferver. — E você, Enzo Gabriel? Apaixonado pela namorada do irmão mais velho. Quer clichê maior que esse? O que você fazia quando eles estavam transando no quarto ao lado do seu? Saia para não ouvir, ou ficava lá batendo uma punheta pensando na cunhadinha. Nojento, é isso que é!

Eu estava nervoso de mais para raciocinar. Estava com ódio, com medo, desesperado... E quando dei por mim, Vivianne estava caindo, com a bofetada que fui incapaz de controlar.

Os momentos seguintes aconteceram em uma sucessão desfocada e rápida. Em um segundo Ian estava invadindo o quarto, correndo em direção a Vivi.

— O que aconteceu? — Perguntou incrédulo.

— Eu me descontrolei... Eu... Deus. — Murmurei perplexo comigo mesmo.

— Porra, Enzo, você pirou? — Ele sacudiu o corpo inerte de Vivi.

Estava começando a ficar extremamente preocupado com ela.

— Ela... Eu... Urh... Merda Ian. — Olhei para a figura louca e instável de Vivi.

Ela conseguia tirar de mim as melhores e piores coisas, me levar ao extremo em todos os sentidos. Nunca havia batido em uma mulher... E nunca voltaria a fazê-lo.

Antes que eu desse por mim, senti o punho fechado de Iana certar meu olho, me fazendo cambalear. Não revidei.

— Você quem merece uma surra, babaca. — Ian gritou, ainda tentando acordar Vivi. — Você é um covarde de merda e acho bom ela estar bem, ou não respondo por mim.

— Ela vai sobreviver, Ian. Pelo amor de Deus.

— Enzo, cala essa boca e me ajuda a deitá-la na cama.

Obedeci a seu comando, acomodando Vivi na cama. Estava com medo da sua reação ao despertar.

Passaram-se alguns minutos até ela finalmente abrir os olhos. Ian e eu estávamos sentados na cama, e quando seus olhos confusos se focaram em mim, imediatamente a fúria despertou-a de vez.

Ela partiu para cima de mim, me acertando um soco no mesmo lugar onde Ian havia me acertado.

— Porra, sua maluca. — Reclamei, segurando o rosto.

— Seu desgraçado, você me bateu.... Eu vou matar você, Enzo, seu

maldito traidor. — Gritou, sendo contida por Ian.

— Você me tirou do sério, me chamou até de punh... — Bufeí indignado e dolorido. — Eu não queria te bater, mas me descontrolei.

Nesse momento ouvi um riso abafado que vinha de Ian. Ele parecia irado comigo, mas estava achando as verdades jogadas em minha cara, bem engraçadinhas.

É melhor que me cale, ou acabarei instigando Vivianne a falar o que não deve.

— Ian, está muito ruim meu rosto? — Vivianne abrandava sua fúria, se voltando para Ian.

— Nada que uma boa maquiagem não cubra, amor. — Respondeu acariciando a pele marcada. Grunhi. — Vamos para o meu quarto, e lá conversamos sobre o que aconteceu entre vocês. E não se preocupe, eu já dei um soco nele e ele também vai ficar de olho roxo.

— Esse maldito traidor tem que morrer. Isso sim. — Ela rosna, claramente com ódio de mim.

— Ian, antes de você ir com ela, eu preciso conversar com você! Por favor, tenho que explicar o que aconteceu.

— Vou deixar você se explicar, mas depois que a Vivi fizer isso. — Retruca.

— A coisa é mais séria do que aparenta ser, Ian. — Vivianne murmurou. Apenas assenti, guiando-a para fora.

— Eu sei o grau de seriedade aqui. — Ian diz tranquilamente. Recuperando sua postura fria. — Mas eu já levei tantos socos da vida, que às agressões físicas não me abalam. De qualquer forma revidei. — Ele deu de ombros. — Não deveria se chocar com as atitudes infantis do Enzo. Ele é fraco e se defende da forma mais idiota, com a violência.

— Você está do lado dele? Eu.... Eu... Como você consegue ser tão frio e não enxerga quem esse garoto é? — Vivi pergunta incrédula.

Sinto o sangue fugir do meu rosto. Ela vai abri a boca.

— Ele é o meu irmão, Vivianne, e eu tenho obrigação de corrigi-lo da melhor maneira. O que ele merece, eu darei quando for necessário, e no momento certo.

— Ele traiu você, Ian. Ele trai... — Ela gritou em resposta.

— Cala a boca, garota. — Nesse momento mais uma vez perco o controle e avanço nela. Não para machucá-la, mas para tentar fazer com que ela se calasse. Então a seguro com um braço e tapo sua boca como posso.

— Solta ela Enzo! Agora! — Ian ordena.

— Sai daqui. — Grito descontrolado.

— Se controla, Enzo. — Ian retruca, enquanto eu arrasto Vivianne para fora do quarto.

— Você vai ficar lá fora até que eu conte tudo para ele, e depois você pode fazer o escândalo que você quiser. — Sentencio, fechando a porta antes de ela tentar entrar.

— Seu babaca, traidor, mentiroso... — Ouça dizer, mas ignoro.

Pronto tranquei a fera do lado de fora, e só ficou Ian e eu no quarto. O olhar de Ian era passivo, seu semblante estava calmo e isso era estranho demais.

— Pode começar. — Ian falou me fitando.

— Me perdoa? — Essa foi a única coisa que conseguir dizer de início.

— Claro irmão! — Ian me respondeu manso e eu me perguntei internamente até quando ele manteria aquela calma, e o seu perdão.

— Eu fiz uma coisa horrível.... Eu...Eu traí você. — Soltei como quem se livra de um fardo pesado demais. — E de certa forma traí ela também. — Falei

apontando para porta, onde eu sei que Vivi estava sentada ouvindo tudo.

— Eu sei. — Continuou inabalável. — E, como eu já disse, te perdoo.

— Não. Você não sabe...

— Eu sei sim. — Interrompeu-me. — Sei que bem antes do meu acidente você já estava saindo com Rafaelly, sei quando, onde e porque aconteceu o primeiro beijo, sei até aonde você resistiu e sei por que você deixou de resistir. Mas eu sei de muito mais coisas das quais não é o momento para que você tome ciência. Eu o amo e entendo a manipulação na qual está envolvido. A Vivi também te ama e um dia irá perdoá-lo de tudo.

Eu senti como se meu coração tivesse parado. Meus olhos estavam cheios de lágrimas não derramadas, e meu cérebro só conseguia reproduzir uma frase: *“Eu sei.... Eu sei de tudo... Beijo... Porque... Desde quando e onde...”*

— Como? Você sabe? Eu.... Eu estou confuso. — Balbuciei.

— Não precisa entrar em desespero por nada. Só quero que mantenha a calma.

Porra, como eu vou me acalmar? Meu Deus, eu estou... Não sei dizer como estou...

— Eu a amo. — Não sei por que falei isso, mas saiu mais como uma defesa do que uma afirmação. Absolutamente estranho.

— Não, não ama. — Ian concluiu. — Você só está cego.... Não é amor.

— E desde quando você virou um merda de um psicólogo? — Critiquei impaciente com todo aquele circo.

— Eu não virei e nem estou julgando seus sentimentos. Eu simplesmente sei que não é amor. Ela é como uma feiticeira que venda seus adversários para conduzi-lo à morte.

Eu senti certo medo diante da frase de Ian. Eu sei que ele falou isso para me assustar, para me afastar dela. É a única explicação.

— Irmão... Lembra o que eu te disse lá na festa?

— Que você me ama acima de qualquer coisa...

— Exatamente!

— Eu sou um maldito traidor! Não mereço ser amado ou perdoado....
Desculpe-me irmão. — Disse, me ajoelhando aos pés dele.

— Enzo, eu tive muito tempo para te odiar, e por fim te perdoar, sem nem mesmo você saber. Agora nada mais importa a não ser o bem-estar de vocês.

Nesse momento a porta se abre e Vivi entra chorosa e diz:

— Eu estou com muita dor. — E quando nos viramos para auxiliá-la, notamos que ela estava sangrando.

Levantei-me, aproximando-me dela depressa, mas com cautela. Quando estendi minha mão em sua direção, ela caiu desmaiada em meus braços.



Vinte e um – Ian Gabriel

— Como assim doutor? — Enzo perguntou para o médico que atendeu Vivianne.

Ainda estávamos tentando digerir o que acabaram de nos dizer.

— Você quer que eu explique como ela engravidou? — O médico respondeu, nitidamente zombando da cara de Enzo, que está vermelho de ódio.

Diria que na verdade ele vai explodir a qualquer momento.

— Foi você? — Ele pergunta, apontando acusatoriamente para mim.

— Claro que não! — Me apressei em esclarecer. — Eu nunca encostei nela.... Pelo menos não nessa parte...

— Caralho... O Senhor tem certeza? — Levou a mão a cabeça, a beira de um colapso.

— Senhor, eu estudei anos, pratiquei por outros mais. Tenho certeza que ainda consigo identificar dois bebês em uma barriga.

— Dois? — Dissemos em uníssono. Desta vez Enzo e eu nos chocamos juntos.

— Sim, dois. — O médico responde meio impaciente.

Acho que ele já estava ficando meio irritado conosco.

— Porra, Ian, será que é do Lucas?

— Por que vocês não entram e pergunta diretamente a ela? — Disse o médico, interrompendo-nos. — Ela já está acordada, e parece tão surpresa quanto vocês dois. Acho que ela não aceitou muito bem a notícia.

Enzo me puxa em direção à sala onde o médico havia nos dito que Vivi estava. Para não levantarmos mais burburinhos sobre o iminente escândalo a festa, saímos pelos fundos da casa, com Vivi nos braços. Por tanto, nem o pai dessas crianças sabe de nada do que aconteceu.

— Não é do Lucas. — Afirmei, antes de Enzo abrir a porta. — Não faz tanto tempo assim que eles estão saindo.

— Porra, Ian, se não é dele, de quem é?

— Eu não sei. Vamos ter que nos acalmar e tentar conversar com ela. E a julgar pela merda que você fez hoje, acredito que ela não vai querer conversar com você.

— Ela não tem escolhas... — Disse irritado.

— Só tenta pegar leve com ela. Você já fez merda de mais para um dia só. — Anunciei, finalmente entrando no quarto.

Entramos no quarto e ela estava sentada na cama, olhando para janela e chorando baixinho, com as mãos sobre a barriga.

— Eu não posso fazer isso... — Murmurou ainda alheia a nossa presença.

Tanto eu quanto Enzo ficamos calados, esperando para ver se ela falaria mais alguma coisa, mas nada foi pronunciado. Vivi continuou olhando para o nada, chorando e alisando a barriga, que só agora deu para notar o volume a mais.

— Você já sabia? — Enzo perguntou, com uma voz mansa irreconhecível.

Acredito que se sensibilizou com a atual situação da nossa amiga. Eu também estava temeroso, mas preciso saber exatamente tudo que envolve essa gravidez, para poder ajudá-la.

— Nem desconfiava. — Disse em um fio de voz, sem nos encarar.

— E essa barriga, não notou?

— Estava me achando gorda, e minha menstruação sempre atrasa, então...

— Vivi quem é o pai? — Enzo perguntou ansioso. Decidi não me meter

na interação deles.

Nesse momento ela desviou o olhar da janela e olhou para Enzo, o fitando de cima a baixo e disse:

— Na noite em que brigamos porque você veio com a ideia maluca de cuidar do Ian e me chantageou... Eu saí... Fui para balada e conheci um cara... Nós... Ele... Não tinha camisinha e eu estava muito bêbada, assim como ele e estávamos empolgados demais, então aconteceu...

— Puta que pariu... — Esse fui eu, deixando escapar dos meus lábios a minha surpresa pela falta de responsabilidade dela.

— Porra garota.... Parece que se droga! — Enzo se transtornou. — Como você sai com qualquer um assim? Sem camisinha, ainda por cima. Você tem sorte de ter engravidado e não ter pegado uma doença. — Ele meneou a cabeça. — Isso se não pegou... — E esse foi Enzo, como sempre delicado e cauteloso com as palavras.

— Enzo! — O repreendo.

— Desculpa! Mas, porra, que merda.

— Fica calma, anjo. — Me aproximei da cama, pegando sua mão trêmula nas minhas. — Nós vamos dar um jeito, e vamos ter mais dois anjinhos passeando pelo mundo.

— Não vamos ter! — Ela diz séria.

— Como assim, não vamos? O médico disse que vocês estavam bem. Que não havia tido aborto, o sangramento acontece em algumas situações extremas, situações essas que devem ser evitadas.

— Eu sei Ian... Mas eu vou interromper a gravidez. — Anunciou entre soluços.

— De jeito nenhum! — Enzo e eu falamos juntos.

— A vida é minha, e eu decido o que vou fazer ou não. — Retruca

irritada. —Agora, por favor, me deixem sozinha.

— Eu não vou deixar você fazer isso. Você não vai tirar esses bebês, me entendeu? — Toda tranquilidade se esvaiu do meu corpo.

— Saiam! — Disse fria.

— Não vamos sair, e você não vai tirar esses bebês. — Enzo falou, mantendo-se firme.

— Vocês não podem me obrigar a ter duas crianças que eu não vou ter como criar. Elas nem terão um pai.

— Ela terá um pai, sim. Ou melhor, dois, e tenho certeza que quando Lucas souber, terá três pais. — Disse firme.

— Ian... Quem? — Ela riu amarga. — Um traidor mentiroso e inconsequente, um lunático metido com uma família contrabandista e um apaziguador com depressão sendo perseguido pela máfia? É isso que você quer para mim e meus "filhos"? — Disse sem freios, e enfatizando o "Filhos".

Eu fiquei paralisado, rezando pra Enzo não se ligar nas merdas que ela acaba de soltar.

— Que porra é essa? Eu infelizmente me identifiquei com o traidor, mentiroso e inconsequente, mas e os outros? E que parada é essa de família contrabandista e máfia? — Ele indagou versando o olhar de mim para Vivi.

Pelo visto minha reza não teve efeito, e quando olhei para Vivianne, que estava pálida ao perceber a merda que tinha feito, ela tenta concertar:

— Não é nada. Eu só quero que vocês saiam do meu quarto e, por favor, me deixem tomar as rédeas da minha vida sozinha.

— Dessa vez não! E nós não vamos discutir. Você não vai tirar esses bebês e nós não vamos sair deste quarto. — Falei sério.

Enzo concordou com um aceno de cabeça, e nos sentamos nas poltronas de visitantes. Vivianne fechou a cara, e se deitou, nos ignorando.



Já faz mais de seis horas que o médico nos mandou sair porque acabou o horário de visitas, porém ficamos esperando anoitecer para voltar, já que meu querido irmão subornou os médicos para que nos deixassem passar a noite lá no quarto com ela.

Enzo comprou chocolate, pipoca, sorvete e filmes, tudo que Vivianne adora e tenho certeza que ele está achando que isso aqui é um hotel e estamos aqui a lazer.

— Vocês já podem voltar para o quarto. — Um enfermeiro disse, olhando para meu irmão, que parecia um louco cheio de sacolas.

— Você está parecendo um idiota com essas sacolas. — Resmunguei. — Isso aqui não é hotel, Enzo, não estamos aqui a lazer. — Digo, me divertindo com a cara de paspalho dele.

— Eu sempre quis ter filhos, sabia? — Solta, e eu engulo em seco, abismado com sua confissão repentina.

—Essas crianças não são seus filhos, Enzo. E você está pensando que esquecemos que você bateu nela?

— Que se dane! — Grunhiu, menosprezando a gravidade da situação. — Eu vou tratar como se fossem meus, e aí de quem disser que não é. E outra, eu tenho certeza que com isso tudo ela vai ficar feliz e esquecer essa merda. — Ele diz apontando as sacolas que segurava.

— Você é patético. E ela vai ser muito burra se te desculpar assim tão facilmente. Você precisa aprender a lidar com suas inconseqüências.

— Você me desculpou, certo?

— Você é meu irmão e, por pior que seja, eu te amo e entendo você.

— Ela também vai me entender, tenho certeza.

Entramos no quarto, e Vivianne, que estava sentada mexendo no celular, nos lança um breve olhar, mas se demora olhando as sacolas.

— Ele está tentando me comprar ou é impressão minha? — Meneou a cabeça. — Subornou os médicos, e agora vem cheio de coisas e com esse sorriso patético na cara.

— Só não queria que você passasse uma noite ruim, então resolvi trazer algumas coisas para nos distrair. — Disse entoando inocência.

— Em primeiro lugar, eu não estaria tendo uma noite ruim se você não tivesse me agredido. E, em segundo lugar, eu quero que abra logo esse sorvete porque estou morrendo aqui.

— Bastava não ter ficado com um filho da puta qualquer, e não estaríamos aqui. — Enzo retruca com naturalidade.

Tanto eu, quanto Vivi, ficamos de boca aberta com a naturalidade que ele tem de falar e fazer merda sem se mancar.

— Coloca logo o sorvete dela, e para de falar merda, seu idiota. — O repreendo.

— Eu não sei como você consegue, Ian, eu juro que tento te entender, mas não dá. — Vivi diz, me olhando com cara de confusão.

— Não sou muito diferente de você, anjo. — Respondo, em meio a um dar de ombros.

— Vocês querem parar de falar de mim como se eu não estivesse aqui? — Enzo diz irritado.

A noite passou em um borrão...

Assistimos três filmes. Vivianne e Enzo brigavam o tempo todo, e eu tinha que intervir. Mas no final pareciam mais entrosados, e ela parecia até mais tranquila.

— Quem o vê assim nem imagina o quão inconsequente é... Parece um anjo. No caso está mais para anjo idiota. — Vivianne diz, fitando Enzo, que dormia na poltrona.

— É verdade. — Concordo. — Mas me diz como você está se sentindo?

— Péssima. — Afirma. — Por você, por mim e, principalmente, por ele. Você já imaginou como ele vai ficar quando descobrir?

— Sim! Penso nisso todos os dias... E por isso tenho que ficar atento...

— Eu não o odeio..., mas não sei se depois de ontem ainda existe amor.

— Acredito que sim. Você só está magoada. De qualquer forma nós dois estaremos aqui para ampará-lo quando esse vendaval passar.

— Estou com medo. — Confessa.

— Medo de que?

— Da gravidez. Eu não quero ter Ian. Não vou ser uma boa mãe. — Noto seu tom de voz aflito. — Você sabe como é minha família. Meu pai bêbado, minha mãe, que nem é assim tão participativa em minha vida.

— Você será uma ótima mãe. — Cortei-a. — Sabe exatamente onde não errar, tem um coração puro, é inteligente e tem a nós. Podemos ser tortos, mas sempre fomos uma família. Você sempre cuidou de nós dois, e nós sempre cuidamos de você.

— Estou falando sério, Ian. — Suspirou pesadamente. — Eu pensei muito, e eu não vou ter esses bebês. Eu já tomei a minha decisão, sinto muito.



Bônus – Lucas Hazard

— Eu acho que você se esqueceu da sua dívida comigo. — Disse.

— A questão não é essa, Lucas. A questão é que você se meteu com pessoas perigosas e, infelizmente, eu não posso me envolver com isso.

— Eu só estou tentando livrar meu irmão de morrer. E, sim, eu sei dos riscos que estou correndo, mas eu também não posso os deixar machucarem ela. Eu me apaixonei de verdade e vê-la tão quebrada me fez pior do que eu já estava.

— Infelizmente, nesse caso, você terá que escolher entre ela e seu irmão. A diferença é que ela tem pessoas a seu favor. A família do Ian tem muito dinheiro e pode protegê-la melhor do que você, o seu irmão só tem a você. — Aconselhou. — Meu conselho é que você deixe Vivianne por conta dos irmãos Gabriel e cuide da vida do seu irmão. Eu tenho certeza que quando tudo isso acabar ela vai te perdoar. Vivi sempre foi uma ótima menina e ela vai entender seu lado.

— E se ela não entender? — Preocupe-me.

— acredite, para quem vive com um idiota como o Enzo e o perdoa todos os dias, ela, sem dúvidas, irá te perdoar.

— Ela é apaixonada por ele. Essa é a diferença. — Murmurei irritado.

— Tudo bem, Lucas, eu já dei o meu conselho, você segue se quiser.

— Obrigado, de qualquer forma.

Eu não sei mais o que fazer nem a quem recorrer. Já pensei em contar a verdade para Ian e Vivianne, mas eu não posso arriscar. Se eles não acreditarem podem dar com a língua nos dentes e ferrar com tudo.

Resolvo levantar e correr atrás do prejuízo. Eu vi como Vivianne tinha ficado com a traição de Enzo e não sei o que me deu mais raiva, se foi de mim

mesmo por ter que fazer isso com ela ou se foi pelo fato dela ter se importado tanto com essa merda. O que me faz pensar o quanto um coração pode suportar até sucumbir de vez.

Nesse momento meu celular toca e fico desconfiado ao ver na tela o número de Ian.

— Alô. — Digo sem muita certeza de que queria mesmo ouvi-lo.

— Eu vou direto ao ponto, porque ouvir sua voz me dá vontade de atravessar esse telefone e arrebentar a sua cara, mas infelizmente não posso. E, o pior, ainda tenho que lhe pedir ajuda.

— O que houve com ela? — Indaguei apressado.

Fui direto ao ponto também, para Ian me ligar alguma coisa muito séria estava acontecendo com Vivianne.

— Vivianne está no hospital. Teve sangramento e então descobrimos que ela está grávida.

— Como assim grávida? Eu.... Eu.... Eu sou estéril, não posso ter filhos.
— Balbuciei apressado.

Saber que ela está frágil em um hospital me quebra. Mas grávida?

— Não é seu? — Grunhiu um tanto irritado.

— De quem é? Seu?

— Eu não sei por que diabos todo mundo pergunta se eu sou o pai. Eu nunca transei com a Vivi, nem se quer nos beijamos ainda.

— Ainda? — Questiono com certa irritação na voz.

— Porra, Lucas, a questão é que nem você, nem Enzo e muito menos eu, somos o pai destas crianças, e Vivianne está com uma ideia absurda de tirá-las.

— Espera... — Respiro profundamente. — Em primeiro lugar, ela chegou a comentar comigo que só transou uma vez sem camisinha e foi em um

baile porque tinha bebido muito. E em segundo lugar, por que diabos você está usando plural ao se referir à gravidez dela?

— Exatamente nesse baile que ela engravidou. E o plural é porque ela está grávida de gêmeos.

O celular quase escapa das minhas mãos. Estava absolutamente chocado com a quantidade de informações recentes.

— Porra...

— Exatamente assim que Enzo e eu ficamos. Mas o problema é que ela quer tirar essas crianças e eu tenho quase certeza que se você, Enzo e eu nos propormos a cuidar dela e dessas crianças, como se fôssemos os pais, ela vai tirar essa ideia maluca da cabeça.

— Por que você está me ligando Ian? — Soltei sucinto.

Eu sei que ele entenderia a minha pergunta da maneira correta.

— Porque eu sei que você gosta dela de verdade. — Sentenciou.

— Obrigado. — Sorri aliviado. — Onde ela está?

— No hospital Central. Ela está em observação por conta do sangramento.

— O médico falou como estão os bebês?

— Estão ótimos. É mais por precaução.

— Eu posso ir vê-la?

— Ainda não. — Retrucou. — Ela está um pouco irritada com você, mas quando eu a levar para casa conversarei com ela, depois te envio uma mensagem para que vá vê-la e possa se explicar.

— Obrigado. — Disse novamente.

— Não estou fazendo isso por você. — Foi a última coisa que disse antes de desligar.

Eu fico por minutos fitando a tela do meu celular, cujo descanso de tela é uma foto minha com Vivi na piscina aqui do prédio. Ela estava linda na foto, com um biquíni vermelho e um sorriso lindo.

Vivi e dois bebês... Deus, isso seria uma completa loucura.



Passaram-se três dias desde a ligação de Ian. Hoje ele me mandou mensagem para ir vê-la. Fiquei extremamente ansioso pelo reencontro, sem falar na saudade que sentia dela.

— Posso entrar? — Indaguei, abrindo uma fresta da porta.

— Claro que pode Lucas. — Resmungou. — Eu é quem não posso sair.

— É para o seu bem. — Murmurei, entrando e fechando a porta atrás de mim.

— Então você sabe?

— Ian me contou. — Assenti. — E ele está certo Vivianne, você não pode tirar esses bebês. Eles não têm culpa de nada.

— Vocês não podem me obrigar a tê-los. — Disse chorosa. — Eu não quero e pronto! Não adianta me trancar aqui, eu não vou mudar de ideia.

— Qual o seu medo? Por que você não quer tê-los?

— Eu não serei uma boa mãe. E ele não terá um pai. — Ela baixou a cabeça, desviando os olhos dos meus.

— Claro que eles não terão um pai, eles terão três. — Me aproximei, tomando sua mão na minha. — Estou aqui por vocês. Ian e Enzo com certeza também estão, então qual a dificuldade?

— Você não entende. — Suspirou em uma postura derrotada.

— Me explica. — Peço delicadamente.

— Eu não posso. Não agora.

— Olha, eu sei do passado trágico da sua família, eu sei o quanto você sofreu, mas isso não justifica nada. Você é uma pessoa maravilhosa e eu tenho certeza que será uma mãe perfeita.

— Obrigado Lucas, por ter vindo aqui, por me apoiar e pelas palavras de consolo, mas eu já tomei minha decisão. — Ela diz firme.

Eu nunca tinha visto ela daquele jeito. Seus olhos escuros estavam sem foco, sem vida, mas seu rosto continuava firme e rude. Era como se ela estivesse oca por dentro.

— Tenho certeza que na hora certa você mudará de ideia. — Falei já me erguendo.

Não era o momento certo para pressioná-la, por isso preferi ir embora.



Vinte e três – Ian Gabriel

12 Anos atrás

MARCAS DO PASSADO... POR TRÁS DAS TRAIÇÕES

Estávamos em um show de uma banda cover da Legião Urbana. Rafaelly estava linda e sorridente. Pulava e dançava como se não houvesse amanhã.

Estou preocupado com ela, apesar disso. Faz dias que vem reclamando de enjoos e já presenciei duas crises de vômito dela. Ela diz que é porque comeu muita besteira, mas, ainda assim, acho que ela está me escondendo alguma coisa.

E seja lá o que for, vou saber hoje quando formos para casa. Por enquanto vou ficar aqui admirando como minha namorada é linda até suada e pulando igual uma maluca.



— Meu amor.... Acorda já chegamos em casa.

— Não amor, eu quero ficar aqui. — Ronronou, me arrancando um sorriso.

— Aqui no carro? Ou você prefere ir lá para dentro comigo, no meu quarto? Eu posso te ajudar a tirar essa roupa e te dar um banho bem gostoso. — Falo rente ao seu ouvido, sinto seu corpo ficar tenso e seus pelinhos se arrepiarem.

Rafaelly dá um pulo no banco do carro e abre a porta, saindo e me puxando junto. Pago o táxi e quando me viro ela já está no portão da minha casa batendo o pé e dizendo o quanto estou demorando.



— Amor, eu preciso te contar uma coisa. — Rafaelly diz manhosa, depois de termos feito o melhor sexo do ano.

— Pode falar, vida.

— Eu.... Eu acho que fiz besteira. E, antes de falar, queria te pedir para me perdoar.

— Amor, seja lá o que for, eu jamais vou ficar com raiva de você por muito tempo. É claro que vou lhe perdoar.

— É que eu fiquei com medo de você me deixar. Você andava tão distante e uma vez até chegou a brigar comigo.

— Rafa, minha vida, eu não briguei com você, apenas mostrei que estava errada e precisava voltar atrás nos atos totalmente imprudentes que tomou. Agora para de enrolar e me conte o que você fez de tão errado. — Indaguei com expectativa.

— Eu parei de tomar as pílulas que a médica me receitou e acho que estou grávida. — Paralisei. — Acho não, tenho certeza. Já fiz vários testes de farmácia e um exame de sangue que comprovou a gravidez. — Emudeço, tomado por pensamentos e possíveis reações.

Eu só tenho 18 anos. O que Rafaelly tem na cabeça? Como vamos criar um filho se termos nos formamos ainda?

— Você não pode estar falando sério. — Murmuro, meneando a cabeça.

— Eu sinto muito Ian... Eu.... Eu.... — Gagueja. — Não pensei direito, só estava com muito medo de você me largar.

— E você acha que se eu quisesse te largar seria um filho que me prenderia a você?

— Não fala assim amor. Está parecendo o seu irmão, você nunca falou assim comigo. — Sua voz trêmula, que sempre me apiedava, não funcionou dessa vez.

— Talvez eu devesse me parecer um pouco mais com o Enzo mesmo. — Disse bravo. — Só assim as pessoas iriam parar de me fazer de trouxa.

Ela engoliu em seco, enxugando as lágrimas do rosto.

— Ian, melhor não conversarmos com você nesse estado. Acho que bebeu um pouco demais.

— Você não se importou com meu estado enquanto estava transando comigo, tentando me acalmar para soltar essa bomba. — Gritei.

— Por favor... Para de falar assim. — Tapou os ouvidos. — Eu amo você, e vou amar ter um filho nosso. É um pedacinho de nós, do nosso amor.

— Acorda, garota. — Me descontrolo. — Você só tem 17 anos. Que futuro daremos a essa criança? Você mal sabe o que significa amor.

— E isso que nós sentimos um pelo outro, o que é? — Murmurou em resposta. — Nós daremos um ótimo futuro a esse bebê, nós somos ricos.

— Porra, então é isso? Várias pessoas me falaram, várias..., mas eu nunca dei confiança e agora você me vem com essa. É pelo dinheiro? — Ando de um lado a outro no quarto. — Mataram seu pai, vocês estão à beira da falência e agora você quer dar o golpe da barriga. — Eu não me dei conta de nada até ela bater em meu rosto e sair desabalada do quarto.

Quando saí em sua busca, ela estava abraçada ao meu irmão e ele estava com o rosto vermelho tentando entender o que acontecia. Vivianne estava ofegante no sofá, o que me parece que eles chegaram do show e estavam se pegando no sofá.

— Vou chamar um táxi para você. — Disse.

— Vai para o inferno você, seu dinheiro e o táxi! — Rafaelly gritou em resposta.

— Para de ser ridícula. Você vai para casa como?

— Andando, peço carona, não importa, mas eu não fico mais um minuto perto de você e muito menos vou aceitar qualquer coisa que venha de você e do seu dinheiro.

— Calma gente, eu já estou indo, e Rafaelly pode dormir na minha casa.
— Vivianne interveio. — Rafa, você não está em condições de ir a lugar algum, ainda mais sozinha. Vamos lá para minha casa e se quiser podemos conversar.

— Ela não quer conversar. — Enzo disse. — Por favor, Vivi, faz ela tomar um banho bem gelado e a deixa dormir para esfriar a cabeça.

— Eu só preciso sair daqui. — Murmurou aos soluços.



Já se passaram duas semanas e eu não achei Rafaelly em nenhum lugar. Fui à casa dela incansáveis vezes, deixei inúmeras mensagens, ligações e ela simplesmente sumiu do mapa.

Vivianne disse que ela não quis falar o que aconteceu, porém, Rafaelly não dormiu a noite inteira. Chorava e perguntava o porquê de eu ter me transformado em um monstro sem coração, do nada.

— O que houve entre vocês? — Enzo entra no meu quarto me tirando dos meus devaneios.

Ele me perguntou isso durante as duas semanas, mas em nenhum desses outros dias tive paciência para lhe responder.

— Nós brigamos e eu acabei falando que ela era uma interesseira que queria dar um golpe na minha família.

— Porra, Ian, logo você que sempre foi tão centrado e delicado com as palavras?

— Eu estava bêbado e com medo. — Respondi cabisbaixo.

— Mas o que levou você a fazer isso? Por que da briga?

— Eu não quero falar sobre isso Enzo. Só quero minha mulher de volta.

— Ela viajou, irmão.

— Como assim viajou? Viajou para onde e com quem? — Indaguei.

E como Enzo tinha aquela informação, que ninguém mais tinha?

— Viajou com a mãe dela. Quem me contou foi a prima dela. —
Respondeu minha pergunta silenciosa.

— Para onde?

— Ela não quis me dizer. — Deu de ombros. — Só falou que ela estava arrasada e com muito ódio de você.



Passou-se um mês até que eu recebesse uma ligação de Rafaelly dizendo que estava internada em um hospital, em São Paulo, e precisava me ver.

Liguei para minha mãe falando o que estava acontecendo e ela rapidamente comprou minha passagem, a noite já estava embarcando rumo a São Paulo.

Quando cheguei ao hospital e me identifiquei, algumas pessoas me olharam torto e quando me conduziram até o quarto senti um arrepio em minha nuca indicando que não foi um acidente de carro ou algo parecido.

— Eu vim o mais rápido que pude. — Disse, olhando-a com atenção. — Quero me desculpar, e dizer que nós vamos passar por isso juntos. Eu vou fazer o meu melhor para tudo dar certo.

Soltei, ansioso para que ela aceitasse meu perdão. Sentia-me horrível por tudo que disse.

— Não tem mais bebê Ian! Não tem mais nada! — Gritou.

— Como assim? O que houve?

— Eu fiz um aborto. — Disse friamente.

— Você o quê? — Quase desmoronei em uma cadeira a minha frente.

— Eu tirei o bebê e quase morri por isso. — Continuou com seu discurso frio.

— Como... Por que... Há quanto tempo você está internada aqui? —
Perguntei por fim.

— Duas semanas.

— E por que só me ligou só agora?

— Porque eu estava em coma Ian. Porque eu matei uma vida para salvar o nosso relacionamento e quase morri junto. E a culpa é sua!

Suas palavras me atingiram em cheio.

— Não.... Não sou o único culpado. Você matou o nosso filho. —
Acusei.

— Você surtou, disse que eu estava querendo dar o golpe da barriga, que eu não sabia o que era amor. Me desesperei.

— Eu tentei me desculpar, mas você sumiu sem deixar pistas.

— Eu queria mostrar que não tinha a ver com dinheiro, e sim com amor.
— Sua voz saiu trêmula, mas novamente não me compadeci como deveria.

Me sentia culpado, mas não unicamente... Essa situação é terrível.

— E você decidiu isso matando nosso filho?

— Ele não morreu sozinho. Eu também me sinto morta.



Dias atuais

— Então deixa ver se entendi direito.... Você veio até aqui para dizer que Vivi está grávida e quer que eu converse com ela? — Rafaelly me olhava como se eu fosse um fantasma.

— Ela está querendo tirar os bebês. — Me justifiquei.

— São gêmeos? — Indagou boquiaberta.

— Sim!

— Ela vai se odiar pelo resto da vida se fizer isso. E vai odiar outras pessoas também. — Confessou, fazendo meu peito apertar diante da sua frase.

— Eu sei e é por isso estou aqui lhe implorando para ir falar com ela.

— Ninguém nunca soube Ian. — Desconversou. — Eu nunca falei para ninguém o que houve entre a gente naquela época, mas Deus sabe o quanto eu te odiei por me obrigar a fazer aquilo.

— Eu não te obriguei a nada Rafaelly, você sumiu por um mês e meio e decidi tirar o bebê por conta própria. Mas não pense que eu não me culpo até hoje por isso, por ter surtado e te atacado daquela forma.

— Se você não tivesse feito aquilo, nada disso estaria acontecendo, e talvez estivéssemos juntos até hoje criando nosso filho.

— Talvez. — Disse firme, mudando novamente o rumo da conversa. — Você tem a chance de salvar duas vidas agora.

— Isso vai mudar o que Ian?

— Nada. Mas pode ajudar a curar algo que carrega em você.

— Eu irei conversar com ela hoje à noite. — Assentiu. — Mas espero que você esteja ciente da confusão que vai rolar com seu irmão quando ele descobrir.

— Eu estou. — Respondi. — E isso para mim é o de menos, comparado ao medo que estou de ver Vivianne da mesma forma que você ficou quando tirou nosso bebê.

— Foi horrível... Ian.... — Disse de cabeça baixa. — Eu te amava de verdade, como nunca amei ninguém em toda minha vida!

— Eu sei disso Rafaelly, mas acabou no dia em que você tirou aquele bebê.

— Sim. Naquele dia eu passei a te odiar e me odiar por ter feito isso.



Vinte e quatro – Rafaelly

MARCAS DO PASSADO... POR TRÁS DAS TRAIÇÕES

— Não papai, eu amo o Ian e eu não quero fazer parte disso. Ele não é como o pai. Ele é bom, carinhoso e jamais faria algo assim.

— Eu sou seu pai e você tem que me obedecer Rafaelly. Ian Gabriel, Enzo Gabriel e toda a corja deles são farinhas do mesmo saco.

— Eu o amo! — Grita enfurecida.

— Não seja infantil. Você não é uma menininha qualquer, e eu não criei você para amar.

— Eu sinto muito se eu não nasci homem, papai, sendo assim, eu sinto em lhe dizer que sim, eu sou uma menininha e sim, eu estou apaixonada.

— Já chega! Chega dessa palhaçada! Se eu ouvir mais um papinho ridículo sobre amor aqui dentro você vai para fora e não ouse nem pensar em voltar.



Então, por fim, meu pai tinha razão. São todos iguais. Eles não amam, não tem sentimentos por ninguém e agora, assim como minha mãe, eu sou vítima de um Gabriel.

Eu entendo meu pai, entendo a raiva dele pela família de Ian, e sei que ele se sentiu traído quando eu disse que estava apaixonada por Ian. Ele ficou quase um mês sem falar comigo, nem o básico, nem um bom dia e isso foi como um inferno pra mim.

Fosse como fosse, esse homem é meu pai, me criou da forma que desejava criar seu menino, que nunca veio. Então eu me tornei uma menina com mente e agilidade de um menino. Posso ser meiga, linda e carinhosa, mas, assim como uma raposa que espera sempre a melhor hora para atacar sua presa, eu cautelosamente espero minha hora de atacar sem ser notada.

Eu de fato recusei a proposta de meu pai. Jamais faria mal ao homem que amo, mas aí eu vi esse mesmo homem, que tanto amo, me olhar como se eu fosse louca e com aquele olhar praticamente me mandar tirar o nosso filho, o sonho de qualquer mulher. Eu fiquei assustada, claro, era muito nova, mas fiquei feliz também porque era prova do nosso amor. Ian nunca poderia ter feito algo tão ruim comigo.



“Amor, seja lá o que for eu jamais vou ficar com raiva de você por muito tempo, e é claro que vou lhe perdoar.”

Como se tivesse acontecido ontem... Eu me lembro perfeitamente das palavras dele pra mim na noite que falei a ele que estava grávida e no minuto seguinte em que ele disse isso.

Depois de jurar nosso amor, ele simplesmente surtou e disse que eu era louca, que éramos novos demais para isso e, por fim, acabei internada tempo suficiente para aceitar o plano do meu pai.

Foram noites e mais noites de pura dor. Dor essa que me cortava a alma e a carne. Não tinha anestesia, nem antibiótico que parasse aquela dor e corroía ainda mais por ele não estar lá para me apoiar. E então todo aquele amor se transformou em ódio, desprezo...

E agora ele está aqui, bem na minha frente, suplicando para eu salvar um filho que nem dele é. E desde que Ian chegou e começou a me cobrar os porquês eu estou calada, olhando nos olhos da única pessoa que de fato eu amei e me perguntando o porquê ele não tomou essa atitude quando o filho era dele, por que não lutou por mim também.

— Então deixa ver se entendi direito.... Você veio até aqui para dizer que Vivi está grávida e quer que eu converse com ela? — Indaguei, olhando-o como se ele fosse um fantasma.

— Ela está querendo tirar os bebês. — Justificou-se.

— São gêmeos? — Estava estarrecida com a enxurrada de notícias.

— Sim.

— Ela vai se odiar pelo resto da vida se fizer isso. E vai odiar outras pessoas também. — Confessei, fazendo-o saber do que eu estava falando.

— Eu sei. E é por isso estou aqui lhe implorando para ir falar com ela.

— Ninguém nunca soube Ian. — Desconversei. — Eu nunca falei para

ninguém o que houve entre a gente naquela época, mas Deus sabe o quanto eu te odiei por me obrigar a fazer aquilo.

— Eu não te obriguei a nada Rafaelly, você sumiu por um mês e meio e decidi tirar o bebê por conta própria. Mas não pense que eu não me culpo até hoje por isso, por ter surtado e te atacado daquela forma.

— Se você não tivesse feito aquilo, nada disso estaria acontecendo e talvez estivéssemos juntos até hoje criando nosso filho.

— Talvez. — Disse firme, mudando novamente o rumo da conversa. — Você tem a chance de salvar duas vidas agora.

— Isso vai mudar o que Ian?

— Nada. Mas pode ajudar a curar algo que carrega em você.

— Eu irei conversar com ela hoje à noite. — Ele assentiu. — Mas espero que você esteja ciente da confusão que vai rolar com seu irmão quando ele descobrir.

— Eu estou. — Respondeu. — E isso para mim é o de menos, comparado ao medo que estou de ver Vivianne da mesma forma que você ficou quando tirou nosso bebê.

— Foi horrível... Ian.... —Falei cabisbaixa, a tristeza assolando meu peito. — Eu te amava de verdade, como nunca amei ninguém em toda minha vida!

— Eu sei disso Rafaelly, mas acabou no dia em que você tirou aquele bebê.

— Sim. Naquele dia eu passei a te odiar e me odiar por ter feito isso.

Nenhuma palavra mais foi trocada e Ian foi embora.

Eu não estava aguentando mais... Meu Deus, eu não sou tão forte assim. Ainda o amo, não é só ódio, e só agora eu notei isso.



— Posso entrar?

— Meu amor! — Murmurou. — Que surpresa! Eu não sabia que você viria aqui. — Enzo levantou-se, nitidamente desconfortável com a minha chegada sem aviso prévio.

Estavam todos na sala: Ian, em sua poltrona favorita, Vivianne, deitada no sofá com o rosto abatido e lágrimas nos olhos, provavelmente ouvindo sermões dos dois irmãos.

— É bom que estejam todos reunidos, assim fará tudo mais fácil para mim. — Vivianne se sentou em um salto e ficou me olhando atentamente, olhos arregalados, rosto vermelho e respiração ofegante, nervosa assim só pela minha presença.

— Amor?

— Enzo você pode se sentar, por favor? — Interrompi-o. — Eu vim ter uma conversa com Vivianne, a pedido do Ian. — Neste momento todos os rostos pálidos olharam para Ian, mas o olhar de Vivianne tinha algo a mais.... Eu sei disso.

— E o que seria? — Vivianne me perguntou, ainda olhando para Ian, que não tirava os olhos de mim.

— Ian foi me procurar e me falou que você está grávida e estava pensando em tirar os bebês.

— Eu não estou pensando, eu já me decidi e eu não vejo o que você tem a ver com isso. — Disse visivelmente irritada.

— Acontece que eu já passei por isso e o Ian sabe o quanto foi doloroso e avassalador para nós dois depois que eu tirei nosso filho. — Disse firme, buscando ser forte para falar desse momento da minha vida.

— Vocês o quê? — Enzo e Vivianne perguntaram ao mesmo tempo, ambos com a mesma expressão... Traição, descrença, indignação.

— Eu estava com 18 anos e Rafaelly com 17. — Se explicou, Ian. — Ela me contou sobre a gravidez e eu surtei. Rafaelly ficou arrasada, sumiu por um mês e meio e quase morreu.

— Em São Paulo! — Enzo fala sem encarar ninguém, olhando um ponto

fixo, como se puxasse na memória o acontecido. — Você ligou para mamãe desesperado dizendo que Rafaelly estava internada em São Paulo, disse que ela tinha sofrido um acidente e você tinha que ir para lá, ela te mandou as passagens no mesmo dia à noite.

— Exatamente. — Ian confirma tristemente.

— Por que você nunca me contou isso? — Enzo pergunta, finalmente encarando o irmão.

— Porque eu matei o meu filho. — Confessa. — E eu nunca vou me perdoar por isso. Eu sinto vergonha de mim.

— Eu não sei o que dizer. — Agora foi a vez de Vivianne enfim se manifestar.

— Eu só vim porque sei o que você está pensando, mas, mais do que isso, eu sei o que você vai passar depois de concretizar o seu pensamento. É uma vida Vivi, são duas vidas que você irá tirar, e depois irá perceber que foram três ou mais vidas tiradas. A sua, a das pessoas a sua volta e a dos bebês. — Discursei com um nó na garganta.

— Eu... Eu.... Sinto muito por vocês. Eu posso imaginar a dor e o peso que vocês dois carregaram sem poder ou querer dividir com ninguém. — Retrucou, visivelmente tocada.

— Por experiência própria, e um pedido de uma pessoa que se arrepende amargamente do que fez, não tira esses bebês Vivi. Mesmo que você não os queira, gere e doe para alguém, mas tenha!

— Eu não sei nem o que dizer. — Concluiu desviando o olhar.

— Só pensa melhor em tudo que disse. Veja em meus olhos a dor que ainda assola minha alma e então mudará de ideia. — Um minuto inteiro de silencio se deu. Vivianne olhava em meus olhos, assim como pedi e acabou desviando o olhar em algum momento, visivelmente tocada. Viro-me para Enzo,

que estava em pé ainda estático, me olhando e falo: — Enzo, podemos conversar?

— Não, nós não podemos, e se você já terminou, pode se retirar. — Disse bravo.

— Claro, eu te entendo. — Assenti. — Quando estiver pronto para conversar, me ligue. — Falei, antes de me retirar.

Cheguei ao meu apartamento e me sentia esgotada emocionalmente, mas parece que meu dia de emoções não estava para se findar. Uma visita ilustre estava esparramada no meu sofá, com um sorriso satisfeito nos lábios.

— Então essa é a hora para um novo ataque! — Disse eufórico. — Imagina o quanto Ian ia ficar abalado se a bonequinha de porcelana da família sofresse um acidente e perdesse esses pirralhos?

— Você é louco ou o que? — Grito furiosa. — Eu fui lá pedir para ela desistir de tirar os filhos. Você acha mesmo que eu iria provocar um acidente para matar duas crianças?

— Para de graça, Rafaelly, são fetos, ainda nem se formaram. Mas não tem problema se você não quer sujar as mãos, eu arrumo alguém para isso.



Vinte e cinco – Rafaelly

Quem disse que a vida não machuca é porque nunca apanhou dela o suficiente para ver quão sádica ela pode ser. Ou mesmo as pessoas a fazem assim.

Sai da casa de Ian, e fui ao meu lugar seguro pensar sobre tudo isso. Reviver aquele dia é sempre algo muito doloroso, e eu não faço ideia mesmo de atos simples, como respirar, quando as lembranças me vêm à mente.

Eu não poderia deixar Vivianne cometer o mesmo erro, e de alguma forma eu sabia que indo lá e conversando com ela para desistir de tirar seus bebês, eu estaria me redimindo comigo mesmo sobre tudo.

Depois de horas refletindo sobre tudo isso, minha mãe me liga desesperada, me mandando ir até a casa dela. Peguei meu carro e saí a toda velocidade, completamente em desespero, pois ela nunca me liga, a não ser que seja algo muito sério.

— Mãe? O que houve? — Entro na casa, já gritando.

Meus olhos se deparam com uma casa totalmente revirada e Henrique, seu novo namorado, esticado no sofá todo machucado.

— Seu pai descobriu. — Diz aos prantos. — Ele quase matou o Henrique de tanto bater.

— Meu pai? — Franco o cenho. — Meu pai bateu nele ou mandou alguém fazer o trabalho sujo?

— Não, Rafaelly. — Grita em desespero. — Seu pai veio aqui pessoalmente para bater no Henrique. Ele veio até aqui me ameaçar, e disse que se continuássemos juntos ele mataria a nós dois.

— Oh meu Deus... Mamãe, eu sinto muito. — Murmurei, aproximando-me para abraçá-la. — Papai está se arriscando muito. Ele não pode simplesmente sair da toca.

— Não, você não sente nada. — Retruca me afastando. — Você é tão bandida quanto ele, é tão desprezível quanto o miserável do seu pai. — Grita, me deixando perplexa. — Acha que não sei o que você está fazendo com o coitado o Ian? E tudo por quê? Porque seu pai nunca aceitou ser traído com Otávio, porque ele nunca aceitou o fato de que sempre fui apaixonada pelo pai do garoto que você tanto amou. E, agora por egoísmo, e insensatez do maldito do teu pai, você está fazendo tudo isso com aqueles meninos, cujo único erro que cometeram foi amar você.

— Chega! — A interrompo. — Você sabe muito bem o porquê estou fazendo tudo isso. Não tem nada ver com essa troca de infidelidade de vocês!

— Mentira! — Se aproxima, segurando meus braços e me sacudindo. — Acorda minha filha.... Acorda, ou será tarde demais. Seu pai manipulou você. Ian nunca mandou você tirar aquele bebê, ele se apavorou quando soube que iria ser pai aos 18 anos. Ele nunca mandou você tirar, mas você achou melhor e mais fácil culpar o garoto pela merda que você fez.

“Você matou tudo de bom que havia naquele menino. Matou ele, assim como matou seu filho. Você não passa de uma assassina, igualzinho o cretino do seu pai. Eu odeio vocês dois! Sai da minha casa, agora.” — Gritou, me fazendo sobressaltar.

Eu não sinto meus pés, não consigo me mover. Ela está louca! Eu.... Eu não sou como meu pai. Só estou vingando meu filho.

— Mãe?

— Não me chama de mãe! Eu não tenho filhos. Me recuso a admitir que pari um monstro! Me recuso a acreditar que criei você para compactuar com as loucuras do seu pai.

Minha mãe fechou a porta na minha cara, deixando-me na rua, completamente desolada. Minha própria mãe me odeia, o único homem que amei de verdade, me odeia, eu não tenho amigos, não tenho mais ninguém.

— Rafaelly? — Ouço uma voa familiar.

— Lucas? — Reconheço ao erguer a cabeça.

— O que aconteceu com você?

— Eu não sei.... Eu não sei o que aconteceu comigo...

— Ei, vem, levanta daí! — Lucas estendeu sua mão para me ajudar a levantar do chão. — Quer que eu te leve para casa?

— Não! Por favor. — Peço aos soluços.

— Quer ir para minha casa e contar o que aconteceu?

— Você faria isso? — Enxuguei o rosto. — Me levaria para sua casa e me ouviria mesmo depois de tudo que estou fazendo com você e seu irmão?

— Rafa, nós somos inimigos hoje, mas já fomos amigos um dia. E até mesmo entre inimigos existe algo chamado respeito. Você é uma menina ainda, que tipo de homem seria eu se te pisasse agora?

No caminho para a casa de Lucas o silêncio dominou o carro, e a única coisa que se ouvia eram os soluços incontroláveis que saiam de minha boca.

Quando chegamos, eu relatei tudo o que aconteceu para Lucas, desde a traição da minha mãe com o pai de Ian, até o aborto, e por fim o lastimável dia que tive hoje. Lucas não disse uma palavra, ele apenas ficou ali parado me observando e absorvendo cada relato, até que em algum ponto da história ele se levantou, andou até mim e me pôs sentada ao seu lado enquanto eu terminava a história. Vez ou outra ele bufava com puro e nítido ódio, e sempre sem cessar suas mãos acariciando meus cabelos.

— Uma pequena grande mulher. — Concluiu quando me calei. — A vida não foi fácil para você, não é? — Eu meneei a cabeça. — Sinto muito por tudo isso, sinto mais ainda por você ter sido tão manipulada pelo seu pai e pelas circunstâncias, mas eu sinto dizer que sua mãe tem razão, sinto dizer que apesar das ofensas ela está certa! — Continuou após uma breve pausa. — Ian Gabriel

nunca mandou você tirar aquele bebê, e eu posso te garantir que ele jamais mandaria. Você se desesperou pelo desespero dele, e cometeu o maior erro da sua vida, e infelizmente seu pai se aproveitou disso.

— Por favor, me perdoa? Por tudo, pelas ameaças, pelo seu irmão. — Peço chorando.

— De mim e do meu irmão cuido eu. E agora, apesar de tudo, eu entendo você. Manipulavelmente fodida. O que você vai fazer agora que as escamas caíram dos seus olhos?

— Eu não sei...

— Sabe sim! Conta à verdade para todo mundo. Apensar de o Enzo ser um babaca, ele merece a verdade. O Ian mais ainda. E em relação a sua mãe, dê um tempo a ela.

— Eu não posso! — Nego veementemente. — Eles irão me matar, Ian e Enzo vão me odiar, e meu pai...

— Rafa, eu tenho certeza que Ian, apesar de tudo, vai te ajudar com seu pai. Ele aprecia a verdade, e a sua verdade é cruel. Ele vai te apoiar, e eu também vou. Só faça a coisa certa. — Lucas conclui.

— Você vai ficar ao meu lado? Mesmo com tudo isso que fiz? — Pergunto temerosa.

— Todos erram Rafaelly, seus erros foram uma merda de grandes, mas você está arrependida, não está?

— Eu não sei...

— Neste caso, acho melhor você ir antes que o assassino da história seja eu.

— É sério? Você quer que eu vá?

— Não, Rafa! Você só está confusa, mas tenho certeza que você já caiu na real, e só precisa de uma força pra tomar a decisão certa. E força não me falta,

olha! — Ele diz mostrando os braços musculosos, me arrancando um risinho.

— Obrigada, Lucas.

— De nada. — Sorriu amplamente. — Só me avise caso você não tenha mudado de ideia, e seja sincera. Se isso acontecer voltaremos a ser amigos e eu juro não usar isso contra você!

— Seu bobo!

— Vamos. Você precisa dormir um pouco e de manhã vemos o que será feito.



Vinte e seis – Lucas

Faz pouco mais de uma hora que Rafaelly pegou no sono e a única coisa que consigo pensar é que está na hora de acabar com tudo isso.

Eu tenho duas opções, ou eu a convenço a contar a verdade de qualquer forma ou eu mesmo conto. Ela já está fodida mesmo.

Posso tentar chegar à mãe dela, para tornar tudo mais fácil. No fundo Rafaelly não passa de uma menina carente e facilmente manipulável.



— O que você está fazendo acordado a essa hora da manhã? — Parei para checar meu relógio de pulso e percebi que nem sequer preguei o olho e já eram cinco da manhã.

— Nem vi a hora passar. — Murmurei uma resposta.

Rafaelly ficou muda, me encarando, e por fim falou um pouco chocada:

— Você não dormiu? Ficou aí a noite toda?

— Sim, resolvi velar seu sono. — Dou de ombros. — Você teve alguns pesadelos.

— Ah! — Solto encabulada. — Isso são consequências de uma vida atribulada. De vez em quando acontece. A única coisa que não acontece comigo é perder o sono e passar uma noite em claro, não importa o quão fodida eu esteja, e meu pai sempre me diz que isso irá me matar um dia.

— Por que dormir quando está cansada te levaria a morte?

Ela pensou por uns minutos e então respondeu com um sorriso óbvio nos lábios:

— Ora, você poderia facilmente ter me matado enquanto eu dormia. — Concluiu tranquilamente.

— Por certo eu teria, mas eu gosto de ouvir o som do desespero da pessoa, e a única coisa que ouvi de você foram os roncos. Então eu brochei. — Brinco, amenizando o clima.

— Maldito! Eu não ronco, idiota, sou uma dama. — Sua expressão de ultraje me levou as gargalhadas.

Um instante de silêncio nos rodeou até ela falar:

— Será que posso tomar banho?

— Claro. — Afirmiei apontando-lhe o banheiro. — Tem pentes, sabonete líquido e uma escova de dente ainda na embalagem dentro do armário. Fique à vontade.

— Obrigada. — Sorriu agradecida.

Enquanto Rafaelly fazia sua higiene matinal fui preparar o café da manhã para nós dois. Aguardei-a descer, o que aconteceu poucos minutos depois de eu acabar de preparar tudo.

— Hum... — Murmurou invadindo a cozinha. — O café da manhã está cheirando muito bem.

— Agora pode ficar tomando seu café da manhã a vontade, que irei tomar banho.

— Eu vou te esperar porque odeio tomar café da manhã sozinha.

— Não vou demorar.

Encontrei Rafaelly sentada à mesa, mexendo despreocupadamente em uma fruteira disposta em cima da mesa.

— Posso saber por que não toma café sozinha?

— Quando não vou para casa da minha mãe, peço a Ruth que se sente comigo e tomamos café juntas.

— Nossa... Parece bem solitário. — Anuí. — Você está mais para uma

pessoa solitária do que pra uma bandida cheia de si. — Silêncio, mãos trêmulas, sorriso triste de sua parte. — Desculpa, era para ser uma brincadeira.

— Eu te entendo perfeitamente. — Se ergueu abruptamente. — Acho melhor ir embora.

— Relaxa, Rafa. — Tranquilizei-a — Vamos conversar um pouco e depois eu te deixo no seu apartamento. Agora vamos tomar café logo. — Ela assentiu.

Depois de tomarmos café, Rafaelly me ajudou a lavar e arrumar e guardar toda a louça. Quando fiz menção em levá-la para casa, a mesma pediu mais um tempo no meu apartamento, dizendo não estar pronta.

— Ele vai me matar. — Comentou durante uma pausa do filme que assistíamos.

— Seu pai? — Indaguei confuso.

— Sim. Não só ele, mas Enzo, Ian e até a Vivianne. — Riu um tanto debochada. — Sabe, às vezes eu tenho inveja dela. Linda, inteligente, compreensiva, não existe uma pessoa que a conheça que não se apaixone por ela. Mesmo com tudo de ruim que ela viveu nunca se tornou amargurada, pelo contrário, é como um anjo. É assim que Enzo e Ian a chamam desde pequena, e de fato ela deve ser mesmo.

— Eu tenho certeza que todos eles, incluindo a Vivianne, irão te perdoar.

— Eu acredito que ela sim, mas Enzo e Ian são mais complicados. O Ian mudou muito.

— Ele teve os motivos dele. — Esclareci o óbvio.

— Eu causei os motivos. — Culpou-se. — Eu pessoalmente causei a *pane* no carro dele.

Assenti, nada impressionado. Eu sabia dos erros grotescos de Rafaelly, que inclusive poderiam ter acabado em uma tragédia ainda maior. Mas não

consigo ver apenas seu lado negro. Preciso que ela venha para meu lado, para que possa livrar todos desse jogo doentio.

— Eu vou te ajudar, prometo.

— Eu não vou ver a ira deles contra mim, Lucas. — Concluiu. — Eu não vou sobreviver ao meu pai.

— Não fala assim! — Digo impaciente. — O que você acha de fugir por um tempo? Eu conheço um lugar que seu pai, mesmo que lhe ache, não ousaria entrar para te pegar. Você pode ficar lá até ter certeza do que quer. Quando você estiver pronta levo Ian, Enzo e Vivianne pra te ver, e você esclarece tudo com eles.

— É o lugar onde seu irmão estava escondido?

— Sim. — Digo hesitante.

— Nossa, meu pai surtou por não poder pegá-lo.

— Você topa?

— Quando nós vamos? — Sorri, satisfeito por sua resposta.

— Hoje, se você quiser.

— Eu tenho que fazer uma coisa antes, e preciso que você entregue para mim.

— O quê?

— Vou escrever uma carta para o Ian. Eu sei que ele merece mais que isso, mas é o que posso oferecer no momento. E além do mais, meu pai desconfia que ele já saiba de alguma coisa.

— Eu também já cheguei a acreditar, mas depois achei que era loucura minha.

— Você entregaria para mim?

— Claro! Vou à rua arrumar as coisas para mais tarde e, enquanto isso,

você pode ficar à vontade, escreva a carta e assim que te deixar *lá*, entregarei o que pediu para o Ian.

Levanto-me do sofá, sendo capturado pelos braços de Rafaelly.

— Me perdoa também? Eu fiz mal a todos vocês, e nunca vou poder me redimir o suficiente. — Murmura chorosa.

— Já te perdoei, ou não estaria aqui. — Ela sorriu em meio às lágrimas. — Agora tenho que ir, pois o quanto antes eu for mais cedo volto. Quanto você veste? Preciso comprar roupas para você.

— É sério?

— Claro. — Bufo. — Você que ir em casa para ser pega?

— Sendo assim eu vou te passar o nome de uma loja, lá você vai procurar uma menina chamada Marina e peça para que ela separe roupas para mim. Não terá problema quanto a isso.

— Não é arriscado?

— Não. Ela é muito discreta. — Assenti.

Saio de casa indo direto resolver a pequena viagem que faremos nesta madrugada. Quando essa parte estava acertada, rumei para a loja onde Rafaelly indicou, saindo de lá com as roupas necessárias.

Quando voltei para casa Rafaelly estava dormindo no sofá, com rosto bem vermelho, e encolhida como uma criança indefesa. Seu corpo ainda estava sobre o efeito da suposta crise de choro que julgo que ela teve.



São três da manhã quando chegamos no esconderijo onde manterei Rafaelly por um mês.

Como ela me pediu, a carta que escreveu pra Ian está no carro e assim que sair daqui, passarei na casa dele para entregar.

Quando a deixo no esconderijo, sob os cuidados certos, me pergunto: O

que leva um pai a fazer isso com a filha? Ela não teve muitas opções e machucou a única pessoa que de fato ela amou e sem dúvidas foi amada, destruiu uma família e automaticamente destruiu a si mesma. Tudo por uma manipulação doente de um homem ambicioso.



Vinte e sete – Ian Gabriel

Já faz um mês que Rafaelly desapareceu do mapa, deixando apenas uma carta ridícula explicando tudo o que aconteceu comigo todos esses anos. Desde o acidente, que descaradamente ela confessou ter executado pessoalmente, até os últimos acontecimentos onde Lucas provocou a briga de Enzo e Vivianne.

Depois da confissão dela sobre o nosso filho, o clima aqui em casa pesou bastante. Enzo não fala direito comigo. Vivi, por mais que ele esteja se esforçando, não quer falar com Enzo. E eu, bem, quando não estou em meu quarto, fico no escritório, assim como era antes.

Ontem Lucas me ligou dizendo que viria até aqui nos pegar para irmos conversar com Rafaelly sobre tudo. A ideia era ela vir até aqui depois de um mês de seu sumiço, mas parece que as coisas se agravaram e ela não pôde sair de onde está.

— Para onde estamos indo mesmo? — Perguntou Enzo dentro do carro com uma cara nada amigável.

Preferi não lhe contar a verdade. Ele vem em um processo de negação muito forte. E o sumiço de Rafaelly só tem contribuído.

— Ver uma pessoa. — Respondi sem dar muita trela.

— E eu posso saber que pessoa é essa? E o porquê o Lucas estar nos levando? — Retrucou desconfiado.

— Enzo, eu estou enjoada e com dor de cabeça, você pode, por favor, calar a boca e esperar para ver o que vai dar? — Pediu impaciente.

Vivi sabe exatamente para onde estávamos indo e que meu irmão se calaria com o pedido dela. Posso até me arriscar em dizer que ela está gostando desse poder que obteve sobre Enzo desde que descobriu a gravidez.

— Chegamos. — Disse Lucas depois de duas longas horas de viagem.

— Ela me pediu para que entre um de cada vez. — Anunciou. — A primeira a entrar será Vivianne, depois Você Ian e por último Enzo.

— Mas que porra é essa? Um confessionário? Quem quer falar com a gente e por quê?

— Rafaelly, Enzo! Quem está esperando por vocês é Rafaelly. — Lucas respondeu irritado.

Silêncio. Eu vi pânico, tristeza e raiva passar nos olhos do meu irmão. Ele trincou o maxilar e Vivianne segurou sua mão vendo nele o mesmo que eu via. Desespero.

— Eu estou aqui. — Vivi disse. — Todos nós estamos. Precisa dar um jeito nisso tudo, Enzo. Por mais que você tenha errado, nós amamos você e vamos apoiá-lo.

— Eu te amo! — Enzo disse rápido, com certo desespero na voz.

— O que? — Vivianne indagou incrédula.

— Eu demorei a perceber. — Confessou de cabeça baixa. — Mas eu te amo! Eu quero ser o pai dos seus filhos, quero ser o homem que vai fazer você a mulher, a mãe, mais feliz do mundo. Eu vou me esforçar todos os dias para isso acontecer. Só, por favor, fica comigo. Me dá mais uma chance, e essa será a última vez que me verá pedindo desculpas, porque jamais voltarei a errar com você.

Silêncio.

Lágrimas.

Arrependimento.

Dor.

Amor.

Amor.

Perdão.

Amor.

Todos esses sentimentos pareciam pairar no ar em nossa volta. Eu sabia que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde. O Enzo só precisava abrir os olhos e amadurecer e aqui está o resultado.

— Eu sonhei tanto com você me dizendo essas coisas. — Disse aos prantos. — Sonhei tanto com o dia que você enxergaria o quanto eu posso te fazer feliz. Eu te amo tanto que, que chega a doer!

Ele caiu de joelhos aos pés dela, agarrando-se a suas pernas:

— Casa comigo? — Bradou, me fazendo arregalar os olhos. — Vivianne, eu estou te pedindo em casamento. Quero ser seu marido e pai dos seus filhos. Casa comigo?

— É tudo que eu mais quero Enzo Gabriel. — Conseguiu responder entre soluços.

Enzo se ergueu e tomando Vivianne nos braços, beijou-a langorosamente.

— Desculpa, pessoal. — Interrompi-os. — Estou realmente feliz e emocionado com tudo isso, mas temos que entrar. Esse é o começo do ponto final desse jogo. Vivi você primeiro! — Lucas interrompeu meio sem graça e apontou para a porta que estava fechada um pouco mais a frente.

Ele não parecia feliz com a situação, mas sua expressão não se alterou tão profundamente.



Vivianne

Eu não sentia meu corpo, estava tudo formigando de pura emoção e euforia. Enzo estava ali em minha frente, o homem que amo, o único que amei a minha vida inteira, estava bem ali me pedindo em casamento.

Eu sei que ele está apavorado, meio desesperado, mas não tem como duvidar da sinceridade dele. Os seus olhos me dizem tudo que sempre quis ver. Pela primeira vez eu tenho Enzo inteiramente comigo. E não posso nem começar a descrever a minha felicidade.

— Vivi, precisa entrar logo. — Senti a mão de Lucas em meu braço, e só então eu percebi que eu realmente estava em choque, paralisada encarando o amor da minha vida.

Suspirei, soltando-me dos braços de Enzo com relutância. Seu olhar sobre o meu é de puro amor.

— Vamos.

Lucas me acompanhou até a porta, que estava ainda trancada a nossa frente, e seguimos em um corredor para outra sala onde Rafaelly estava sentada observando as câmeras. Assim que entramos, ela se virou com um pequeno sorriso e disse:

— Meus parabéns futura mamãe e esposa. — Disse sem, aparente, ironia na voz.

— Você viu?

— Vi e ouvi cada palavra, e verdadeiramente fico feliz em saber que por fim Enzo caiu na real.

— E você não se importa? — Indaguei curiosa.

Até ontem eles namoravam!

— Eu não o amo Vivianne. — Confessou. — Nunca amei. Eu aprendi a

gostar dele com o passar dos anos, mas amor... Eu só amei uma pessoa na minha vida, e ela se encontra bem ali. — Rafaelly olhou para a televisão que mostrava Ian e Enzo no corredor que nós estávamos há segundos atrás. — Eu acabei com nossas vidas, mas o amei com tudo que tinha e o odiei por simplesmente amá-lo mais do que a mim mesma. Só agora consegui deixar o véu que cobria meus olhos cair e vi que Ian não teve culpa, ele foi a vítima todo o tempo.

— Eu te entendo em partes. — Digo ainda desconfiada. — E sinto muito mesmo por tudo. Ian me mostrou sua carta. Ele não teve coragem de mostrar para Enzo, então creio que a conversa mais difícil você terá com ele. E de coração, Rafaelly, eu te perdoo. Acho que você é tão vítima quanto nós. E vou te ajudar tanto com Ian quanto com Enzo. Eles merecem ser felizes, merecem a paz.

— Eu não vou pedir para me reconciliar com Ian, Vivi. — Diz tristemente. — Seria pedir muito, mas eu vou me ajoelhar neste chão para que ele me perdoe e eu possa tocar minha vida. Ele merece alguém melhor do que eu.

— O Ian tem um coração bom e ele também te amou muito. Tenho certeza que ele vai te perdoar.

— Deus te ouça! — Estava quase saindo quando Rafaelly me chamou e disse, fazendo-me voltar em sua direção: — Cuide do Enzo, ele merece uma pessoa como você.

— Pode deixar. — Assenti. — E você se cuida também!



Vinte e oito – Ian Gabriel

Eu estava prestes a encarar parte da minha vida. Estava prestes a enfrentar a mulher que amei e odiei com tudo que tenho em mim. E não me pergunte o que sinto nesse momento, pois não saberei explicar.

— Olá. — Ela disse olhando nos meus olhos, assim que entrei na sala.

Olhos azuis brilhantes, lábios trêmulos, cor pálida e mãos apertadas uma na outra. É ela! Foi por essa Rafaelly que me apaixonei quando era apenas um menino entrando na puberdade.

— Estou te ouvindo. — Disse tentando não soar tão ríspido.

— Me perdoa? — Foi a única coisa que saiu dos seus lábios.

— É isso? Só isso que você tem para me dizer depois de ter transformado minha vida em um inferno? — Retruquei irônico.

— Eu tenho tanto para te dizer, Ian. — Murmurou pigarreando para clarear a voz. — Tanto que até me perco, mas nada do que eu tenho a dizer vai adiantar se você não for capaz de me perdoar.

— O amor suporta tudo, perdoa tudo, mas o amor não nos causa amnesia Rafaelly, ele não nos faz esquecer anos de sofrimento e traição.

— Você me ama?

— Sempre amei. Sempre fui idiota o suficiente para isso.

— Por favor... — Rafaelly caiu de joelhos em minha frente. — Por favor, Ian, por favor me perdoa. — Implorou. — Eu te amo tanto! Não estou pedindo para você esquecer tudo e voltar pra mim, mas eu preciso que você me perdoe. Sem isso não conseguirei seguir em frente.

— Levanta! — Ordenei.

— Não! — Gritou aos prantos. — Eu preciso do seu perdão.

— Levanta desse chão, Rafaelly. — Gritei em resposta.

Eu não medi minha força, agachei e puxei-a pelos ombros, colocando-a de pé contra a parede.

— Por favor, Ian! — Pediu agora baixinho. Tinha tanta dor impressa em seus olhos e palavras.

Lá estava ela, a mulher que me encantou. Os seus lábios trêmulos estavam capturando minha atenção, sua respiração ofegante me trazia tantas lembranças. Beijá-la. Eu preciso beijá-la de novo, pela última vez.

As próximas horas foram como mágica, Rafaelly entre a parede e meu corpo. O beijo, profundo, apaixonado, amargurado que trocamos me trouxe de volta à vida. Ela correspondeu da mesma forma, com a mesma intensidade.

Quando dei por mim estávamos nos livrando das roupas freneticamente. Encarando-nos, em um pedindo silencioso de permissão um para o outro.

Sem mais esperar, ela se jogou em meus braços e envolveu suas pernas em minha cintura. A levei para uma mesa que se encontrava encostada em um canto, onde estavam as câmeras de monitoramento. Rafaelly estava tão desesperada por mim quanto eu estava dela.

Não pensamos, apenas sentimos e agimos. E foi perfeito estar dentro dela novamente, aqueles gemidos me deixavam cada vez mais louco, e eu agi como um animal, um primitivo sem piedade. Sem parar para descansar, ou respirar, ou me dar conta de qualquer coisa ao meu redor que não fosse ela e seu corpo. Não foi amor, foi sexo.

Puro sexo.

Bruto.

Selvagem.

Uma despedida.

Estávamos suados e com a respiração ofegante quando me dei conta de que nem camisinha usamos. Rafaelly estava vermelha, ofegante e alheia a esse

detalhe. Havíamos chegados juntos ao clímax, e agora restara o constrangimento para nos deixar desconfortáveis.

—Tenho que ir. — Disse, me separando do seu corpo.

— Você me perdoou? — Sua voz quebrada apertou meu coração.

— Eu já havia te perdoado antes mesmo de você me escrever a carta. — Retruquei sem encará-la.

— Eu te amo!

Fechei os olhos com força, fechando a calça, antes de me virar em sua direção e dizer:

— Eu também, mas o nosso amor não é pra ser vivido, ou melhor, o nosso amor já foi vivido e acabou, não temos continuação. Adeus, Rafaelly.

— Adeus, Ian.

Sai de lá sem olhar para trás. Não queria olhá-la outra vez e correr o risco de ser um idiota e fraquejar.

Enzo me encarou de forma estranha quando saí da sala. Acredito que ele desconfie do que acabou de acontecer, mas estava tenso demais para me dar alguma importância.

— Ela está te esperando. — Disse. Enzo apenas assentiu. — Enzo, escuta tudo que ela tem para te falar, e tenta não reagir da pior maneira.

— O que está acontecendo que todo mundo sabe menos eu? Porque você e a Vivianne estão me falando à mesma coisa? — Perguntou num misto de chateação e ira.

— Vai Enzo e faça o que estamos te pedindo. Qualquer coisa estaremos aqui fora. — Disse Vivianne em um tom doce como sempre.

Mesmo com uma expressão confusa no rosto Enzo se afastou de nós e entrou na sala.

— Você cheira a sexo. — Disse Vivianne me arrancando dos meus devaneios.

— Foi apenas uma despedida. — Respondi vago, não dando chance de outros comentários surgirem.

— Espero que ela não queira se despedir do Enzo também. — Seu tom de voz foi distante. Como se estivesse pensando alto.

Eu não pude conter a gargalhada e ela também não, no fim.



Enzo Gabriel

— Meus parabéns. — Rafaelly disse assim que entrei.

— Não me lembro de hoje ser 9 de agosto. — Retruco irritado. Lhe lançando um olhar fulminante.

— Você sabe do que estou falando, Enzo. Vivianne é uma pessoa incrível e eu tenho certeza que vocês serão muito felizes.

— Porra, é sério isso? — Disse incrédulo. — Quem é você e o que você fez com a minha "*namorada*"? — Frisei as palavras.

— Você não me parece muito fiel ao nosso relacionamento, já que acabou de pedir outra em casamento. — Replicou irônica.

— Você desapareceu, sumiu do mapa sem deixar rastros. — Mudei de assunto.

— Eu deixei mais que um rastro. Deixei com seu irmão uma carta explicando tudo o que aconteceu por todos esses anos, e até onde eu me esconderia.

— Se meu irmão não me falou o que aconteceu durante todos esses anos, você acha mesmo que ele me contaria agora? Não seria sua obrigação fazer isso?

— Sim, é! E é por isso que trouxe vocês aqui. — Disse firme.

— Começa a me explicar por que você me seduziu durante tanto tempo?

— No início eu só achava engraçado você estar apaixonado pela namorada do seu irmão, e depois do que aconteceu com o meu bebê eu decidi fazer por vingança. Meu pensamento era que o Ian tinha que pagar pela morte do meu filho. Mas tinha algo muito maior do que tudo isso por trás das minhas dores.

— O que? — Incentivei-a.

— Meu pai e o ódio que ele tem pela sua família. — Explicou. — Desde

que ele soube que estudaríamos na mesma escola, ele conversou comigo sobre o quanto sua família era desprezível, e as coisas não ficaram muito boas quando papai descobriu que eu estava apaixonada por Ian. Ele sempre me disse que não me criou para amar ninguém e que eu deveria ser como ele, isenta de sentimentos, mas ele não era. Meu pai ama minha mãe e não soube lidar com a traição dela e do seu pai.

— Como assim? Que traição?

— Seu pai e minha mãe tiveram um caso e juntos denunciaram meu pai, por isso ele foge até hoje. Eles armaram para ele.

— Porra, eu não sabia de nada! — Murmuro bestificado. — Que merda garota, então você usou meu irmão e eu para poder vingar o babaca chifrudo do teu pai?

— Não, Enzo. — Apressou-se em dizer. — Eu amo seu irmão, mas a dor e a má influência do meu pai me cegaram. Meu pai me manipulou, eu usei você, mas isso não é a pior das coisas que fiz com você e sua família.

— O que é pior então?

Neste momento Lucas entra na sala com o rosto pálido, alertando que estão tentando invadir o lugar. Ao lado dele está seu irmão, que até então estava escondido da polícia há uns meses.

Rafaelly muda de postura e então o irmão de Lucas se apressa com tudo.

— Diz logo para ele que você causou tudo Rafaelly. Desde os encontros escondidos, até o acidente do Ian.

— Você o que? — Grito.

— Lucas, tira esse idiota daqui!

— Ela sabotou o carro do seu irmão, seduziu você, fez questão de torturar seu irmão com fotos de vocês dois juntos. — Diz tudo. E cada palavra me atinge como um tiro. — Seu irmão sabia do relacionamento e de traição de

vocês dois desde o princípio, ela fez com que ele visse vocês dois juntos na festa de aniversário dele, porque assim pareceria que ele apenas tinha perdido o controle da direção, mas na verdade ela causou um pane no carro.

— Eu vou te matar, sua desgraçada.

— Calma, Enzo. Por favor, se acalma e me deixa explicar. — Pede, afastando-se de mim.

— Porra nenhuma, eu vou acabar com você!

Avanço em sua direção, perdendo o controle ao segurá-la pelo pescoço.

— Enzo não vale a pena. Deixe-a ir. — Lucas surge do quinto dos infernos para tentar me impedir de matar essa infeliz. Puxando-me.

— Enzo... — Murmura sem ar.

Quando estava quase a sufocando, ouvi um barulho ensurdecedor e logo senti uma dor absurda, perdi as forças e cai no chão. Eu havia levado um tiro.



Vinte e nove – Rafaelly

Eu não sei dizer o que aconteceu. Só sei que quando consegui abrir os olhos eu estava suja com o sangue de Enzo e ele estava no chão, não sei se vivo ou morto, mas ele não se mexia.

A sala se encheu de homens do meu pai, um me puxou pelo cabelo me afastando, outro agarrou Lucas.

Então o inesperado aconteceu, seu irmão passou a ditar ordens, evidenciando que era ele quem estava no comando de tudo.

Tiago nunca foi a vítima. Meu pai nunca o perseguiu. Aliás, faz anos que ele trabalha para o meu pai. E eu só pude confirmar isso quando cheguei aqui e comecei a ligar os pontos, mas não tive coragem de contar para Lucas. O olhar dele de incredulidade chegava a doer mais do que o aperto em meu corco cabeludo.

— Eu vou matar você seu desgraçado. Arrisquei a minha vida por você, Tiago. — Lucas gritava em desespero para o irmão. Ele estava furioso.

E então entraram Vivianne e Ian, também sendo carregados por capangas do meu pai. Ian estava desacordado e Vivianne parecia um pouco tonta, mas quando viu o corpo de Enzo sangrando no chão, ela acordou e começou bater no capanga até ele soltá-la. Vivi se jogou sobre o corpo de Enzo.

— Eles mataram... — Soluçou em choque. — Enzo, Enzo, por favor, amor acorda. Acorda, por favor... — Vivianne implorou desesperada.



Ian Gabriel

Passaram-se alguns minutos quando começamos a ouvir vozes masculinas vindo da entrada principal do galpão. Lucas começou a se desesperar dizendo que os capangas do pai de Rafaelly estavam invadindo o local.

Eu tentei fazer com que Vivianne corresse para se esconder, mas ela se recusou e, em questão de segundos, o local estava repleto de homens armados. Por instinto Lucas e eu ainda tentamos lutar, mesmo sem a menor chance de vencer. Em dado momento da luta, senti uma dor forte na nuca e cai quase que sem sentido até ver tudo apagar, ainda pude ouvir o grito de Vivianne, e ver o irmão de Lucas se aproximando.

Não sei por quanto tempo fiquei desacordado, mas quando recobrei a consciência desejei mais que nunca estar morto.

Vivianne estava abraçada ao corpo de Enzo, eu estava entre o corpo dele e o de Lucas, que também estava desacordado no chão ao lado de Rafaelly, que chorava tentando acalmar Vivianne.

Uma confusão de corpos, choros e gritos, mas não havia nenhum dos homens que invadiram o local. Estávamos sozinhos, só que meu irmão era o único que sangrava no momento.

Lucas estava acordando e se pôs em pé em um pulo, meio atordoado, até que pareceu pôr a mente em ordem e se sentou chorando e chamando pelo irmão.

— Foi você, não foi? Você sabia dele o tempo todo, sua maldita desgraçada. — Lucas partiu para cima de Rafaelly e a suspendeu no ar pelo pescoço.

Ela se debatia e gritava alegando não saber de nada.

Tentei me levantar, e então ouvi um disparo, seguido de muitos outros.

Sangue, dor e gritos...



Foram encontrados gravemente feridos nesta tarde os jovens Ian Gabriel, Enzo Gabriel e Lucas Simões, em um galpão no interior da cidade. Informações divulgadas relatam que, por motivos de ciúmes, o atual namorado de Rafaelly, filha de um dos maiores mafiosos do Brasil, Enzo Gabriel planejou esse massacre. Porém, ainda se encontram desaparecidas as jovens Rafaelly e Vivianne Azevedo que, segundo informações, se encontra grávida de três meses. A polícia não confirmou essa versão dos fatos.



“Dor... Muita dor... O que houve?”

Tiros... Gritos... Sangue...

Eu preciso abrir os olhos. Nossa que cheiro de... Hospital....

Eu estou no hospital! E os outros? Enzo... Enzo estava perdendo muito sangue.

Merda de subconsciente que não me ajuda em porra nenhuma. Acorda Ian, porra, acorda!”

— Este é o jovem Ian. O mesmo que sofreu aquele acidente de carro e ficou anos na cadeira de rodas. Foi um paciente bem difícil de lidar. — Soou uma voz desconhecida.

— Pobrezinho, mal acabou de se recuperar e já veio outra dessas. — Ouvi outra voz, dessa vez pertencente a uma mulher.

— Sim, pouco mais de quatro meses. — O homem suspirou. — A bala atravessou bem perto da coluna dele, Cindy, e bem próximo de onde foi a lesão de anos atrás. Algumas costelas fraturadas e luxações nos punhos.

— Uma tremenda falta de sorte.

— Sim Cindy. Foi uma luta e tanto a desses rapazes. Eu só queria saber a

verdade dos fatos, mas nenhum dos três está em condições de falar.

"Três? Como assim três?"

— Lucas e Enzo estão piores que ele? Eu ainda não tive tempo de vê-los.

— Lucas levou três tiros, mas dois foram de raspão e o outro foi na perna. Teve também uma pancada forte na cabeça. Dos três, quem se encontra pior é o Enzo. Eu temo que ele não sobreviva.

"Não... Você não tem que temer nada, seu infeliz, você tem que salvar meu irmão."

— Ele perdeu muito sangue?

— Fala do Enzo?

— Sim, o que descarta totalmente a versão que está sendo divulgada nos jornais! Enzo não causou tudo isso. Ele foi o primeiro a levar o tiro, e a julgar o estado dos dois rapazes, ele nem sequer chegou a brigar. O tiro foi dado enquanto ele ainda estava de costas, e se passaram muitas horas até que os outros chegassem ao mesmo estado que ele.

— Deus conforte a família deles, — A mulher suspirou. — Porque é muita desgraça para uma família só.

— Sabe o que mais me preocupa, Cindy? Eu tenho certeza que eles não estavam sozinhos! Vivianne e talvez até a própria Rafaelly, que era namorada de Enzo estavam no local. E tenho quase certeza disso!

"Elas estavam! E por que ninguém as viu? Será que conseguiram fugir?"

Não.... Fugir não! Elas não fugiriam. E com os últimos tiros não tinham para onde fugir."

— Qual sua teoria para o que aconteceu com elas, doutor?

— Eu não sei Cindy. Mas isso está de fato me preocupando. Vivianne está grávida de gêmeos, e é uma gravidez de risco, e o pai de Rafaelly não é a

melhor pessoa do mundo.

— Ele não está morto?

— Vamos deixar esse assunto de lado. Precisamos verificar outros pacientes. Vamos!

"Não... Enzo... Meu Deus, por favor, me ajuda a acordar, eu preciso ver meu irmão e achar as garotas... Acorda, Ian... Acorda."



Trinta – Ian Gabriel

Já se passaram cinco meses. Cinco malditos meses sem notícias de Rafaelly e Vivianne.

A cada dia que passa eu tento me convencer que Rafaelly não está por trás de tudo isso para se vingar de mim. E se ela matou Vivianne, ou se simplesmente está esperando a hora certa para pegar as crianças, que já estão perto de nascer?

Meu Deus, eu passei tempo demais inconsciente. Talvez se eu tivesse acordado antes, teria achado elas. Tarde demais, no entanto.

— Está quase chegando o momento. — Lucas entra em meu escritório, interrompendo um dos meus muitos momentos de culpa. — Vivianne logo dará à luz!

— Eu sei! — Bufo irritado. — Você acha que a Rafaelly está por trás disso tudo, para se vingar de mim?

— Não Ian. Eu realmente não acho. — Replicou, sentando-se em uma cadeira à minha frente.

Parecia abatido e cansado. Assim como eu deveria estar parecendo agora. A culpa me corrói a cada instante. Não deveria ter enfiado Vivianne nessa história doente.

— Eu confesso que também já pensei nesta possibilidade. — Continuou sua explicação. — Mas então eu me lembro dos últimos momentos que passamos juntos, e vem à certeza de que Rafaelly é só mais uma vítima, assim como a Vivi.

— Nós vamos achá-las. — Digo firme, me erguendo da cadeira.

— Claro que vamos. — Confirma um tanto hesitante. — Alguma novidade sobre o Enzo?

— Continua na mesma. Ele não reage a nada. — Digo triste. Enzo não tem reagido a nenhum tipo de tratamento. O que tem nos enlouquecido. — Ele perdeu muito sangue, e a pancada na cabeça foi forte, porém ainda não entendem porque ele não desperta.

— Eu sinto muito. — Murmura solidário.

— Ele vai sair dessa, meu irmão é forte.

Eu me convenço disso todos os dias.

— Vou em busca de novas pistas. — Diz, levantando-se apressadamente.
— Eu sinto que estou deixando passar algo, Ian. E deve ser essa peça que falta para montarmos esse quebra-cabeça.



— As achei! — Estava olhando para o nada, sentado na sala da minha casa, quando Lucas entra gritando.

— O que? — Balbucio letárgico.

— Levanta! Vamos buscar as garotas. — Sua resposta chega aos meus ouvidos me causando um choque.

— Porra, Lucas, não brinca assim comigo. Onde estão?

— No subterrâneo.

— E você demorou quatro malditos meses para descobrir isso?

— Não estiveram lá por todo esse tempo. Agora vamos antes que mudem de endereço novamente.



Rafaelly

— Você está bem? — Pergunto a Vivianne, olhando-a com preocupação.

Não estávamos em boas condições. Não dormíamos bem, nem nos alimentávamos direito. E ela estava grávida de gêmeos. É um milagre que esses bebês estejam crescendo em sua barriga.

— Não. Há quando tempo você acha que estamos presas aqui? — Sussurrou.

— Pelas minhas contas uns três meses, talvez um pouco mais.

— Eu vou ter meus filhos aqui, Rafaelly. Eu vou dar á luz nesse lugar podre. Como posso garantir que eles sobrevivam a isso?

— Nós vamos dar um jeito Vivi. — Segurei forte em sua mão. — Nós vamos sair daqui, ou irão nos encontrar.

— Como? Nós já tentamos de tudo e eles sempre nos pegam. Eu não aguento mais ver você apanhar, eu não posso mais me ariscar, não posso correr, nem pular muros.

— Eles não vão mais me bater Vivianne. — Garanti. — Depois da última surra, meu pai se compadeceu de mim, e disse para me conterem de outra forma. Não queria mais nenhum arranhão em nós.

— Seu pai não é uma pessoa confiável.

Nesse momento a porta se abre, interrompendo nosso diálogo. Assustamo-nos, dando um pulo para trás. Vivianne protegeu a barriga e eu assumi a frente para protegê-la.

— Vim trazer notícias. — A voz debochada e odiosa de Tiago anuncia.

O irmão de Lucas me dá ânsia de vômito, cada vez que o vejo se aproximando.

— O queridinho da América já acordou há alguns dias. — Ri da sua

piada ridícula. — Mas o bonitão chifrudo não aguentou o tiro que levou...

Nada. Eu não vejo nada. Minha visão fica turva, e uma dor insuportável atravessa minha espinha. Eu fiz isso com eles. Eu destruí suas vidas.

— Enzo... — Ouço o sussurrar débil de Vivianne, e a amparo a tempo de ela cair desmaiada.

— Chama o médico, seu idiota. Ela desacordada não pode contribuir para o nascimento. — Grito, aflita.

Vejo líquido escorrendo por entre as pernas de Vivianne e entro em desespero.

— Ela está acordando, manda essa idiota fazer força. — Diz indiferente.

— Vivianne, se concentra, por favor.... — Peço, tentando acordá-la definitivamente. — Sua bolsa estourou. Seus bebês vão nascer, anjo, vão nascer logo.

— Não, não! Eu não quero. Não sem o Enzo!

— Não tem jeito Vivianne, precisa encarar isso e salvar seus filhos.

— Não. — Grita, em meio a uma careta de dor. — Eu não posso... — Sua mão aperta a minha e ela grunhe. — Ah, droga, está doendo. Doendo muito!



Várias horas se passaram, não sei precisar exatamente quantas. Vivianne agora está deitada no canto menos sujo, sob alguns lençóis. Está pálida e exausta.

Não sai do seu lado de forma alguma, incitando-a a fazer força. Mas os bebês não nascem, e Tiago, que entra aqui a cada trinta minutos, parece cada vez mais impaciente. Temo por Vivianne e essas crianças.

E estou com a porra das mãos atadas.

— Faz força Vivi. Por favor, faz força. — Peço, alisando sua barriga.

Estou usando qualquer artifício.

A porta se abre novamente e Tiago entra. Nos observa na mesma posição.

— Faz uma cesariana. — Solta, jogando em minha direção alguns materiais, que caem ao meu lado.

— O que? — Indago incrédula.

— Está surda? Corta ela e tira as crianças malditas. — Grita.

Vivianne geme, incapaz de fazer mais que isso.

— Você está louco? Eu não sou médica. Não sei fazer isso, e não temos as coisas necessárias!

— Temos sim. — Ele aponta para o pacote. — Há um bisturi, gases, álcool, tesoura e água naquele balde.

— E ela, seu imbecil? Irá morrer de hemorragia ou infecção se fizermos isso.

— Ela não me interessa. Você sabe que só queremos as crianças.

— Não. Eu não vou fazer isso.

— Se você não fizer, faço eu.

— Eu vou morrer... Tá doendo. Doendo muito. Enzo, você me prometeu.
— Vivi diz em uma voz débil.

— Ele já era, meu bem, e agora vou te fazer um favor e deixar você encontra-lo no inferno!

Fui arremessada para o outro lado da sala, batendo com a cabeça fortemente na parede, e essa é a última coisa que me lembro.



Ian Gabriel

Poucas coisas me abalam nesta vida, mas esta cena me causou ânsia.

Rafaelly estava aos prantos sobre o corpo de Vivi, cujo a barriga estava cortada e sangrando muito. Ambas estavam pálidas e completamente negligenciadas.

Rafaelly correu em minha direção, assim que me viu. Ainda paralisado e atônito. Ela me abraçou, e então começou a gritar dizendo, entre soluços, que haviam levado os bebês.

Os bebês.... Eles nasceram.... Foram levados.

Muitas informações para processar e pouco tempo para agir.

A Ambulância que chamamos antes de chegar aqui logo chegou e levou o corpo de Vivi. Assim que a ambulância saiu ouvimos vozes e tiros vindos em nossa direção, e logo avistamos o irmão de Lucas correndo, tentando nos acertar.

Entramos no carro, e Lucas nos levou direto para o hospital. Minha mente revirava as imagens de Vivi com a barriga cortada e sangrando.

— Eu temo em dizer que ela não irá sobreviver, Ian. — Um médico apareceu para nos manter informados. Logo após ela ser levada para a sala de cirurgia.

Meneei a cabeça, permitindo que o choro irrompesse com força. Eu estava destruído.

— O senhor tem que salvá-la. Pelo amor Deus. — Imploro, sendo amparado por Rafaelly, que também chora copiosamente.

— Eu sinto muito, Ian, mas estamos fazendo o nosso melhor.

— Então faça mais! — Grito. — Porque eu quero sair daqui com meu irmão e Vivianne vivos.

Ele sabiamente não diz nada, troca algumas palavras com Lucas, que é o

mais calma de todos, e sai pelo corredor, nos deixando aflitos.

Se passaram mais ou menos seis horas desde que o médico voltou para sala onde Vivi estava sendo operada.

Nesse meio tempo fui umas três vezes até o quarto de Enzo. Os enfermeiros disseram que ele estava com os batimentos cardíacos muito acelerados, e que aquilo poderia causar uma parada cardíaca, caso não conseguissem estabilizá-lo.

— Se ela não conseguir ele vai desistir! — Murmuro, debruçado sobre uma cadeira.

— Tente se manter mais calmo, Ian.

— Lucas, eu conheço meu irmão. Se Vivianne não resistir a isso tudo, ele vai parar de lutar para viver.

Um silêncio recai sobre nós, sendo quebrado por uma voz desconhecida:

— Senhor Ian Gabriel?

Eu respeitei fundo, seguindo o conselho de Lucas para me manter mais calmo.

— Eu sinto muito, Ian! Sinto muito mesmo. Mas nós fizemos de tudo, eu não tenho um jeito fácil de dizer isso, mas seu irmão teve uma parada cardíaca no mesmo minuto em que Vivianne faleceu.

— Não... Não... Volta lá para dentro e faça a merda do seu trabalho! Volta lá e salva a vida deles! — Grito, segurando o médico pelos braços.

— Ian, solta ele! Solta ele! — Lucas me afasta do médico. — Ele não tem culpa, Ian. Eu sinto muito, eu sinto muito. — Ele me abraça forte.

E dali posso ver Rafaelly ajoelhada no meio do corredor, chorando, em completo desalento.

Mortos. As duas pessoas mais importantes da minha vida acabam de

morrer.



Trinta e um – Enzo Gabriel

Somos todos frutos de uma escolha e eu escolhi você!

Eu não sei dizer o que está acontecendo, nem onde estou exatamente, mas eu vejo meu corpo. Vejo Ian chorar e Lucas chorar junto com ele, tentando consolá-lo. A questão é consolar de que? Será que aconteceu alguma coisa com as meninas?

Não, Não. Eu não estou no meu corpo, então não foi com as meninas, e sim comigo! Eu morri. Mas como?

— Nós morremos?

— Vivi? Meu anjo.

Eu não espero por uma reação dela, e nem lhe dou a resposta para sua pergunta, apenas a abraço. Abraço tão forte como se não houvesse amanhã. E a julgar pelo nosso estado atual, eu creio que provavelmente não haverá. Talvez Deus exista e talvez tenha dado essa oportunidade para uma despedida.

— Nós morremos não foi? — Volta a indagar.

— Acho que sim.

— Olha para ele, Enzo. O Ian está sofrendo tanto, ele não merece sofrer assim.

Observei meu irmão por um instante, parecia inconsolável, e aquilo me partiu o coração.

— Amor. — Voltei minha atenção para Vivianne. — O que houve com você?

— Eu já me lembro de tudo, vou te mostrar. — Respondeu com um sorriso plácido no rosto.

Eu segui a mulher da minha vida, essa que por muito tempo eu rejeitei. Ela é literalmente um anjo agora...

Mas eu não quero isso. Não! A quero como um anjo real, quero poder tocá-la, beijá-la e amá-la, e assim recuperar tudo que perdemos.

— Espera. — Disse puxando-a pelo braço. — Eu não quero ver! Nós temos que dar um jeito de voltar para nossos corpos.

— Como, Enzo? Isso não é um filme! Nós morremos.

— Eu sei que não, mas de alguma forma sei que podemos fazer isso. Temos que ao menos tentar. Eu preciso amar você! Eu preciso ter você na minha vida como minha mulher, e essa amor que pulsa em mim tem que ser forte o suficiente.

Não sei explicar como, mas ambos tomamos direções diferentes, cada um para seu respectivo corpo, mas ainda assim nos olhávamos atentamente, sem perder nem um detalhe.

Não haviam paredes, nem pessoas, havia somente uma grande sala extremamente branca e nossos corpos injusta e indevidamente separados, mas foi neste momento em que paramos de frente para nossos corpos e nos olhamos que eu finalmente cai na real e vi que aquilo era Deus nos dando imerecidamente uma nova chance.

— Juntos! — Eu disse.

— Juntos. — Ela repetiu.

E então um milagre aconteceu.



Ian Gabriel

— Eu já vi muitos milagres, Ian. Já vi pessoas serem cursadas sem explicações, mas eu nunca havia presenciado algo assim. — O médico relatou abismado

Ninguém sabia explicar o que havia acontecido. Nem eu mesmo conseguia entender como, mais uma vez a história deu esse giro, mas havia acontecido. Deus se enternecera da nossa triste história, e decidiu dar um novo amanhecer para todos.

— Eles não morreram, então? — Indaguei atônito.

— Ian, seu irmão e Vivianne morreram no mesmo instante, nem um segundo a mais e nem um segundo a menos. Exatamente as 14:00h, a cerca de meia hora atrás. Mas, mas quando ainda estávamos realizando os procedimentos de desmontagem da sala e anotações sobre o óbito, o coração deles simplesmente voltou a bater.

— Isso é impossível. — Meneei a cabeça.

Os médicos devem ter errado, enganado os dois erroneamente.

— Eu acredito no Deus do impossível, Ian. E se eu fosse você a partir de hoje passaria a acreditar também. — Lucas complementou.

— Eu quero vê-los. — Decretei.

Ainda incrédulo por toda aquela situação. Só acreditaria quando colocasse os olhos em Ian e Vivi, e os visse falantes.

— Seu irmão está acordado. Você pode vê-lo sim, mas Vivi ainda está muito frágil, então vamos deixá-la longe de visitas nesse momento.

Quase cai de joelhos diante da figura do meu irmão. Ele realmente estava vivo, e sorrindo para mim.

Eu não sabia o que falar, nem como agir, simplesmente me deixei levar

pelas emoções e cai em um pranto inconsolável.

— Eu estou aqui irmão. — Sua voz soou trêmula e rouca.

Ouvir sua voz me causou um arrepio e me fez perder toda e qualquer força que ainda existia em mim. E aqui estou eu, um homem de quase dois metros de altura, ajoelhado no chão de um quarto de hospital, chorando de soluçar.

De repente sinto uma mão em meu ombro, e vejo duas pessoas se ajoelharem perto de mim, era Lucas e minha mãe.

Minha mãe, Deus como eu a magoei por todos esses anos amorfos que vivi. Como ela sofreu por nós.

— Me perdoa mãe. Me perdoa?

— Eu te amo meu filho! Eu amo vocês dois, e me orgulho tanto de vocês.



Enzo nos abraçou e conversou rapidamente, antes de alguns remédios fazerem efeito e ele pegar no sono. Quando voltou a despertar sua primeira pergunta foi:

— Como ela está?

— Está se recuperando, Enzo. — Acalmei-o com um sorriso. — A Vivi vai ficar bem.

— Eu sei que vai. — Assentiu debilmente. — Foi por isso que voltei.

— Você é um cretino miserável. — Bufe. — E se você morresse mesmo eu te mataria!

— É, eu vi que sim. — Desdenhou. — Estava aí chorando como uma mocinha.

— Babaca. — Retruquei entre risos.

— Eu te amo irmão. Ouvi quando você disse que me perdoava por tudo, e vi você pedindo perdão também. — Assenti, os olhos fixos nos do meu irmão. — Mas não tenho de que te perdoar. Você sempre me protegeu, mesmo quando lhe traí.

— Ah, que bom que acordou amor — Mamãe nos interrompeu, entrando no quarto.

— Vem mãe, senta aqui com a gente! Temos muito que explicar para a senhora.

— Não filho.... Faz uns meses que recebi uma visita que me esclareceu tudo e é por isso que me orgulho ainda mais dos meus meninos.

— Nós te amamos mãe!



Algumas horas mais tarde

A visita para o quarto de Vivianne foi liberada. Ela havia acordado, feito alguns exames e estava muito bem. Enzo quase arrancou todos os aparatos dos braços e saiu correndo quando soube, mas foi impedido por mim, que prometi que viria correndo saber como ela estava e voltaria para lhe contar.

— Como você está anjo? — Vivi sorriu fracamente, segurando a mão que estendi em sua direção.

— Como se tivessem me retalhado igualzinho um pedaço de alcatra. — Eu ri do seu humor bem colocado.

— Picanha, de primeira, na minha opinião. — Ela riu fracamente.

— Besta.

Um olhar triste, uma lágrima, outra lágrima e então veio o dilúvio. Vivi desmoronou em um instante. Quando sua mão pousou no ventre, logo soube o porquê daquela torrente.

— Eu vou achá-los, Vivianne. Eu prometo!

— Eu nem cheguei a ver o rostinho deles, Ian. Eu nem sequer os ouvi chorando. Eles disseram que Enzo havia morrido e então eu não quis mais viver, eu não os teria em um mundo onde Enzo não estaria.

— Isso soou bem egoísta já que você teria a mim, Lucas, minha mãe e até mesmo a Rafaelly. Você iria nos privar de algo esplêndido.

— Me desculpe, eu não pensei em vocês... — Murmurou cabisbaixa.

— Eu prometo, juro por tudo nesta vida, que eu vou achá-los e trazê-los de volta para você.

— Vou rezar muito para isso.

— Eu te amo, sabe disso.

— Também te amo Ian.



Sai do hospital naquela tarde, após ter tranquilizado Enzo, em busca de notícias sobre Rafaelly.

— Pode entrar Ian. — Murmurou quando chamei. — Como eles estão?

Observei por um instante seu semblante triste e abatido. Ela parecia outra mulher depois de tudo que aconteceu.

— Estão bem. — Um instante de silêncio recaiu sobre nós. — Rafa, eu... eu quero que me desculpe por tê-la acusado de ser cúmplice dos seu pai.

— Não deixo de ser a culpada por tudo isso, Ian. Infelizmente.

— Você foi vítima também. — Me apressei em retrucar. — Vivi me falou o quanto você sofreu por tentar defendê-la.

— Foi de fato dias ruins e bem dolorosos.

— Eu sinto muito por isso também.



Passaram-se três dias até encontrarmos os bebês.

Foi mais uma luta com tiros e mortes, mas desta vez não foi nenhum de nós. O pai de Rafaelly foi finalmente preso, porém acabou sendo esquartejado na prisão, o irmão de Lucas está internado no hospital da marinha, esperando o julgamento final. Vivi e Enzo estão em minha casa por um tempo, já que minha mãe está cuidando dos bebês, Rafaelly está no apartamento de Lucas por um tempo, e eu... Bem, eu redefini minha vida, e a cada dia tenho ponderado mais o amanhecer que me espera.



Trinta e dois – Rafaelly

3 ANOS APÓS O SEQUESTRO

Passaram-se três anos. Foram tempos difíceis esses em que tive que neutralizar meu amor por Ian para dar lugar ao ódio e a vingança, e não tem um dia sequer que eu não me arrependa de todo mal que causei aquela família.

Hoje os filhos de Vivi completam 3 anos. Os dias que ficamos presas no cativeiro serviu para nos unir de alguma forma. Independente de tudo que fiz contra eles, Vivi e eu nos tornamos não só amigas, mas também comadres, já que fui chamada para ser madrinha dos gêmeos Antony Gabriel e Gabriellen junto com Ian.

Eles estão a cada dia mais lindos e eu cada dia mais apaixonada. Lucas e eu infelizmente tentamos nos relacionar, mas não demos certo. Ele me deixou em seu apartamento e se mudou para Florianópolis, onde seus pais moram. E pelo que me contou, encontrou uma menina incrível e agora está muito feliz. Ele é um cara incrível e tem toda a minha torcida, no ano e meio que passamos juntos descobri o quão maravilhoso ele é, só que infelizmente havia algo em nós dois que não se encaixava, e eu sei exatamente o que é.

Nesses anos vi Ian Gabriel muitas vezes. Temos um bom relacionamento. Ele está namorando uma garota que, para variar, eu não suporto. E cada vez que os vejo juntos a suporto menos ainda. Vivi diz que é ciúmes porque ainda o amo. Talvez seja apenas porque sei que ele merece algo bem melhor do que aquela garota insuportável.

Neste momento a campainha toca, me tirando dos meus devaneios, e quando eu abro lá está ele. O sonho de consumo de qualquer mulher, lindo e sorrindo para mim. Como eu sinto falta desse sorriso. O sonho que se tornou o meu pesadelo agora está aqui. Como Ian ainda perturba tanto minha mente não sei explicar.

— Não vai me convidar para entrar, Barbie? — Diz brincalhão.

— O que está fazendo aqui, Ian?

— Nossa, além de mal-educada e grosseira ficou demente é? Esqueceu que marcamos de comprar os presentes dos nossos afilhados juntos? — Soltou com ar de irritabilidade.

A presença dele não me incomodava, muito pelo contrário, o problema é que me instigava e me deixava inquieta.

— Esqueci completamente.

— Percebi! Vai me deixar entrar ou não? — Ergueu a sobrancelha inquisidoramente. — Você costuma ir de roupão fazer compras?

Meu Deus, esqueci completamente que estava com esse roupão ridículo... Bufe, caminhando depressa para o quarto.

— Droga!

— Sem problemas, pode ir se arrumar eu espero, não tem pressa.

— Fique à vontade. Se quiser alguma coisa pode pegar.

— O que eu quero eu realmente não posso pegar então.... Vá e se arrume para sairmos.

Ian vez e outra joga essas frases que me fazem pensar: Será que ele ainda me ama? Será que um dia talvez ele realmente me perdoe por tudo que fiz cada um deles passar, e volte a ser como era quando nos conhecemos?



— Estou pronta. — Anuncio assim que volto à sala.

— Isso tudo é para comprar o presente do seu afilhado ou você se arrumou assim para me impressionar? — Indaga com um olhar pesado sobre

minhas pernas nuas.

Com certeza foi para impressioná-lo. Decido entrar no seu joguinho e ver até onde isso nos levará, afinal eu não tenho mais nada a perder.

— Os dois.... Basta saber se funcionou na parte de impressionar. — Dou de ombros. Ele sorri, prendendo o lábio inferior entre os dentes.

— Você sempre impressiona. O problema que nem sempre é de uma forma agradável.

Faço uma careta diante da sua resposta. E lá se vai minha pitada de esperança...

— Vamos Ian. Daqui a pouco tenho hora marcada no salão, quero estar impecável no aniversário dos meus bebês. — Mudo o rumo da conversa.

— Nossos...

— Que seja!

Estamos rodando há horas, procurando algo que agrade a nós dois e até agora nada. Já entramos em quinze lojas diferentes e nada do que eu goste agrada o gostosão, e vice-versa.

Presentear bebês que tem de tudo também não colabora muito.

— Tive uma ideia! — Disse Ian, em um sobressalto que me assustou.

— Qual?

— Quando éramos pequenos, Enzo, Vivi e eu tínhamos um esconderijo, algo só nosso...

— A casa na árvore — Completei sorridente.

— Ainda bem que o loiro nunca afetou seus neurônios. — Brinca, me fazendo revirar os olhos. — Então podemos dar isso a eles. O que acha?

— Uma casa na árvore? Para duas crianças de 3 anos?

— É, Rafaelly! E para sua informação, quando ganhei minha casa na

árvore eu tinha 2 anos e Ian tinha meses. Quando ele fez 4 anos nosso pai reformou e passou a ser minha e dele.

— Eu não acho uma boa ideia...

— E qual é a sua ideia então?

— Acho que são muito novos e estabanados para uma casa na árvore. Eu havia visto na internet um castelo de princesas enorme, e para menino um carro conversível lindo.

— Vamos procurar um lugar para comer alguma coisa e entramos neste site, se for bom mesmo compramos e vamos buscar o quanto antes.

— Tudo bem. Estou mesmo precisando comer.

Depois de um tempo pesquisando o lugar mais próximo para pegar o castelo e o carro para as crianças achamos um que ficava há três horas do local onde estávamos, decidimos ir. Minha unha e cabelos esperariam.

Ian não ficou cem por cento satisfeito com a ideia ‘fútil’ dos brinquedos, mas acabou aceitando meus argumentos.

Na loja ainda tivemos uma pequena discussão sobre exageros, e acabamos saindo de lá com o castelo, uma penteadeira, um conversível e uma coleção de aviões.

A volta para casa foi cheia de conversas e risadas, e ele até citou uma coisa que me deixou pensativa e triste: Imagine se fôssemos pais? Comprariamos aquela loja inteira.

E eu imaginei... E doeu.



Trinta e três – Ian Gabriel

UM ANO APÓS O SEQUESTRO

— Posso lhe fazer uma pergunta Gabriel? — Diz a morena com quem estou deitado em minha cama.

Tive muitas mulheres depois de colocar minha vida no eixo, mas por insistência de Vivi, e dessa linda mulher aqui, eu decidi aposentar a vida de mulherengo. Porém nada de compromisso sério, temos uma relação de sexo e diversão juntos, algo fixo, mas não rotulei como namoro, embora ela insista.

— Claro, Ellen, pode perguntar!

— Você ainda a ama? — Indagou sem citar nomes.

— Amo a quem? — Retruquei.

— Rafaelly. — Ela me fitou profundamente. — Você ainda a ama? É por isso que você não se entrega por completo a outra pessoa?

— Não sei aonde você quer chegar com essa pergunta, mas se eu fosse você pararia no meio do caminho. — Murmurei irritado. — Isso se não quiser ir embora.

— Precisa ser tão grosso? O que custa você responder?

— Está legal, sai! — Grunhi.

— O que? — Balbuciou perplexa.

— Sai! Eu estou pedindo para você sair e ir para sua casa!

— Você está louco? Está me expulsando é isso mesmo?

— Não. Expulsar é uma palavra muito forte. Estou lhe convidando a se retirar, já que avisei antes de você prolongar o assunto que o melhor seria cessá-lo. Essa não é a primeira vez que insiste no assunto. E, na boa Ellen, eu odeio ficar repetindo a mesma coisa. Você não é mais criança!

— Mas que inferno Ian! — Vociferou. — Que palhaçada. Eu não vou sair! Você não pode fazer isso comigo.

— Porra, Ellen! Já que você não quer ir e eu odiaria ser mais grosso do que estou sendo, quem vai sair sou eu. — Me ergui, arrumando as roupas.

— Ian. Ian! Volta aqui! — Gritou, seguindo meus passos pela casa.

Assim que olhei para trás vi que Vivianne também me seguia. E lá se vai minha tarde de sossego.

— Eu juro que esse espírito de Enzo não combina com você — Vivi acusou.

— Agora não Vivianne. — Interrompi-a em um grito.

— Não ouse falar alto comigo! Você sabe muito bem o que tem que fazer, então vira homem e faça!

Simplesmente continuei minha caminhada até o carro, entrando no mesmo e saindo dali.

Essas pequenas discussões entre Vivi e eu estão ficando frequentes. Ela quer que eu ponha um ponto final na minha história com Ellen e volte com Rafaelly. Mas as coisas não podem ser da forma que ela quer. É minha vida em jogo.

Eu me pergunto todos os dias se é isso que quero, se é o que me falta. Rafaelly ainda está com Lucas, mas é óbvio que não estão bem, que não se amam. Será que ainda pode existir um nós?



— Posso entrar?

— Claro Ian, a casa é sua, irmão.

— Não Enzo, a casa é nossa. — Corrigi-o. — Eu vim aqui porque precisamos tratar de um assunto delicado.

— Que assunto? Sente-se! — Pediu educadamente.

Sentei-me, me acomodando confortavelmente.

— Conversei com Vivianne e ela...

— Nem termine. — Me interrompeu. — Eu só tenho uma coisa a dizer a vocês, se qualquer um dos dois, eu disse qualquer um de vocês dois, forem atrás dessa história, eu nunca mais olharei na cara de vocês. Não importa se ela é minha mulher e você é meu irmão, porque seria uma puta de uma traição vocês fazerem isso comigo!

— Pode ficar calmo e baixar a sua bola. — Retruquei impaciente. — Vivianne tem o total direito de querer saber do paradeiro do pai dos filhos dela, Enzo.

— Por que? Ela não está feliz comigo? Eu não estou sendo suficiente? Não sou um bom pai? — Emendou as perguntas, parecendo aflito com a situação.

— Para de drama Enzo Gabriel. A questão não é essa. Ela simplesmente não quer deixar algo em aberto, isso não significa que a Vivi vá querer que o cara assuma as crianças. Para de ser inseguro.

— Se ela for atrás desse cara, não precisa voltar. E ele vai ter que assumir sim ela e as crianças! Agora se você me der licença, eu tenho umas coisas para resolver!

— Merda nenhuma! Cresce, irmão! Você vai perder a mulher que ama por uma infantilidade, novamente?

— Tudo bem Ian. — Suspirou. — Como eu disse, a casa é sua, e já que você não quer sair, eu saio!

E lá se foi um babaca que não sabe dar valor a mulher e a vida que tem. Eu não sei a quem Enzo puxou tanta arrogância e infantilidade, porque a nossos pais não foi.



— Posso entrar?

Antes mesmo de me virar, já sabia de quem se tratava. Essa voz acaba comigo.

— Boa noite Rafaelly. Que surpresa! — Murmuro sorridente.

— Por que a surpresa, Ian? — Ela sorri em resposta, caminhando até mim daquele jeito sensual todo dela.

— Porque achei que estivesse viajando com Lucas.

— Eu iria, mas houve uma mudança de última hora nos planos, e decidi ficar.

— Entendo! Bem, todo mundo saiu, mas creio que não irão demorar. Você quer comer ou beber alguma coisa?

— Não quero atrapalhar Ian, pode ficar à vontade, eu espero aqui na sala.

— Não seja boba, eu aprecio companhias de belas mulheres.

— Obrigada pelo elogio, mas...

— Não tem mais! Vou buscar seu vinho doce.

— Nossa, você ainda lembra? — Indaga surpresa.

— Eu sempre compro pensando em você! — Solto, só me dando conta do que disse, após fazê-lo.

Que merda! Por que meu corpo sempre me trai quando estamos sozinhos?

O clima fica pesado e de repente respirar fica quase impossível. Os olhos de Rafaelly, verdes como mar, brilham e me hipnotizam. Tudo aqui cheira a puro desejo. E eu quero agarrá-la bem aqui e agora.

Estávamos completamente envolvidos no momento, nos aproximando

um do outro, guiados unicamente pela paixão. No entanto, somos interrompidos.

— Atrapalho?

Meu sangue gela ao dar de cara com olhos castanhos, pele branca como a neve, cabelos longos, formando lindas cascatas que descem sobre os ombros... Ela é linda. Minha “namorada”, e nesse momento não aparece muito feliz com o que viu.

— Não, Ellen! Entra, só estou fazendo sala para Rafaelly, até que Vivi chegue com as crianças e Enzo.

— Que bom! Eu odiaria atrapalhar alguma coisa. Como vai Rafaelly? — Se dirige a outra mulher com certo tom mordaz.

— Nunca estive melhor. Ian, se não se importar, vou esperar por eles na piscina. Se quiser me fazer companhia, lhe espero lá. — A descarada fala isso piscando em minha direção e sai rebolando aquele quadril perfeito.

Filha da mãe.

Quando me viro estou sendo fuzilado por Ellen.

— Acho melhor eu ir embora! — Grunhe.

— Achei que já havíamos conversado sobre suas crises. Você parece até meu irmão às vezes, infantil e imatura.

— Vai se ferrar, Ian! Vocês estavam quase se comendo aqui! Se eu demoro mais um pouco encontraria vocês se beijando.

— Você tem razão!

— Como?

— É melhor você ir...

— Você fala tanto do seu irmão, mas ficou igual a ele. Um babaca cego e idiota. Não vê o quanto eu te amo, não vê o quanto ela te faz mal, não vê nada... Adeus Ian Gabriel.



Trinta e quatro – Lucas

TRÊS MESES APÓS O SEQUESTRO

— *Por favor pai não faz isso... Pai eu juro que nunca mais olho para ele, mas me deixa ir para casa. Eu não amo pai, porque eu não sou fraca e amor é para os fracos.*

— *Eu vou te torturar Ian, vou te torturar até você não aguentar mais e quando você estiver morto eu irei ao seu enterro para rir de você e da sua família perfeita e patética.*

— Rafaelly, Rafa acorda! — Sacudi seu corpo, ansioso para acordá-la daquele sono perturbado.

— Eu vou matar ele papai. Eu juro que vou! — Gritou se debatendo. — Eu não sou fraca.

— Ei... Calma — Lhe trouxe para meus braços. — Sou eu, Lucas, estou aqui... Foi só outro pesadelo. Fica calma!

— Lucas... — Ela diz em um fio de voz.

Rafaelly tem esses pesadelos toda vez que fecha os olhos. Não importa se é só um cochilo ou o sono da noite, ela sempre é torturada da mesma forma por esses flashes do seu passado tenebroso com o pai, e as coisas que ele a obrigava fazer.

— Lucas... — Ela me chama novamente, me tirando dos meus devaneios. — Por favor, fica comigo e não me deixa dormir.

— Olha Rafa, você não pode ficar assim. — Beijo seus cabelos. — Eu já falei para você procurar um psicólogo. E é isso que faremos amanhã.

— Eu não preciso de um psicólogo, eu só preciso ficar acordada. Isso vai passar!

— Sério? E você pretende nos deixar sem dormir por quanto tempo?

— Já entendi. Me perdoa. — Ela se levanta, mas eu seguro em seu braço impedindo que saia. Questionando-a com penas um olhar. — Me perdoa Lucas, eu irei para minha casa e você pode voltar a dormir. Eu sinto muito mesmo, estou sendo egoísta com você.

— Pode ir parando ou você vai acabar me forçando a ser grosso com você Rafaelly. Senta aqui e vamos ter, pela última vez, essa conversa.

— Eu não quero mais conversar.

— Eu não perguntei o que você quer, disse para você sentar.

E foi nesta noite depois de duas longas horas de conversa, choro e negação, que Rafaelly topou ir ao psicólogo, mas com a condição que eu fique com ela durante todo o tempo de consulta.



Seis meses depois

— Amor você viu meu celular? Amor?

— O que é isso Rafaelly?

— Isso o que?

— Isso. — Levanto uma caixa de remédios com dois baseados e uma seringa.

— Eu... Eu não... — Ela está pálida, tremendo e é óbvio que irá tentar mentir.

— Não minta para mim, não ouse fazer isso! Me responda, você está se drogando?

— Não! Está louco? Eu não... — Ela tenta se aproximar e colocar as mãos em meu rosto, mas eu a impeço.

— Não minta para mim! Ian anda recebendo umas ligações estranhas durante a madrugada. Vivi me disse que faz tempo que você não vai visitar seus

afilhados, relatou que uma vez ela e Enzo viram você dentro de uma boate com umas pessoas barra pesada e quando eles se aproximaram de você, simplesmente correu, não atendeu às ligações e sumiu sem dar notícias por semanas.

— Eu não queria falar com ninguém! Eu não sou obrigada! — Gritou.

— Rafaelly, antes de viajar eu perguntei se você estava bem para ficar sozinha e você me garantiu que sim, e que qualquer coisa que saísse do seu controle você me ligaria ou procuraria por Vivianne.

— Eu estava bem, eu juro que estava!

— E o que mudou?

— Nada! Nada mudou Lucas. Eu continuo uma cadela do mal, e Ian achou uma namorada linda que fez questão de esfregar na minha cara. Tinha que ver como ela me olhava com desprezo. Eu estava tão assustada com o assassinato do meu pai e eu tinha que conversar com alguém, você não podia atender então fui até lá, e eles estavam na piscina. Ian veio falar comigo, me abraçou e eu chorei em seus braços. Ela fingiu me acolher, mas me olhava fixamente, mostrando que eu não era bem-vinda. E foi ali que percebi que eu não merecia estar com vocês. Eu não mereço o perdão de nenhum de vocês, eu não mereço seu amor. Estou pagando pelo que fiz e eu mereço tudo de ruim que me acontecer, e ainda assim será pouco. Eu me odeio tanto Lucas...

— O que? Você está louca? Ouve o que você está dizendo. — Meneei uma negativa. — Todos te perdoaram, todos, sem exceção. Essa tal namorada do Ian provavelmente só estava com ciúmes de você, ela sabe que ele ainda te ama. Nem namorada dele ela é. E o Ian deixou bem claro que não quer compromisso com ninguém, Ellen é só uma pessoa que ele está ficando, como muitas outras.

— Eu não mereço, eu não mereço o perdão, não mereço ser feliz!

— Cala a boca! Porra, garota, eu juro que se você não parar com essa merda eu vou internar você! — Murmuro impaciente.

Eu estou perdendo o controle.

— Você vai o que? — Ela questiona com espanto na voz.

— Eu vou internar você! E você só vai sair de lá quando estiver sã.

— Eu estou sã! Estou muito bem, obrigada!

— Você virou uma viciada! Olha para você... — Aponto em sua direção, a obviedade do que está acontecendo com Rafaelly. — Eu liguei para você todos os dias para saber como você estava e me garantiu que estava bem... Eu deveria ter voltado.

— Por quê? Por pena? Minha mãe me odeia, é uma viciada mal-amada porque meu pai fez questão de matar o homem que ela amava, e eu sou igual a ela. Mataram o meu pai, ele está morto e Deus sabe que esse foi o dia que mais bebi e me droguei para comemorar que o maldito foi para o inferno.

— Meu Deus... Olha para você! Você amava seu pai, não ficou feliz. Você chorou e ficou com medo do sentimento, se escondeu atrás das bebidas e das drogas.

— Para Lucas! Não vem bancar o psicólogo para cima de mim.

— Desde quando?

— O que?

— Quero saber a quanto tempo você está se drogando Rafaelly.

— Não importa!

— Me mostra seus braços.

— Não!

— Se não me mostrar por bem irei ver a força.

Antes que eu possa cumprir minha ameaça ela corre em direção ao banheiro e lá se tranca.

— Rafaelly eu vou arrombar essa porta. — Grito, apunhalando a

madeira. — Sai daí e vamos terminar essa conversa como adultos.

— Vai embora Lucas. Eu não preciso de você!

— Não? Então você precisa de que? De drogas? De bebidas? É isso que você quer? Responde droga! Responde o que você quer!

Meus chutes e socos na porta não fizeram efeito. Os gritos cessam e tudo que posso ouvir é o barulho do seu corpo escorregando pela porta, faço o mesmo.

Rafaelly não me responde mais.

Ficou trancada no banheiro o dia todo chorando, e quando por fim decidi dar sinal de vida, foi para fazer uma grande besteira...

Foi tudo muito rápido, eu estava encostado na porta ouvindo seu choro, quando ela me chamou, pediu perdão e logo depois eu ouvi um disparo. Meu Deus, ela não...

— Rafaelly — Grito desesperado.

Com dois ou três chutes consigo arrombar a porta e, para meu alívio, ela estava abraçada com a arma ao lado da banheira. Eu procurei o ferimento por todo seu corpo, mas ela estava bem, estava inteiramente bem.

— Eu quero me curar Lucas! Quero me curar das dores, da culpa e da solidão. — Murmura em meio ao choro.

— Eu estou aqui meu amor, eu sempre estarei.

No dia seguinte levei Rafaelly em uma das clínicas de recuperação onde ela passou longos meses. Eu a visitava todos os dias e ela estava cada dia melhor e mais bonita. Via a determinação em seus olhos, e quando finalmente recebeu alta estava de fato liberta de seus demônios.

Ninguém soube o que havia acontecido com ela, inventamos uma viagem e, mesmo desconfiado, ninguém nos questionou. Quando ela voltou, fomos ver seus afilhados, e foi como se nada tivesse acontecido. Eles eram uma família

feliz, e nós dois fazíamos parte daquilo.

Rafaelly e eu terminamos um ano depois. Ficamos juntos um ano e meio, e não me arrependo. Ela é uma mulher incrível, forte, mas seu coração nunca foi meu totalmente, apesar do nosso amor ser sincero.

Em uma das minhas viagens para casa de meus pais conheci uma pessoa maravilhosa, e como meu relacionamento com Rafaelly se tornou quase amor de irmãos, abri o jogo com ela. Hoje estou indo morar em Florianópolis com meus pais, e lá vou tentar me aproximar mais de Juliana, e quem sabe começar uma vida com ela.



Trinta e cinco - Vivianne

DOIS ANOS DEPOIS DO SEQUESTRO

— Eu não vou mais brigar com você por causa disso Enzo Gabriel, já falei que é uma necessidade minha e que é importante para mim e, mais uma vez, você está sendo egoísta e está pensando só em você. — Gritei.

— Você não deveria ter aceitado ficar comigo, já que sou uma pessoa tão ruim assim. — Retrucou no mesmo tom elevado.

— Não mistura as coisas, Enzo! Isso não tem nada a ver com o fato de você ser bom ou ruim.

— Pois para mim tem Vivianne, e se você continuar insistindo nisso eu abro mão de tudo e você que fique com o cara que te largou grávida.

— Como é? Para de ser ridículo, você fala como se o “cara” tivesse tido escolha. Ele nem sabe que fiquei grávida, Enzo, ele nem sabe quem eu sou.

— Mais um motivo para você esquecer essa merda, porra!

— Quer parar de gritar. Para de agir como um idiota troglodita e cresce de uma vez. — Sinto meu sangue ferver nas veias.

Enzo parece tão alterado quanto eu.

— Quer saber? Dane-se, eu já falei o que vai acontecer se você insistir em ir atrás deste sujeito.

— Esse sujeito é o pai dos meus filhos. Não há como mudar isso.

Enzo parou. Tudo parou. Eu fiquei sem ar quando olhei em seus olhos e vi um vazio e um ódio quase que palpável.

Enzo se aproximou de mim como um leão se aproxima de sua presa, suas mãos seguraram meus ombros com força e gritou:

— Para mim chega. Foda-se. Pode ficar com o pai dos moleques e me esquece. — Ele fez menção de se retirar, mas chamei-o antes que o fizesse.

Ele sequer deu-se ao trabalho de virar-se em minha direção, mas eu continuei:

— Enzo, se você sair por esta porta será a última vez. — Sentencieei. — Eu não vou lhe perdoar e você nunca mais verá nossos filhos, a escolha é sua.

— Você já fez a escolha Vivianne, quando decidiu ir atrás do pai dos *seus* filhos. — Sua voz perdeu força. — É melhor mesmo que eu vá, assim eu não preciso ver você jogar na minha cara que as únicas coisas que fazem sentido na minha vida não são minhas, que eu não sou nada além de um idiota que assumiu a paternidade de duas crianças cujo a mãe trepou por aí e não sabe quem é o pai verdadeiro.

Então ele se foi.



DUAS SEMANAS DEPOIS

— Tem notícias dele? — Perguntou Ellen, sentada ao meu lado no sofá.

— Nada! Enzo não entra em contato e também não atende minhas ligações, nem as de Ian.

— Eu sinto muito amiga. — Murmurou.

— O que eu faço? As crianças estão sentindo falta dele, chamam por ele o tempo todo. Quando os levei na pediatra e falei sobre a febre e as crises de choro a primeira coisa que ela me perguntou foi se alguém próximo a eles tinha viajado. Eles estão doentes diante da falta do pai.

— Eu sei, mas você o conhece melhor do que ninguém, sabia que o Enzo não iria aceitar isso de querer achar o pai dessas crianças, não é? Agora você vai ter que escolher entre colocar esse estranho na sua vida ou viver em paz com Enzo.

— Eu sei. — Suspirei pesadamente. — E o Ian? — Mudei de assunto.

— Não sei! — Grunhiu. — Tão idiota quando o irmão. Deve estar por aí cheirando alguma calcinha da Rafaelly e chorando o leite derramado.

— Nossa, que horror! Vocês dois ainda não se entenderam?

— Ele não me ama Vivi. Eu fiz de tudo por um ano e meio e ele não me amou nem por um momento. A vida dele é se reprimir por causa daquela piranha maldita.

— Não julgue a Rafa assim! — Defendi minha outra amiga. — Ela sofreu muito e sofre até hoje, então não fale dela assim na minha frente, por favor. Você não conhece a história deles para julgar nenhuma das partes.

— O que eu sei é que ela destruiu um homem incrível, e não sobrou espaço para um conserto, então não me peça para gostar dela.

— Tudo bem, eu te entendo Ellen, mas vamos mudar de assunto para não gerar briga.

— A sua situação com Enzo é complicada. Eu acho que você deveria dar mais um tempo a ele. — Sugeriu solicita. — Peça para que Ian converse com o irmão, talvez ele o faça aceitar a ideia de você procurar o pai das crianças.

— Não é justo.... — Balbuciei cabisbaixa. — Por que ele tem que ser tão cabeça dura e idiota? Eu não acho que com o tempo essa história se torne ainda pior para ele. Enzo simplesmente ficou fora de si com a ideia.

— Enzo é um homem difícil e mimado, Vivianne, e você sabe lidar com ele melhor do que ninguém.

— No momento não sei, duas semanas e ele sequer teve a coragem de dar as caras ao menos para pegar roupas limpas.



Enzo Gabriel

— Você acha justo fazer isso com ela? — Lucas indagou.

Lucas era o único que estava longe da situação e me ouviria antes de me julgar, então depois de duas longas semanas bebendo e me escondendo de sei lá o que, decidi falar com alguém e ele foi o escolhido.

— Porra cara, ela disse que eu não sou o pai daqueles moleques. Logo eu que os amo mais que tudo. Ela não me ama mais. — Digo amargo, lembrando-me de como Vivianne foi fria.

— A garota te ama desde criança, e passou poucas e boas por você. Não seja exagerado.

— Mas hoje ela quer o pai dos filhos, então ela que fique com ele.

— Você é muito cabeça dura. — Meneou uma negativa. — E se fosse ao contrário e uma garota que você saiu apenas uma vez, ou até mesmo Rafaelly, tivesse engravidado de você, por acaso não iria gostar de saber?

— É diferente!

— Diferente por quê?

— Você não está me ajudando Lucas. — Grunhi impaciente.

— Eu sinceramente não tenho um lado, entendi a posição dos dois e meu conselho é que você volte para casa e converse com sua mulher, entre em um acordo e seja feliz.

— Fácil para você falar...



Vivianne

— Enzo? Enzo é você? — Murmurei desesperada.

— Eu te amo tanto garota. É tão ruim ficar longe de você e das crianças.

— Enzo, Enzo meu amor, volta para casa, pelo amor de Deus. Eu quase coloquei detetives atrás de você, estou preocupada.

— Não colocou? — Riu amargo. — Mas para achar o pai dos seus filhos você contratou logo três né?

— Você está bêbado! — Suspirei pesadamente. — Para com isso, vem para casa e vamos conversar.

— Para jogar na minha cara que eu não sou o pai dos moleques? Que eu não mereço dar opinião em relação a procurar o babaca do pai dos seus filhos ou não?

— Por favor, Enzo, me escuta. — Implorei. — Eu não disse que você não pode dar opinião nisso e me perdoa se te ofendi, não foi minha intenção. Você é um pai maravilhoso.

— Se eu fosse tão bom você não estaria procurando outro.

— Enzo vem para casa, esquece isso, por favor. Seu irmão está voltando de viagem amanhã.

— Eu sei! Falei com ele antes de ligar para você. Aliás foi ele quem me convenceu a ligar, disse que seus filhos estão doentes e sentem minha falta.

— Você vem?

— Estou no portão há três horas.



Depois de um banho bem gelado, para curar a bebedeira, Enzo deitou na nossa cama e dormiu.

Não conversamos, não nos beijamos e ele mal me olhou. Entrou, foi até a cozinha, bebeu água, comeu uns salgados que estavam na bancada e subiu.

Vi Gabriellen encolhida na porta, observando o pai ressonar na cama ao meu lado. Ela olhava para Enzo como se estivesse tendo a visão do paraíso. Logo atrás dela veio Antony, com seus olhos brilhantes olhando fixo para onde Enzo estava deitado.

Eles não sabiam se entravam ou simplesmente ficavam ali, parecia que qualquer movimento que eles fizessem Enzo desapareceria. Enzo abriu os olhos lentamente e se virou para porta com a mesma lentidão. Quando seus olhos os encontraram, um sorriso perfeito tomou seu rosto e isso foi o passe livre que eles precisavam... O quarto virou um furacão, eles correram gritando a palavra que mais foi julgada essas semanas: "PAPAI... PAPAI".

Enzo abriu os braços e pegou os dois...

Foi a cena mais linda que já vi entre eles. Eu não sei descrever a emoção entre eles e nem descrever como me sinto por ter causado, mesmo sem intenção, a separação dele. Mas ali algo mudou.... Eu vi isso quando Enzo me olhou com eles pulando em seu colo, seu olhar, apesar de transbordar amor, tinha uma nítida tristeza e pesar.



Trinta e seis – Enzo Gabriel

DOIS ANOS DEPOIS DO SEQUESTRO

Eu estava morto física e emocionalmente, mas quando eu senti meus filhos ali, todo cansaço se foi.

Não sei responder como, mas eu sabia que eles estavam lá me observando e quando abri meus olhos e me virei em direção a porta não consegui evitar sorrir. Era amor, puro e bruto, amor de pai...

No entanto, não era meu sangue que corria nas veias deles, e os olhos de Vivianne acusavam isso enquanto nos observava. Os olhos dela me acusam desde sempre.

Eu me sinto tão incapaz quando olho pra ela e vejo que não sou o suficiente. Não consigo entender, não entra na minha cabeça o porquê procurar por uma pessoa que nem sequer sabe da nossa existência...



— Ele nunca mais os chamou de filhos, nunca mais mencionou a palavra pai, e desde o dia em que voltou está ensinado às crianças a chamá-lo de tio Enzo. Ele tem a coragem de corrigir as crianças quando o chamam de papai. — Silêncio foi o que se seguiu.

Vivianne, Ian e Ellen estavam no escritório conversando. Estava prestes a entrar, mas ouvi-a citar meu nome e decidi somente ouvir.

— Ele não aceita uma conversa sobre isso, Vivianne. Todas as vezes que eu toco no assunto ele me corta. Eu sinto muito! Mas desta vez Enzo está ferido de verdade e não tem nada que possamos fazer, a não ser dar tempo ao tempo.

— Ele está confundindo a cabeça deles Ian. — Disse em um tom triste. — As crianças acostumaram a chamá-lo de papai, e agora estão sendo corrigidos. Isso não é justo. O Enzo nem sequer faz questão de ficar comigo, não

me procura mais.

— O que você quer dizer com isso? — Ian pergunta já ciente da resposta.

— Ele tem outra! É a lógica, quando um homem nos nega por mais de uma vez seguida. — Ellen se intromete.

— Eu não acho que ele tenha. — Ian defende.

— É claro que ele tem Ian. Seu irmão não iria ficar três meses sem sexo.

— Porra, faz três meses que vocês não transam? — Ellen diz dando um pulo do colo do meu irmão, onde estava sentada.

— Não exatamente, até fazemos, mas é tão mecânico, tão frio.

— Eu tenho certeza que Enzo não tem outra pessoa, ele simplesmente está muito magoado, mas vou chamá-lo e terei uma conversa bem séria com ele.



Não demorou muito para o meu irmão conselheiro fosse até mim. O que ele não sabia é que não estava afim de conversa.

— O que está acontecendo, Enzo? Foi direto. — Eu sei que ouviu a conversa entre Ellen, Vivianne e eu.

— Não é o que está acontecendo. A pergunta certa é: O que aconteceu? Mas isso não importa! Não mais.

— Então você ouviu...

— Cada palavra!

— Ótimo. Assim me poupa tempo é saliva e vamos direto ao ponto...

— Você soube da nossa briga não é, na qual eu passei algumas semanas fora há três meses atrás? — Ian assentiu. — Eu fui tentar ajudar uma amiga que estava passando por uma fase difícil, eu acabei juntando meus problemas com os dela e afundamos juntos. O problema é que quando acordamos do nosso

pesadelo de problemas vimos que tínhamos ido longe demais.

— Detalhes, Enzo. Eu quero detalhes e nomes.

— Vou contar:

Três meses atrás

— *Diz o que você quer, Enzo! — A mulher exigiu.*

Rafaelly estava horrível, sua aparência não condiz em nada com a pessoa com quem mantive anos de relacionamento.

— *Quero o que você tem!*

— *Não sei do que você está falando! — Ela diz com os olhos arregalados num tom de vermelho sangue.*

— *Há quanto tempo você está se drogando?*

— *Não sei do que você está falando. — Ela diz um pouco mais alterada agora.*

— *Seja sincera e me diga a verdade antes que eu telefone para o Lucas e conte a ele que você virou uma viciada de merda.*

— *Meu pai foi assassinado, Lucas viajou, minha mãe virou uma viciada e eu só estou seguindo o mesmo caminho. — Ela fala e dá de ombros quando termina.*

— *E Lucas? Porque não conta a ele que está difícil para você? Que não quer ficar sozinha?*

— *Eu sou sozinha, Enzo! — Grita. — Eu fui sozinha minha vida inteira, fui ensinada a ferrar com a vida de outras pessoas e é só isso que eu sei fazer. Lucas merece mais do que isso, ele é um bom homem, Enzo. Ele, você, Ian, eu sinto tanto por vocês, por ter ferrado com tudo, por mais babaca que você seja às vezes, você é uma pessoa incrível e eu sei que você me amou de verdade. Me desculpa!*

— Isso já passou e já nos resolvemos. Você é madrinha dos meus filhos. Acredite, você é melhor do que isso, e se você não contar para o Lucas o que está acontecendo com você, eu vou contar e do meu jeito.

— Você não ousaria... — Ela diz apontando o dedo em meu rosto.

— Você sabe que sim! Vamos, vou levar você para casa.



— Você já pode me beijar se você quiser, porque eu quero, sabe.... Estou com saudades.

— Que porra é essa Rafa? Me solta! — A empurrei.

— Que foi? Você não me ama mais? Encontrou outra pessoa?

— Eu posso estar bêbado, mas não estou maluco. Ao contrário de você que está perdendo a noção.

— Não fala assim, Lucas. Eu gosto tanto de você! Eu fiz fricassê, eu sabia que você ia voltar então eu fiz para você! — Diz em uma voz embolada.

— Ei, Rafaelly! Sou eu Enzo. Lucas não está aqui.

Eu não sei exatamente o que aconteceu. Nós bebemos mais e mais, fumamos um ou dois baseados. E a única certeza que tenho agora é que estamos muito, muito ferrados.

— O que nós fizemos, Enzo? — Essa é a voz de uma viciada que saiu do efeito do álcool e das drogas e se deu conta da grande merda que fizemos.

Rafaelly estava escorada na parede. Ela estava nua, com o rosto vermelho, chorando compulsivamente, e eu estou igualmente nu, tentando me lembrar em qual momento eu perdi o controle dos nossos atos...



Silêncio, silêncio era tudo o que eu ouvia do meu irmão quando acabei de

falar a história que vem me corroendo há três meses. Vi o quanto ele estava decepcionado, vi ele por um momento quebrar, mas foi um breve momento.

— Você é um maldito desgraçado. — Ele disse apontando um dedo para meu rosto. — Seja homem, entre lá e conte a ela. Vivianne merece a verdade!

— Eu não posso, já está ruim o bastante.

— Mas que merda Enzo, quando você vai parar de ser tão inconsequente? A Rafaelly? É sério isso?

— Olha Ian, nós estávamos bêbados, alucinados pelas drogas que ingerimos e acabamos perdendo a noção.

— Ela perder a noção eu entendo, mas e você? Você perdeu mesmo a noção ou queria mesmo aquilo?

— Vai se ferrar Ian! Eu amo a Vivi.

— Ama? Ama mesmo? Então por que você está fazendo tudo isso? Punindo a mulher que você diz amar por um erro seu, punindo seus filhos, duas crianças, porque você é um inconsequente.

— Ela deixou bem claro que eu não sou o pai dos filhos dela. Eles não são meus! — Grito, ainda ferido pela história.

— Você ouviu a conversa. Sabe como ela se sente. Ela ama você, as crianças amam você, então, pelo amor de Deus, cresce e vai resolver seus problemas como homem.

— Nossa, vamos falar de ser homem então? — Solto irônico. — Diz para mim o quão homem você está sendo usando a Ellen como escudo? Porque nós dois sabemos que você ainda ama a Rafaelly, que é com ela que você quer estar, mas ainda assim você fica se escondendo, fica fugindo da sua realidade. A Rafa precisava de ajuda Ian, ela tinha virado uma viciada em drogas e bebidas, estava se acabando, e o que você fez em relação?

— Ela não era minha responsabilidade, tinha namorado.

— Para de ser ridículo! Você sabe muito bem que Lucas estava longe. O pai dela morreu, Ian, e o que você fez? Mandou um cartão postal escroto praticamente dizendo o quanto você estava feliz com a morte do desgraçado.

— Porra, ele acabou com a minha vida, com a nossa vida! Você queria que eu chorasse no túmulo dele junto com ela e dissesse o quanto eu sentia por sua morte? Só que, meu irmão, eu não lamento! Eu mesmo o teria matado se tivesse tido chance.

— Não se trata dele, e sim dela. Porque por mais idiota e desgraçado que eu seja, você ainda sofreria com a minha morte, Vivianne ainda sofreria se eu morresse, mesmo depois de tudo que eu a fiz passar por anos. Então não venha com essa hipocrisia e esse ar de fodão mostrando que você está sempre certo, porque você não está, irmão.



Trinta e sete – Ian Gabriel

DIAS ATUAIS

— Enzo me contou sobre o que aconteceu com vocês dois na época em que ele sumiu de casa quando brigou com a Vivianne. — Disse matreiro. Tentando iniciar uma conversa sem fazê-la desligar na minha cara.

— Nossa você demorou mais tempo do que imaginei para tocar no assunto. Isso já faz muito tempo e infelizmente foi algo que, tanto eu quanto ele, não queríamos, estávamos transtornados.

— Eu sei! Ele me falou, mas ele também me acusou de não tentar te ajudar, o que é uma mentira e o que me leva a acreditar que você não falou para ele sobre nós dois. — Dessa vez soei acusatório.

— Falar o que Ian? — Soltou impaciente. — Que um dos motivos da minha depressão foi porque você me amava e fugia, fazendo questão de me lembrar de que eu era uma cadela miserável, que acabei com sua vida e não merecia uma segunda chance? Que eu traí o Lucas com você enquanto ele viajava?

— Por que não contou a ele que por todos esses anos eu tentei te ajudar e você se negou a receber minha ajuda?

— A sua ajuda parecia mais uma punição. — Sua voz soou trêmula, apesar do esforço para parecer firme. — Eu não queria e, o mais importante, eu não merecia ela.

— Eu te amava! — Disse dois tons mais alto. — Te amei, e talvez ainda ame. Mas você me afastou. Eu até tentei conversar e você me afastou de novo.

— Cala a boca! — Gritou. — Não ouse mais falar isso para mim.

— Eu amo você, porra! Me desculpa se eu passei um tempo fugindo disso e fazendo parecer que eu não me importava, mas você sabe a verdade. Sabe que eu sempre me importei.

— Ian, eu estou dirigindo, não me faça jogar esse carro contra uma parede de concreto.

— Você tem medo de que?

— De nós! De mim! De você! Eu não sei! — Murmurou em meio a um suspiro pesado. — Só acho que você não deveria me amar.

— Eu sempre amei, mesmo quando você estava me torturando, ainda assim te amava.

— Eu fui um pedaço do inferno para você.

— Minha diaba, eu diria.

Um instante de silêncio se deu. Nesse momento diria que estávamos ponderando, pesando os prós e contras. Porra, queria ver como ela estava agora. Começava a acreditar que essa conversa teria surtido mais efeito frente a frente, mas não tive coragem para tanto.

— E a Ellen? — Indagou temerosa.

— A Ellen sabe a verdade. Eu nunca a amei, ela sempre forçou um relacionamento, mas eu nunca a fui à frente.

— Eu quero te contar uma coisa. Só tenta não ficar chateado.

— Fala logo, Rafaelly.

Senti um medo terrível de ser algo que impusesse ainda mais distância entre nós.

— Não nos envolve diretamente... — Após uma pausa ela enfim disse: — Eu sei quem é o pai dos nossos afilhados, e ele estará na festa de hoje.

— O que? — Indaguei incrédulo.

— Ele vai Ian, e tenho medo que essa festa se torne uma arena de guerra porque Diogo não é nada, nada diferente de Enzo. O temperamento é o mesmo, se eu não os conhecesse diria que são irmãos.

— Mas como? Como você o conhece, e por que ele estará na festa?

— Eu o contratei para seduzir a Vivianne na época em que tudo aconteceu. Ele passou só uma noite com ela e desistiu de tudo, foi quando procurei o Lucas.

— Ela sabe? A Vivianne sabe disso?

— Eu contei tudo. Porque você acha que ela queria tanto conhecê-lo? Eu me recusei a dizer quem era, mas ela colocou detetives para procurá-lo e por fim o achou. Ela me pediu segredo, então, por favor, não fala nada para o Enzo.



Vivianne

— Eu quero falar com você antes da festa começar. — Disse firme, assim que consegui um momento a sós com Enzo.

— Estou ouvindo. — Disse um tanto sarcástico.

— Eu te amo. Quero que você saiba disso. Te amo mais do que amo a mim mesma. — Ele meneou a cabeça soltando uma risadinha.

— Eu também te amo Vivianne. — Apesar da declaração, soou frio e distante.

— Não como antes! Você ainda me olha como se eu tivesse traído você, e não traí.

— Você quer mesmo voltar a falar disso? — Indagou impaciente.

— Enzo, já faz um ano que você passou aquelas semanas longe, e desde então você nunca mais foi o mesmo, nem com as crianças e nem comigo. Hoje eles completam 3 anos, e é como se eles não tivessem um pai, *tio Enzo*. — Satirizei.

— Para de ser irônica. Eu os trato como meus filhos, não falta nada para eles e nem pra você. — Disse entredentes. — Porque eu os amo, e isso basta.

— Infelizmente não basta. — Fechei os olhos por um instante, reunindo forças. — Eu tenho um presente para você.

— O aniversário é das crianças e não meu. Por que eu ganharia um presente?

— Porque eu te amo, e o presente não é só para você, é para nós dois.

— Deve ser grande então! Onde está? — Continuou naquele tom estranho.

— Está no quarto. Me segue?

Quando abri a porta do quarto, a caixa já estava sobre a cama, como

havia pedido para uma empregada colocar.

Enzo me olhou desconfiado e se aproximou da cama. Me encarou novamente, como se pedisse permissão, e eu a dei com um sorriso. Ele se aproximou mais e desfez o laço, puxou a tampa e ficou paralisado.

— Amor? — O chamei não obtendo sua atenção. — Enzo? — Chamei novamente, e então ele caiu sobre seus joelhos. Seus ombros sacudiam, e eu ouvi o primeiro som de seu choro.

Quando me fitou tinha os olhos cheios de lágrimas, mas também de amor, de recomeço.

— Você tem noção do quanto eu te amo? Que eu sou o filho da puta mais feliz desse mundo por ter você? Meu Deus, eu não a mereço.

Barulhos infantis irromperam o quarto e logo as crianças estavam diante de nós. Assustaram-se com a cena, correndo em minha direção.

— Mamãe? O que o tio Enzo tem? Ele está dodói de novo?

— Não meu anjo, o papai está chorando porque está feliz! — Gabriellen arregalou os olhinhos e aproximou a boquinha do meu ouvido dizendo:

— Shiu, mamãe, a senhora falou a palavra proibida, lembra? Papai, não! Tio Enzo. — Um momento incomodo cortou a nossa felicidade.

Enzo chamou Gabriellen, a colocou em seu colo e após um instante de silêncio, disse:

— Você me perdoa princesa?

— Eu não sei! Não sei o que é perdoar... — Deu de ombros, em toda sua inocência infantil.

— O papai errou, filha. A palavra proibida acabou, você pode me chamar de papai. Por que é exatamente isso que sou, seu pai, e a amo como filha.

— Eu *pedoo* papai! Antony... Antony. — Fez um gesto para o

irmãozinho se aproximar. — Vem, o papai quer que você *pedoe* ele também. A gente pode até falar a palavra proibida.

Tony saiu de trás a porta, onde estivera escondido e correu em direção ao pai.

— Não meu amor, a partir de agora não existe mais a palavrinha proibida. Vocês não só podem como devem me chamar de papai.

Eles ficaram ali no chão, abraçados por longos minutos, até que ouvimos uma gritaria na parte de baixo da casa.



Rafaelly

Eu sinceramente não sei o que Ian viu nessa garota fútil. Lá estava ela, fazendo um escândalo por Ian ter sumido o dia inteiro. Me cansava simplesmente ouvir sua voz de taquara rachada.

— Eu já falei Ellen, fui atrás de um brinquedo para os meus afilhados e Rafaelly estava comigo porque também é madrinha deles, já tínhamos combinado de escolhermos juntos.

— E passou o dia inteiro escolhendo? Desde as dez da manhã? São seis horas da noite, Ian! Seis horas. Você acha que sou idiota? — Gritou, me fazendo revirar os olhos.

— Eu não quero ser grosseiro, então pare de gritar e vamos conversar como adultos equilibrados que somos.

— Pode parar! Não vem dizer que eu sou desequilibrada. — Continuou gritando.

— Se você der mais um grito dentro desta casa eu vou te trancar no lado de fora. — Gritou Ian.

Eu não sei em que momento exatamente Enzo desceu, mas ele parecia bem furioso com o pequeno show.

— Ian ou você leva sua namorada para o escritório e faz ela se acalmar, ou tira ela dessa casa. Os convidados estão chegando e eu não quero um barraco na festa dos meus filhos.

— Seu babaca, escroto! Como você ousa falar assim comigo? Como se eu fosse um nada. E que merda é essa de seus filhos? Achei que você havia se conformado de que não passa de um mero coadjuvante na história dos outros. Primeiro foi da Rafaelly com Ian e agora da amada Vivi com um cara qualquer e os filhotes bastardos...

Foi tudo muito rápido, Enzo partiu pra cima dela e a segurou pelo

pescoço, Vivianne desceu correndo e tentou segurar o marido, mas ele estava cego de ódio. Então Ian o segurou com um mata leão e conseguiu livrar Ellen do seu aperto.

Eu não conseguia me mover, estava estática com toda aquela cena. Enzo agachou-se apoiado nos joelhos, respirando fundo, e Vivianne correu para abraçá-lo.

Como se estivéssemos mergulhados em um filme de terror, a cena conseguiu piorar consideravelmente e Diogo Fox entra.

A sala cai em um silêncio profundo e ninguém falava nada, ninguém mexe um músculo. A semelhança entre ele e as crianças eram inegáveis.

— Ora, ora.... Se não é o ator principal dessa saga... — Ellen falou venenosa, mas para a surpresa de todos, Enzo se levantou e lentamente foi até Diogo, estendeu a mão e disse:

— Desculpe pela cena! Estamos tendo uma pequena discussão em família.



Trinta e oito – Enzo Gabriel

— Sem problemas, eu sei bem como é! — Diogo respondeu, parecendo surpreso.

Eu não sei explicar como foi difícil procurar o "pai" dos meus filhos. Sim! Meus filhos.

Eu tomei essa decisão depois do que houve entre Rafaelly e eu, quando nos estabilizamos do choque que tomamos com nossa perda de controle. Conversamos sobre o que faríamos e depois ela me contou tudo sobre Diogo Fox, e foi aí que decidi que deveria fazer a coisa certa pela mulher que eu amo e por meus filhos.

Quando o encontrei não foi a coisa mais agradável, nós discutimos, caímos na porrada e por fim chegamos a um denominador comum, e por isso ele está aqui na festa de aniversário dos *meus* filhos.

— Posso saber o que está acontecendo? O que eu perdi? — Perguntou Vivi, visivelmente abalada.

Ian e Rafaelly me olharam com orgulho, e Ellen, que ainda estava no chão, soltou mais um deboche. E como todos sabem, não sou a pessoa mais controlada do mundo...

— Se você me der licença Diogo, eu irei colocar o lixo para fora, e já volto para conversar com você. — Estava prestes a pegar a cobra pelo pescoço mais uma vez, meu irmão se pôs na frente dela e disse:

— Eu cuido dela. Vá fazer o que você tem que fazer, e saiba que estou muito orgulhoso de você.

Assenti, controlando-me. Conduzi Diogo e minha linda mulher, que estava mais branca que folha de papel, para o escritório.

— Bom, acho que antes de começar a nossa conversa você deve cuidar da sua esposa, ela me parece bem instável. — Diogo disse sensato. — Tudo

bem, Vivianne? — Minha esposa parecia estar em outro mundo.

— Amor, você quer um copo de água?

— Eu não sei, não sei o que eu quero. Estou um pouco confusa. — Ela me respondeu em um fio de voz.

— Confusa com o que? Até onde eu sei você tinha marcado com ele hoje. Ou não?

— Eu... Eu marquei, mas o que você está fazendo?

— Estou fazendo o certo! O que você queria que eu fizesse. — Comento com um sorriso sereno. — Vou deixar vocês dois sozinhos, e quando você acabar, me chama, por favor.

— Fica aqui. — Pediu temerosa.

— Eu prefiro assim, amor! Conversa com ele, tire suas dúvidas e me chama quando acabar.



Vivianne

Eu estava totalmente aérea, tentando assimilar as coisas. Primeiro o showzinho ridículo da Ellen na sala, atacando todo mundo. Depois Enzo quase a matando sufocada, e então *ele*...

Meu Deus, onde foi que eu perdi a parte em que meu nada amistoso marido tenta matar o verdadeiro pai dos meus filhos? Por que não aconteceu?

— Você deve estar se perguntando como Enzo e eu acabamos nos tornando "colegas", digamos assim... — Diogo me tirou dos meus devaneios.

— Eu estou confusa! — Confesso a ele.

— Enzo me procurou há uns meses atrás, ele me parecia bem transtornado. Nós tivemos um mau momento juntos, até ele cansar, sentar e começar a chorar. Então decidiu agir coerentemente e abriu o jogo, falou tudo o que estava acontecendo. No entanto, eu sabia de tudo antes mesmo dele começar a falar, já que antes dele me encontrar, você já tinha feito.

— Por que você não me contou?

— Porque ele me pediu. Acho que queria fazer surpresa ou simplesmente não estava pronto para isso. Você queria me conhecer melhor, pessoalmente e aqui estou eu, mas tenho algo a dizer antes de tudo.

— O que é?

— Você sabe por que aconteceu aquilo entre nós dois? — Meneei uma negativa. — Nem eu e nem você esperávamos que isso fosse acabar assim, com você tendo dois filhos meus. Você aceitou e quis que fosse adiante, mas eu não quero Vivianne. Eu não quero ser pai, eu não quero ter vínculos com você ou qualquer outra pessoa daqui. Eu tenho uma vida e pretendo segui-la sem nenhum empecilho, se é que você me entende. Pode parecer egoísmo, mas estou ajudando a mim mesmo e a vocês também. Depois do que fiz, é minha melhor forma de ser justo.

— Você não quer nem mesmo conhecê-los?

— É melhor assim. Fico feliz que você esteja bem. A maternidade lhe fez muito bem. E confesso que fico feliz que Enzo tenha se colocado como pai. Tenho certeza que vocês farão um bom trabalho com eles.

— Meu Deus, eu não entendo...

— Você não tem que entender. Esse sou eu, uma pessoa livre, que não cria raízes.

— Tudo bem! — Digo seca.

— Eu sinto muito que nosso encontro e nossa conversa não tenham saído como você imaginou. Espero de coração que vocês sejam muito felizes.

— Para falar a verdade nem eu sei como queria que fosse nossa conversa.

— Adeus Vivianne!

— Adeus Diogo! — Aceno, vendo-o partir.

Estou feliz por conseguir fechar esse ciclo.



Ian Gabriel

— Está mais calma? — Perguntei a Ellen.

— Por quê? Por que você não pode simplesmente me amar? Por quê?

— Desculpa. Eu nem mesmo me esforcei, já que eu sabia que não daria certo. Meu coração pertence à outra pessoa e desde o início eu lhe disse isso. Não com palavras diretas, mas sempre deixei claro que não a amaria por completo.

— Você nem se quer tentou. Eu te amo tanto! Meu Deus dói tanto amar. Eu não quero isso. — Confessou quebrada.

Me partia o coração vê-la daquela forma, eu sei como dói amar. E me culpo por, decerta forma, ter alimentado esse amor.

— Me perdoa? Por favor? Eu nunca quis brincar com você.

— Não tem perdão. Não quero vê-lo feliz com aquela mulher. Quero que sofram! — Disse com ódio na voz.

— Eu já sofri Ellen, mais do que um homem pode suportar. Eu já sofri e eu tenho esperança de que eu vou recomeçar minha vida com ela, e Deus vai nos ajudar a recuperar e curar cada ferida que nos causamos todos esses anos.

— Eu desejo do fundo do meu coração que ela mate você desta vez! — Foi a última coisa que ela disse antes de se virar e sair.



Rafaelly

— Eu espero não ter chego tarde demais para ver a festa ferver. — Quase caí para trás ao ver Lucas em minha frente.

Não esperava que ele estivesse aqui.

— Olha para você. Está lindo! — Gritei, me jogando em seus braços.

— Desse jeito minha namorada vai ficar com ciúmes e Ian também. — Brincou, me dando um beijo na testa.

— Deus, me desculpe. — Corei, só então notando a mulher ao seu lado. — Olá, sou Rafaelly!

— Eu sei! — Sorriu simpática. — Lucas me falou muito sobre você. Sou Juliana, Prazer!

Nos abraçamos, e logo voltei minha atenção para Lucas, passando os últimos acontecimentos.

— Você perdeu duas brigas e um momento bem confuso!

— Quero saber de tudo.

— Lucas? — Enzo nos interrompe.

— Olá Enzo, espero ter chego a tempo. — Os dois se cumprimentam.

— Já era, você perdeu! Ele acabou de sair.

— Não acredito que você bateu nele sozinho. Nem deixou um pouco para mim? — Brincou, fazendo-nos rir.

— Ora, Lucas, eu não sabia que você era uma má influência para o meu marido. — Vivianne apareceu em nosso campo de visão. Sorridente.

— Oi anjo. Você está linda. — Elogiou, abraçando-a.

— Você também está lindo, e sua namorada é muito mais bonita pessoalmente.

Nesse momento Ellen passa entre nós, parece colérica. Para na minha frente dizendo:

— Vê se faz o trabalho direito desta vez e mata ele de verdade, cadela maldita. — Arregalo meus olhos, sem entender o surto.

Na verdade, ninguém havia entendido. Ela sai feito um furacão, e em seguida Ian aparece.

— Desculpem por isso. — Diz.

— Relaxa Irmão! Tem gente que não sabe perder. — Enzo disse com um sorriso reconfortante para o irmão.

— Olha quem veio nos visitar. Lucas — Eles se cumprimentam.

— E aí Ian como andam as coisas? — Lucas indaga.

— Vão ficar muito melhores de hoje em diante. — Ian retruca confiante, me arrancando um sorriso.

A festa foi perfeita! As crianças se divertiram muito, mas posso jurar que nos divertimos mais do que elas.

Ian e eu, Lucas e Juliana, Enzo e Vivi, nós parecíamos crianças de novo. Riso fácil, troca de carinhos e elogios, e até parecia que não tínhamos passado por tantas coisas ruins. Tudo ficou ainda melhor quando Vivianne falou de sua gravidez e juntos comemoramos essa benção.



Ian Gabriel

ALGUNS ANOS DEPOIS

Rafaelly e eu nos casamos na praia, no horário da manhã, escolhemos o horário para combinar com nosso momento, estávamos em um novo amanhecer em nossas vidas.

Ela disse que sim assim que o sol raiou e ali selamos nossa aliança. De fato, ela não podia mais ter filhos, depois de tudo que passou. Depois de muito choro e diálogo decidimos adotar um, Miguel.

Miguel foi abandonado no orfanato por uma jovem que no meio do desespero dela apenas disse que gostaria que batizassem seu menino de Miguel. Ele é um bebê lindo e Rafa parece gloriosa com ele nos braços.

Vivi e Enzo estão loucos com três crianças para dar conta, mas eles estão se saindo super bem.

Lucas e Juliana voltaram para Florianópolis logo após do aniversário de Gabriellen e Antony, mas sempre que podem veem passar um tempo conosco, e Ellen com o tempo aceitou o fim do nosso relacionamento, e sumiu do mapa.

Passamos por muita coisa, maus momentos, choramos, sofremos, mas nos perdoamos para enfim viver algo novo. Fizemos o nosso melhor e aqui estamos para viver nosso felizes para sempre.

Fim

Agradecimentos

Em primeiro lugar eu agradeço a Deus por ter me apresentado com este dom, por ter posto em mim a criatividade necessária para criar tantos mundos alternativos, pois cada livro que lemos nós entramos em uma atmosfera única.

Agradeço a minha família, principalmente a minha mãe e meu pai que me apoiam e acreditam no que faço me dando o espaço e força necessária.

Agradeço a cada amigo que fiz no meio literário e em especial as autoras que me ajudam diretamente, Autora Juju Figueiredo que me dá assistência e atura as minha loucuras quase que 24 horas por dia, Autora Mari Sales que por vezes puxou minha orelha e é quem faz as capas maravilhosas dos meus livros, Michelle do grupo encantadas que faz os brindes que os leitores amam e muitas outras que não irei conseguir citar aqui, meu muito obrigada a cada uma por tudo.

Acho que mais do que qualquer coisa o sentimento que resume tudo para mim ao lembrar de vocês é Carinho e gratidão

Sobre a autora

Ana Caroline. 28 anos.

Mora em Vitória, mas é natural do Rio de Janeiro, possui ensino superior incompleto. (Curso psicologia 5º período).

Sua inspiração de escrita vem de seus sonhos e desejos pessoais.

Possui seis obras:

UM NOVO AMANHECER - Romance com um cadeirante. Romance único e primeiro livro lançado da autora, está repostado no wattpad.

Trilogia O SEQUESTRO DE KATHERINE - Suspense com uma pitada de romance Dark, com o primeiro livro já completo no wattpad e o segundo livro da trilogia começará dia 20/05.

UM AUTISTA EM MINHA VIDA - Romance que envolve uma chefe arrogante e um Estagiário com TEA, também sendo postado no Wattpad.

"QUEM NUNCA..." — Romance. (Ainda não publicado).

Espero que tenham gostado de conhecer uma de minhas parceiras, logo, logo apresentarei mais uma.

Redes Sociais da autora

Instagram: <https://www.instagram.com/anacarolinevianaalexandrino?r=nametag>

Facebook: <https://www.facebook.com/anacarolne.viana.9>

Wattpad: AninhaAninha1

Email: anacaroline127@gmail.com